



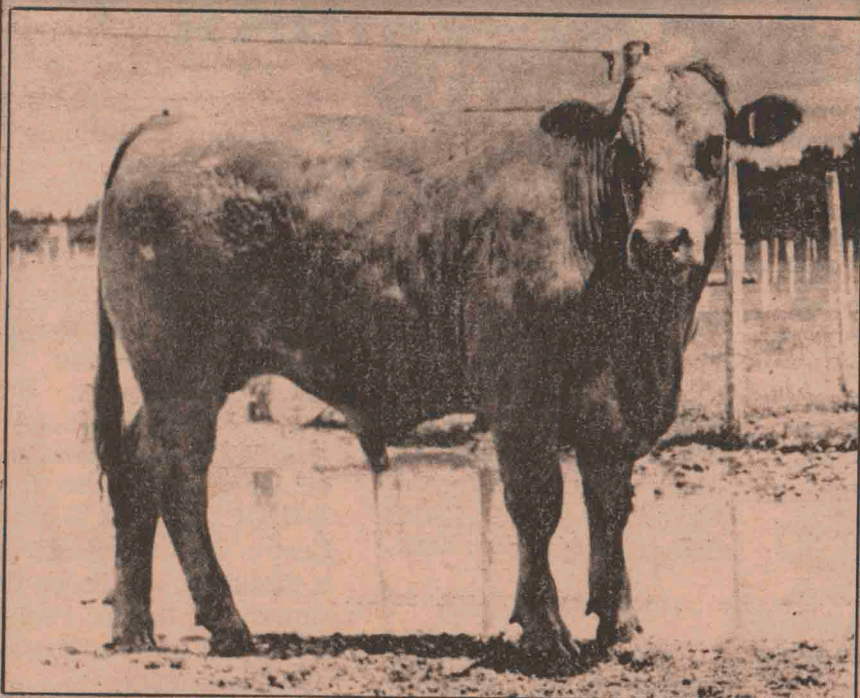
## A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE COOPERATIVA

Destacamos nesta edição a participação da mulher no contexto da sociedade rural cooperativista. Analisada a nível de comunidade local, nem assim os assuntos debatidos deixarão de ser válidos para mulheres de outros quadrantes brasileiros. Pode-se dizer que, com maior ou menor intensidade, o problema que aflige a mulher rural do Nordeste, do Centro ou do

Oeste, também se reflete na mulher do Sul. Trabalhos caseiros, cuidados com o marido, com os filhos; responsabilidades sociais e culturais, participação na comunidade, compromissos de ordem religiosa. E muitas, além de tudo isso, ainda colaboram nos trabalhos de lavoura ou de criação de animais domésticos, pois é comum que no interior, todos trabalhem e nin-

guém escolha serviços. Das páginas 4 a 8 vamos tomar conhecimento das aspirações da mulher da região. Suas lutas no dia-a-dia, seus esforços no trabalho e na educação familiar. Seus prazeres, seus dissabores e, acima de tudo, como uma visão para um futuro melhor, sua crença na sociedade cooperativa como única solução válida para nossos problemas globais.

## TERNEIRO PRECOCE EM NOVA FASE



A COTRIJUI promoveu o II Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul. Um total de 105 animais procedentes de diversos municípios passaram pelas vistas dos julgadores no Parque Rural de Dom Pedrito, impressionando os próprios jurados que constataram um progresso realmente acentuado até mesmo em relação aos precoces do primeiro concurso, no ano passado. Nesta edição, à página 15, damos detalhes do concurso e na página 3 (editoriais) analisamos o sentido sócio-econômico do empreendimento, sob o título "Quando falta curiosidade".





Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUI - RS  
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO  
Diretoria Executiva  
Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva - Eng. Agr.

Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews  
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:  
Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)  
Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarello, Flávio Sperotto e Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)  
Antonio Primo, Itavino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)  
Bruno Eisele, Antonio Cândido da Silva Netto, Olympio Belline.

Conselho Fiscal (Suplentes)  
José Cláudio Koehler, Leonides Dallabrida, Telmo Rovero Ros.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto	77.000 t
Tenente Portela	60.800 t
Vila Jóia	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.)	50.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	48.000 t
Maracajú	84.000 t
Sidrolândia	12.000 t
Rio Brilhante	12.000 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 17.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

**AJOCOOP**  
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE:

Redação e Administração  
Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUI - RS

TELEFONE: 2066 e PBX  
Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável - RAUL QUEVEDO - Reg. profissional no MTPS 1176.

Redatores:  
Valmir Beck da Rosa  
João Roberto Vasconcellos  
Composto no JORNAL DA MANHÃ, Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SER-RANO - Cruz Alta.

**CARTAS**

**PARABÉNS SIEGFRIED**

Prezado Editor . . . Quem realmente se beneficia com o "progresso"? Acaso não serão as empresas multinacionais e uma pequena parcela de brasileiros privilegiados? Ou poderíamos dizer que os beneficiados são todos os brasileiros, inclusive os pequenos agricultores, os agricultores sem terra, ou os operários das cidades? Não serão estes os marginalizados do tão propalado desenvolvimento?

A reportagem publicada no COTRIJORNAL de outubro com o agricultor Siegfried Kraemer e o editorial sobre os valores da soja e do trator, nos fazem pensar muito sobre o assunto.

Outra questão a ser colocada. Em algum momento se perguntou ao agricultor se ele queria trocar a junta de bois pelo trator? Não estaríamos sofrendo uma invasão tecnológica, uma modernização forçada que beneficia poucos e marginaliza muitos; destrói nosso ambiente natural e que faz com que muitas vezes as pessoas percam o verdadeiro sentido da vida? Parabéns senhor Siegfried. Continue à moda antiga. Cordialmente, Leonardo Dirceu de Azambuja, Ijuí.

**VENCI O CIGARRO**

Senhor Redator: . . . Dispensarei maiores comentários ao COTRIJORNAL. Pois sem sombra de dúvidas o próprio jornal é testemunha, conseguindo uma composição invejável para muitos órgãos de nossa imprensa. Ele é capaz de atrair a atenção não só de técnicos do setor, autoridades e membros do quadro social, mas dos mais variados leitores.

Agradeço pelas ferrenhas campanhas antitabagistas, que me atingiram, pois abandonei o vício maldito. Fiz minha "independência" a partir de uma data que jamais esquecerei: 7 de setembro de 1975.

Merecem os maiores elogios os assuntos de saúde e também de história, com temas maravilhosos como por exemplo, a descrição Maçônica do Escudo Rio Grandense, além de outros também de interesse geral e da Sublime Or-

dem. Assim, tomo a liberdade de solicitar se digne incluir entre os contemplados com o COTRIJORNAL a minha Augusta, Respeitável, Benemérita e Mui Excelsa Loja Simbólica "União Constante" (fundada em 13 de junho de 1840), cujo endereço é rua Silva Paes, 380, Rio Grande, onde o jornal já encontra grande receptividade por exemplares meus encaminhados para lá.

Quanto a meu exemplar peço que remeta para a rua General Vitorino, 182 - 96.200 - Rio Grande. Com um tríplice abraço, engenheiro José Maria Lisboa dos Santos Souza.

**NA ÁFRICA**

Prezado Editor . . . Segue em anexo um pequeno artigo que escrevi recentemente sobre o cooperativismo na África, onde procuro dar um apinhado sucinto sobre a evolução, natureza e particularidades de sua existência naquele continente. Não sei em que medida ele poderá interessar ao COTRIJORNAL, a não ser o fato de se tratar de um tema relativo à cooperação e, quiçá, contribuir para a "cultura cooperativista" propriamente dita.

Para efeito de sua informação, comunico que tenho mais dois artigos no mesmo gênero, tratando do cooperativismo em Israel e na Suécia. Atenciosamente, Carlos Lana, Antony, França.

**HIPÓLITO DA COSTA**

Senhor Editor. Ao procedermos levantamento das publicações que nos estão sendo remetidas, constatamos que a coleção do COTRIJORNAL encontra-se sensivelmente desfalcada.

Certos de podermos contar com a sua colaboração para que possamos ter no Acervo do Museu de Comunicação Social "Hipólito José da Costa" todos os números desse importante veículo de comunicação, enumero aqueles exemplares que nos faltam ( . . . ) Antecipando agradecimentos pelas providências, subscrevemo-nos atenciosamente. Ligia Maria Peres Tricot, diretora. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

**ADUBO COMPOSTO**

Prezado Editor . . . Trata-se de uma tradução e adaptação do Boletim da FAO sobre solos, de n° 40 - "China Recycling of Organic Wastes in Agriculture" (1978). Acredito que o assunto possa ser do interesse dos leitores do COTRIJORNAL, mormente quando se desenvolve uma campanha pela diversificação da produção nas pequenas propriedades.

Aproveito o ensejo para enaltecer o COTRIJORNAL, excelente fonte de informação e atualização sobre a nossa realidade rural. Atenciosamente, eng. agr. Osmar Goeden Reis. EMBRATER, Brasília.

**COLEÇÃO PARA SÃO PAULO**

Prezado Redator Responsável. Há poucos meses conheci o COTRIJORNAL (n° 52, maio de 1978) e deste modo achei-o surpreendente, visto o nível do mesmo. Mas cada número seguinte supera a minha expectativa. Assim, sendo, comecei a guardar os exemplares, pois eles se constituem numa importante fonte de consultas para quando eu estiver trabalhando. Pensei no grande valor que teria uma coleção completa (observe que não me refiro ao valor em dinheiro), não só para mim, mas também para outros colegas que estiverem trabalhando na minha região.

Por isso lhe consulto sobre a possibilidade de me conseguir os exemplares de n° 1 a 51, que será de excepcional utilidade. Antecipando agradecimentos, subscrevo-me atenciosamente. Antonio Ferracci Filho (3° ano ESALQ), rua Pirapora 315, Vila Mariana, São Paulo, Capital.

**AERoclUBE DE S.M.**

Prezado Editor . . . Assim, solicitamos que ao enviar-mos notícias para o COTRIJORNAL nos de cobertura, a fim de criar uma motivação coletiva que virá auxiliar no desfecho positivo à coletividade de sua área de atuação. Atenciosamente, dr. Carlos Gama, presidente do ASM.

**ITANHÉM, BAHIA**

Senhor Editor. Sendo profissional em Zootecnia,

peço informação de como receber o COTRIJORNAL, que goza de tanto conceito nesta região da Bahia. Certo de sua atenção, atenciosamente, Geraldo José Murta, Praça da Liberdade, 126 - 45.970 - Itanhém, Bahia.

**NÃO QUERO PERDER**

Senhor Editor. Aproveitei o carimbo do correio para agilizar a remessa de meu novo endereço pois não quero perder nenhum número do COTRIJORNAL. De Santo Ângelo mudei-me para Uruguaiana, Agência do Banco do Brasil. Com saudações cooperativistas, João Dalla Valle.

**INFORMAÇÕES DIVERSAS**

Sr. Carlos Lana, Antony, França: seu bom artigo está publicado na presente edição. Engenheiro José Maria Lisboa dos Santos Souza, Rio Grande. Parabéns por ter deixado de fumar e gratos pelas elogiosas referências. Jornalista Ligia Tricot (M.C.S.H.J.C.) remetemos em separado os exemplares solicitados para o Museu. Eng. Agr. Osmar Goeden Reis, Brasília. Estamos publicando sua excelente colaboração, o que agradecemos. Estudante Antonio Ferracci Filho, São Paulo: Lhe remetemos em separado os exemplares, 24, 25, 32, 34, 35, 37, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50 e 51. Nos informe se recebeu. Dr. Carlos Gama, Santa Maria. Mandemos o material que teremos o prazer de ir publicando, dentro do possível. Sr. Geraldo José Murta, Itanhém, Ba. Incluímos seu nome para receber o COTRIJORNAL.

Estamos cientificados dos seguintes assuntos e pessoas: Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina (FE-COAGRO); Roque José de Brito, Banco do Brasil, Tobias Barreto, Sergipe; João Dalla Valle, Banco do Brasil, Uruguaiana, RS; Proal - Programação e Assessoria Editorial, São Paulo; Alberto Tomelero, COTRIJUI, Coronel Bicaco; Centro de Documentação e Biblioteca do Banco da Amazônia, Belém, Pará e Lamartine dos Santos Jardim, Santa Maria, RS.



# A "CULPA" DE UMA INOCENTE

Repetidamente, a agricultura tem sido identificada por autoridades financeiras, como agente dinamizador da inflação. De nossa parte, e em atitude de legítima defesa (como veículo pertencente a uma cooperativa de produtores agrários, nos consideramos no dever de defender sua causa), temos usado este espaço com relativa frequência para rebater tais argumentos.

Aprioristicamente, seria de supor-se desnecessário tais argumentos de defesa. Qualquer pessoa de boa fé e dotada do mínimo de conhecimentos e de informação, sabe que jamais a criação de um bem; uma riqueza produzida, poderá gerar inflação. Agora, se mecanismos estranhos ao trabalho gerador da riqueza; se grupos intermediários existentes na sociedade, interferem na riqueza produzida e agem no sentido de obter lucros extraordinários, inflacionando-lhe os custos na passagem de mão em mão, então — pelo amor de Deus — qualquer criança deve saber que a causa desta inflação é a mercância e não o produto gerado.

Sem dúvida há má fé, notória má fé, quando se acoima a agricultura de inflacionária. Todo mundo sabe que os preços agrícolas são medidos no atacado e não na lavoura. Quer dizer: quando se armam as tábuas estatísticas, os preços já estão acumulados dos custos de transporte, de lucros dos intermediários e até do ICM.

O jornalista Joelmir Beting, um experimentado analista econômico, diz que "antes de-se colocár a agricultura no banco dos réus, devemos oferecer-lhe a cadeira de rodas da vítima". Na verdade, ela não consegue sequer repassar para o com-

prador a inflação que recebe com casca e tudo . . . Coisa que o intermediário, por definição, faz com a maior tranquilidade.

Segundo o referido jornalista, a própria indústria, que se diz arrojada pelo CIP (Conselho Interministerial de Preços), consegue repassar custos documentados. Mas a agricultura — enfatiza Beting — "pode documentar até a mãe que não repassa nada".

Haja visto o caso do preço mínimo, fixado até seis meses antes do plantio, que ousa "adivinhar" o comportamento de mercado no ano seguinte. Então, ocorre que na fatura, os preços são aviltados a nível de campo, para ressurgirem majorados na cidade a nível de consumidor final. E a culpa é da agricultura . . .

Não é de mais lembrar a estatística que divulgamos na edição anterior sobre os custos de um trator de 44 HP em relação a diversos produtos agrícolas, conforme uma pesquisa feita pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Por aquela estatística, no período de janeiro a maio do corrente ano, os agricultores de nossa região tiveram que vender 603 sacas de soja ou 1.047 sacas de milho para comprar um tratorzinho daquela potência. E para que se faça uma idéia mais clara do que representam 603 sacas de soja, diga-se que são necessários 20 hectares de lavoura com boa produção para render aquele montante de soja.

Em face do exposto, chega-se a conclusão que na realidade tem razão o jornalista Joelmir Beting quando vislumbra a agricultura sobre uma cadeira de rodas.

# QUANDO FALTA A CURIOSIDADE

Com frequência, tem-se lido nos jornais e ouvido nas emissoras de rádio e televisão, declarações entusiásticas de autoridades brasileiras vinculadas à pecuária, sobre o elevado estágio de criação nos Estados Unidos e Europa. É normal que ao retornarem de viagens àqueles países, concedam entrevistas manifestando-se "maravilhados" com o que viram nos campos consorciados de "Midle America", da Normandia, do Loire ou do Vale do Reno.

O repórter, dada a sua longa vivência em jornais onde sempre esteve vinculado a setores de produção, cansou de ouvir tais autoridades repetir que aprenderam muito pelo contato direto com tais tecnologias de criação, prometendo fazer tudo o que estivesse ao dispor de "sua Pasta", para que nossos produtores também se capacitassem a essas tecnologias.

Essas considerações afluíram a cabeça do repórter no último dia 27, em Dom Pedrito, quando se realizava ali o II Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul. Ao desfilar pela pista de julgamento do Parque Rural belos exemplares dois dentes, pesando mais de 500 quilos, o repórter olhava em volta buscando a presença de apenas uma autoridade vinculada ao setor da pecuária gaúcha e não via ninguém. O público era constituído por técnicos e funcionários da COTRIJUI, expo-

sitores e pecuaristas liderados pelo presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, sr. João Alberto Blanco. De autoridades, ninguém.

O repórter, que ainda em 1974 visitara os campos de criação intensiva de Illinois, Minnesota e Iowa, inclusive o "Farmer Progress Show", em Fort Dodge, constata em Dom Pedrito uma perfeita reedição daqueles processos de engorda dos norte-americanos. Não havia qualquer diferença. Ou melhor, havia diferença nas raças. Os americanos preferem os puros de pedigree enquanto nossos criadores estão preferindo os cruzados, por serem mais rústicos.

Mas o tempo do desfrute, a estrutura dos animais, sua terminação de engorde e o rendimento constatado logo após o abate, no dia seguinte, tudo se confundia perfeitamente com o que vira quatro anos atrás, nos Estados Unidos.

Resta somente dar parabéns aos nossos técnicos que tão bem orientaram os criadores e a estes por terem acreditado nos nossos técnicos. E ao mesmo tempo lamentar a ausência daquelas autoridades que gostam de elogiar o que se faz lá fora e por vezes esquecem que nós também temos capacidade e técnica para fazê-lo. Eles perderam um bonito espetáculo.



# A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE COOPERATIVA



Até que ponto a mulher brasileira participa hoje da vida na comunidade? Bem, a mulher rica, ou da chamada "alta sociedade", não faz nada. Ou melhor: vive de boutique em boutique, vai no cabeleireiro e frequenta os clubes de luxo. Já a mulher da classe média trabalha. E trabalha muito. Elas formam o exército das professoras, funcionárias públicas, secretárias. Ainda um outro contingente mais humilde é constituído pelas comerciarias, industriarias e até empregadas domésticas.

O COTRIJORNAL reuniu em torno de uma mesa um grupo de nove donas-de-casa residentes no interior de Ijuí e Augusto Pestana. São todas elas esposas de pequenos e médios proprietários rurais. No debate a seguir será possível se fazer uma idéia do que elas pensam, suas aspirações e o importante trabalho

que desenvolvem a bem de suas respectivas famílias e suas comunidades.

Do debate orientado pelo repórter Valmir Beck da Rosa, participaram: Maria Elizia Bremm (Rincão dos Ferreira, 50 hectares); Wanda Maroski (Ponte do Ijuizinho, 22 hectares); Odilse Eickhoff (Vila Floresta, 107 hectares); Meta Krampe (Linha 9 Leste, 70 hectares); Eliria Faustini (Vila Floresta, 12 hectares); Gertrudes Commandeur (Linha 6 Norte, 100 hectares); Olinda Ketzner (Linha 6 Norte, 48 hectares); Norma Schorn (Rincão do Tigre, 28 hectares) e Amélia Fachin, localidade de Saltinho, 30 hectares. As participantes do debate são membros de núcleos de senhoras que se reúnem sob a coordenação das extensionistas Noemi Huth e Iolanda Teixeira, do Setor de Comunicação e Educação da COTRIJUI, que também participaram do debate.

## A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO

COTRIJORNAL — As senhoras vêm a necessidade de ter uma orientação na área de economia doméstica junto à família do associado? Por que?

GERTRUDES — Precisamos, sim. Precisamos nos alimentar bem para ter a força do trabalho. Por isso acho válido.

OLINDA — Outra coisa. Tem certos alimentos que a gente nem sabe preparar. Antes dos cursos nem se sabia o valor de certos alimentos, coisa que a gente foi aprendendo.

NOEMI — Acho que percebemos que nessa área não entraria só a alimentação, mas também trabalhos manuais, higiene, enfermagem, puericultura.

ODILSE — Eu acho que até o próprio encontro que a gente tem, no mês, só para discutir isso tudo, já é válido.

COTRIJORNAL — A dona Odilse falou em discutir. Então passamos para outra pergunta. Além dessa orientação na economia doméstica, seria também importante para a família associada à COTRIJUI esse trabalho de conscientização cooperativista que o setor de comunicação desenvolve junto aos núcleos de senhoras?

GERTRUDES — A mulher, em geral, ela participa mais dessas coisas do que o homem. Nós estamos em todos os setores de trabalho. Na cozinha, lavoura, horta, cuidando das vacas.

META — E mesmo na lavoura. O fiscal vem lá em casa e pergunta: "Que trigo vocês plantam?" Então a mulher tem que saber tudo, porque o mari-

do, os filhos, eles estão lá na lavoura plantando aquela ou aquela outra qualidade. E tem o trigo semente. Então eles perguntam: "Eles já estão colhendo o trigo para semente"? E a gente tem que saber.

NORMA — Lá em casa, a gente antes de plantar programa, qual a variedade de trigo ou soja, seja lá o que for; aquele pedaço vai ser preparado para isso. Tudo é programado antes, então quando chega a hora, todos estão sabendo. Eu acho que, já que não deu para estudar quando era nova, tem que dar um pouco de si agora.

ODILSE — Eu acho que não fosse essa união em cooperativa, nós hoje não saberíamos nem o que é um dólar.

WANDA — É, mas tem uns que nem querem ouvir falar em cooperativa, porque pensam que comércio é tudo. Tem gente que nem sabe o que é a cooperativa.

NOEMI — A sra. disse que não sabem o que é a cooperativa. O que se deveria fazer para que esse pessoal...

WANDA — Sabe, uns que plantam bastante não estão de acordo, porque eles têm de descontar um capital grande, enquanto pequeno é pequeno.

AMÉLIA — Bem, mas dos pequenos também a cooperativa desconta um pouco, não é? Agora, se de um desconta mais, é porque tem a renda a mais também.

OLINDA — Por isso fizemos tantas reuniões, não é. Para descontar uma parte que possa igualar todos.

## NECESSIDADE DA CAPITALIZAÇÃO

NOEMI — Uma vez que entramos na parte de descontos, qual a opinião pessoal de vocês, depois daquilo que debateram nos núcleos e mesmo em casa, sobre capitalização?

META — Na última reunião que tivemos todos foram de opinião de descontar três por cento em todos os produtos. Se a gente não vai ajudar a ter alguma coisa, nós somos os



prejudicados. Porque quanto mais cresce a cooperativa, aí nós somos beneficiados.

**GERTRUDES** — O nosso núcleo (Linha 6 Norte), como foi assim uma sugestão, sugeri que a capitalização fosse de dois por cento, geral, em todos os produtos. Porque a cooperativa é nossa, e quanto mais ela cresce, mais segurança dá, em questão de uma frustração ou qualquer coisa que possa acontecer. E nós precisamos mantê-la, para depois ter retribuição.

**NORMA** — Eu concordo com uma taxa só, mas que não seja muito alta. Porque se não corre o perigo de o associado desviar a produção. Então ele vai entregar soja para pagar financiamento, e o resto vai vender para o comércio.

**GERTRUDES** — Mas o pessoal acha muito dois ou três por cento. Se eles vão negociar com o comerciante, eles vão tirar dez, vinte por cento e nós

nem estamos notando aquilo. E nós não queremos deixar na cooperativa, que é nossa?

**META** — Por isso tem de haver as reuniões, para todo o mundo ficar esclarecido. Se nós descontam aqui, no nosso produto, nós temos tantos outros benefícios da COTRIJUI que um negociante não dá para nós. Então, sempre vale a pena nós entregar na cooperativa.

**AMÉLIA** — Agora, é válida a reunião, se participam dela. Porque se não tomam parte, o que vale? Se existe dificuldade, temos de estar ainda mais unidos, e não ainda desviar produção. Porque o comerciante não vai nos dar financiamento.

**NORMA** — Pois é, e a cooperativa faz financiamento até para os que ainda não têm cartão de aptidão. Foi o que o dr. Ruben falou esses dias, na reunião.

na COTRIJUI, na safra de 1977 ou 78. E os que não possuem cartão de aptidão, poderão comercializar só 10 por cento sobre a entrega feita em 1978. Não adianta nós termos 17 mil associados, se eles não acreditam na filosofia cooperativista. A verdade é que nesse negócio de capital as cooperativas estão com um pouco de medo. Nós inclusive quando assinávamos contrato com o Banco do Brasil para financiamento de armazéns, a gente afirmava que descontava três por cento no trigo e três por cento na soja. Só que como na soja houve sempre muita concorrência, nós, as cooperativas, não chegamos a descontar. Mas também a situação era outra. Todo o dinheiro que as cooperativas pegavam para comercialização, era dinheiro subsidiado pelo governo. Normalmente, o juro desse dinheiro variava de 13% a 15% ao ano. Hoje, a média do custo do

dinheiro já não é mais esta. Tem uma porção de linhas de financiamento que já estão a quatro por cento ao mês. E quem é que vai pagar esse custo? Somos todos nós, associados, produtores, não a direção. As nossas dívidas, somando tudo, estão ao redor de Cr\$ 500 milhões. Nosso patrimônio anda ao redor de Cr\$ 2,5 bilhões. Exemplificando, se nós vendêssemos alguma coisa por um valor de Cr\$ 500 milhões, não deveríamos mais nada para ninguém. O certo, então, seria durante cinco anos entrar na cooperativa, pela capitalização, Cr\$ 100 milhões por ano. Mas é claro que nesse prazo não se vai atingir isso. É como na agricultura, não se consegue saldar os financiamentos num só ano. Então, não só a COTRIJUI, mas outras cooperativas estão passando à capitalizar na soja e outros produtos, como uma necessidade.

cordo que um filho dá para a gente fazer estudar na cidade. Mas e onde tem uma porção?

**GERTRUDES** — É, é difícil, nós temos três filhos. Mas tendo uma meia colônia, ou uma colônia de terra, ainda dá para viver. Fazendo diversificação, criando de tudo um pouco. Porque na cidade, não sei. Só para quem tem uma profissão muito boa.

**OLINDA** — Mas eu acho difícil eles pegar emprego. A gente mesmo ouve falar, porque os moços da colônia são mandados para a cidade? Lá eles ficam se vendo, é difícil arranjar colocação. Outros dizem: Não, é bom que eles vão aprender. Eu, na minha opinião, acho que se a gente tem terra e dá para os filhos viver junto, melhor. Tenho dois filhos, e esses querem viver na agricultura.

**AMÉLIA** — Eu penso que muita gente que vai para a cidade é porque não tem vontade de trabalhar. Acham muito duro ficar na roça. Na nossa zona é o que se vê. Eles vão na roça obrigados e acabam indo então para a cidade.

**META** — O meu marido tem o cartão 31 na COTRIJUI, portanto é um dos primeiros. Ele passou muitas dificuldades. Com toda aquela papelama de banco, era difícil, então fizemos tudo para os filhos estudar. Mas só um se submeteu ir para a cidade. Aguentou dois anos e voltou para casa dizendo: "Pelo amor de Deus, não me mandem mais". Trabalha dia e noite no trator. Então eu acho que, de jeito nenhum podemos impor, obrigar uma criança ir para a cidade.

**COTRIJORNAL** — Vamos generalizar um pouco mais. Se pensarmos em êxodo rural a nível não só de suas famílias, mas também dos empregados rurais. Qual seria a causa geradora do êxodo?

**NORMA** — Eu volto a dizer que para mim é a falta de terra. Se o colono tivesse onde produzir não deixaria a roça. Devia de ter um financiamento para que ele tivesse terra pelo menos onde começar. Porque assim ele não tem chance. Se o pai não pode dar um pedaço de terra, ele não tem chance de começar. Mas sem crédito, como comprar terra?

**ODILSE** — Quem sabe eles criassem um crédito especial, não é? Assim como quem ganha cinco salários pode adquirir casa própria, pudesse o pequeno conseguir dinheiro para comprar terra, assim os grandes não iriam se valer daquele financiamento.

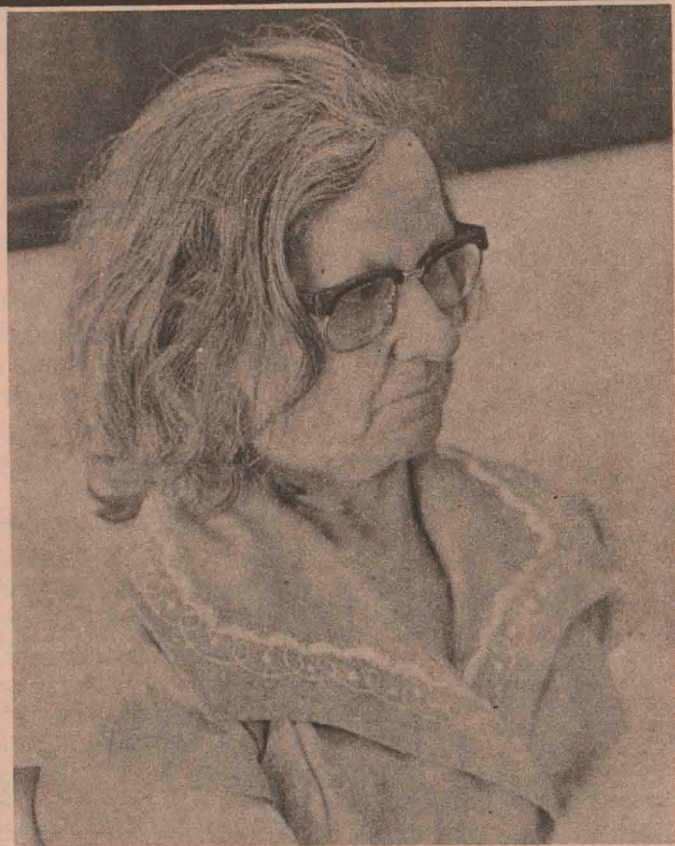
um vá ficar em casa.

**MARIA ELISIA** — Também sou de opinião que a causa é falta de terra.

**GERTRUDES** — No nosso caso já é diferente. O rapaz estudou e voltou para a colônia, e com isso a gente vai aproveitar bem melhor as terras. Eu reconheço que uma criança sem estudo, mesmo na colônia, não dá mais. Então ele foi, estudou e voltou.

**WANDA** — Sim, eu con-

## FUNCIONAMENTO DO REPASSE



Amélia Fachin

**NOTA DA REDAÇÃO:** Nesse momento, o diretor vice-presidente da COTRIJUI, Arnaldo Drews que participou como assistente de parte do debate, juntamente com diretores da COOPERCACAU, de Ilhéus, Bahia, fez a seguinte explicação:

**ARNALDO DREWS** — O que se está fazendo é dar um prêmio ao que possui o cartão de aptidão. Realmente, a cooperativa é a casa dele. Então,

no caso de Repasse, é óbvio que o possuidor do cartão de aptidão terá que ser o primeiro a fazer o Repasse. Depois que estes fizerem o Repasse, os demais serão atendidos. É o caso também da nova modalidade para comercializar a soja — a chamada Comercialização Soja Futuro. Os que têm cartão de aptidão poderão optar por essa modalidade e comercializar até o limite de 30 por cento sobre a maior entrega de soja

## ÊXODO RURAL E AS CONSEQUÊNCIAS



Odilse Eickhoff

**COTRIJORNAL** — Passemos então para um outro assunto, o êxodo rural. Na opinião das senhoras, quais seriam as causas que provocam a fuga do interior para as cidades, principalmente no caso dos jovens?

**NORMA** — Em primeiro lugar, eu acho que a causa é a falta de terra, não é? Também hoje, muitos jovens têm vocação para estudar. Dos meus filhos, creio que dificilmente





Norma Shorn

**OLINDA** — Também existe uma lei que a gente não pode contratar empregado se não paga tudo, deixa bem em dia. A gente está sempre sujeito, não é?

**ELIRIA** — Na minha opinião quando alguém sai da colônia para ir viver na cidade, é porque entende que a vida na colônia é mais difícil, mais sacrificada. Claro, na cidade ar-

ruma um emprego e trabalha até as seis horas, depois vai para casa. Na colônia não tem hora.

**ODILSE** — Esse é o problema. Como fazer um empregado ficar na lavoura, se lá é difícil guardar domingo, feriado. As vezes trabalhar noite a dentro. Enquanto na cidade, eles pensam, é mais fácil porque chegou seis horas tudo acabado.

## DIVERSIFICAR CULTURAS

**COTRIJORNAL** — Nossa pergunta seguinte é sobre diversificação. Achar as senhoras que o nosso agricultor está consciente da necessidade de diversificar para se sentir mais seguro? Isto é, plantar ou produzir outras coisas que não seja apenas trigo e soja?

**MARIA ELISIA** — O colono está sentindo sim. É só ver como muitos buscam orientação e sementes na cooperativa para diversificar.

**META** — Pois é. A gente trabalha, os filhos crescem e casam. Então a gente tenta colocar um, depois o outro e assim. O pai vai ficando mais velho. Daí começou o leite. Desde que a COTRIJUI entrou no leite, tratamos de arrumar umas vacas e passamos a fornecer. Nós então cuidamos desse setor, e os rapazes ficaram responsáveis pela lavoura. Mas o

ganho, já ficou combinado, será repartido entre todos. Porque pode um dia não dar trigo, outra vez não dar soja. Eu fico contente quando recebemos visitas e elas dizem que vão seguir como exemplo. Não se pode confiar totalmente na soja e no trigo.

**GERTRUDES** — Creio talvez que observaram que esses colonos que sempre trabalharam com vários produtos, que não abandonaram a diversificação, eles não têm nada que ver com o banco. Dos que deixaram tudo para se dedicar só no trigo e na soja, estão nessa situação. Porque leite, porco, isso sempre deu. Nós que sempre trabalhamos com isso, sentimos alento porque hoje a cooperativa é incentivadora da diversificação. Agora já temos pastagens de verão e de inverno. Sempre trabalhamos com

cereais, porcos e vacas.

**META** — Eu falo de novo sobre diversificação. Nosso caso, vamos seguir toda a orientação da cooperativa no leite. Mas eu sei que nem todos podem de uma vez, então é preciso começar devagarinho.

**NOEMI** — Muito válida a colocação da dona Meta. Nem todos têm condições de altos investimentos agora, depois de sucessivas frustrações.

**GERTRUDES** — Nós ordenhamos já há dezesseis anos com máquina. Agora o preço da COTRIJUI está bom, a gente tem segurança no leite. Tivemos muita tradição como produtores de queijo. Então, estamos nisso há muito.

**NOEMI** — Qual é o melhor leite para se fazer queijo, dona Gertrudes?

**GERTRUDES** — É o leite bem doce, recém saído da vaca. Por exemplo: ordenhar e daqui uma meia hora botar no tanque. Leite um pouquinho azedo já não dá. Por isso eu imagino que produzir um queijo bom em uma usina não deve ser fácil.

**NOEMI** — Pecuária de leite diz muito respeito ao trabalho da mão de obra feminina. Então acho que vamos nos deter um pouco mais nesse assunto. Um dos problemas mais sérios é o da acidez do leite. Temos programado uma série de reuniões para buscar juntamente com os fornecedores a melhor solução, porque com a chegada do verão o problema tende a se agravar. E a saída não está só com o produtor, nem só com a cooperativa ou CCGL. Temos que discutir em conjunto.

**GERTRUDES** — A higiene do leite tem que partir da própria casa, desde a ordenha. E aí então, continuar tendo o mesmo cuidado nas vasilhas, até lá na usina.

**META** — O nosso leiteiro derramou o leite e disse: esse leite está azedo. Eu disse para ele cheirar a vasilha onde retirou o leite e cheirar onde colocou. Daí ele concordou que era no latão. Não estava sujo, mas ficou fechado e transportado no sol, então ao abrir veio aquele cheiro. Outra coisa. Nós compramos vacas através da cooperativa, e já estamos entregando leite desses animais. Eu acho que o banco devia ter mais confiança na nossa COTRIJUI, porque não assinou contrato só porque faltava chegar ainda quatro vacas.

**COTRIJORNAL** — Dentro desse mesmo projeto, o da diversificação, o que mais teriam para dizer além da pecuária de leite?

**ODILSE** — Olha, hoje tem muita gente pendurada no banco porque acharam de só ficar no trigo e na soja. Nem se lembraram mais de plantar produtos da cozinha.

**OLINDA** — Eu concordo. Nós, últimos tempos, não plantávamos mais feijão, milho nem criávamos porco. Era só leite e soja e trigo. Agora, já entramos de novo no porco e feijão, porque não dava mais.

**ODILSE** — Eu nunca deixei de ter porco, galinha a vontade. Sempre lavouras de milho e feijão, mandioca. O trato para os animais sempre tivemos em casa.

**GERTRUDES** — Acho que é hora também de começar na semente. Olha a aveia, como agora, todo mundo fazendo pastagens. E a semente na hora de comprar sai caro. Acho que nós mesmo devemos produzir. Tem a linhaça, tem o centeio, tem a cevada.

**ELIRIA** — Nós plantamos alho para sair um pouco da soja e trigo. Não foi muito de início, plantamos 80 quilos, mas já temos certeza que vamos ter bons resultados.

**NORMA** — Eu acho que a diversificação está aprovada, agora só depende da área de cada um. Produzir verdura é possível em pequenas propriedades.

**GERTRUDES** — Agora, o problema da carne está se tornando difícil. Devemos pensar mais no porco e mesmo no boi, porque importar de fora como já deu na semana passada, daí vamos ter de pagar mais. E para não precisar disso, nós é que temos de produzir. E já que o terneiro está ali, o jeito é criar ele. Claro que se fosse uma novilha seria melhor, mas pelo preço da carne hoje, recompensa criar também o terneiro.

**NOEMI** — Acho um bom momento para introduzir outro assunto, a expansão da cooperativa. Porque se falamos em carne, sentimos a necessidade de vir ter aqui na região quem sabe um frigorífico, algo que viabilize, que remunere melhor a produção animal dos associados. Então, seria bom ouvir a opinião das senhoras sobre a expansão da COTRIJUI, principalmente em termos de prestação de serviços.

**ODILSE** — Eu acho que uma preocupação seria a de aproveitar tudo aquilo que se produz. Então a cooperativa pode crescer para aproveitar a sobra dos hortigranjeiros, se não isso vai se estragar. Acho que um dia dá para ter uma fábrica de enlatados, para não se comprar mais pepinos, se pode-

mos produzir aqui e enlatar para ter fora de época.

**NORMA** — O dr. Ruben falou esses dias que quem quer produzir deve se inscrever. Desse a cooperativa tem compromisso de ficar com a produção. Porque já se vê muito repolho apodrecendo.

**NOEMI** — Se vê nisso a necessidade de ter a propriedade planejada. De nada adianta todo o mundo, juntos, começar a plantar cebola, mesmo que ela falte. Em pouco tempo vai haver excesso e isso é prejudicial.

**ODILSE** — No caso da batatinha, é a mesma coisa. Plantei dez quilos, mas vou colher batatinha que dá para comer o ano inteiro.

**NOEMI** — Eu entendo a preocupação em torno de uma superprodução. Mas será que agora, quando estamos iniciando no setor hortigranjeiro e fruticultura de forma planejada, já temos condições de projetar uma indústria?

**GERTRUDES** — Nós precisamos primeiro fazer o fundamento da casa, acho, para depois fazer o plano do que depois se tem certeza que vai dar certo. Acho que não dá para construir uma fábrica antes de saber se vamos ter produto para ela ou não.

**COTRIJORNAL** — Dentro desse mesmo assunto, diversificação, quais seriam algumas das dificuldades que o agricultor está enfrentando atualmente?

**META** — Nós começamos no leite e não temos dificuldades. Os agrônomos não lá, orientam para plantar, a cooperativa empresta máquinas quando é o caso. Acho que está legal.

**NOEMI** — Acho boa a pergunta das dificuldades. Já falamos na acidez do leite, e esse problema tem muito que ver com a coleta. Desde a hora da ordenha até a entrada do produto na usina, se passa muito tempo, compromete a qualidade do leite. Então, junto ao esforço dos fornecedores e da cooperativa para vencer esse problema, é necessário melhorar e conservar sempre as estradas. A cooperativa já está dividindo linhas de coleta para diminuir o tempo entre a ordenha e a entrada na indústria. Quanto aos custos de produção, com dedicação eles podem ser bem reduzidos. Cuidados maiores às duas vacas que, por exemplo, produzam 10 litros cada uma, certamente levarão a aumentar a produtividade para 20 litros cada uma.

**META** — Nós, desde que





Olinda Ketzer



Maria Elizia Bremm



Noemi Huth



Eliria Faustini



Iolanda Teixeira



o Franke ainda comprava leite, nós puchamos o leiteiro no inverno. Todos os dias é preciso perder tempo com o trator. Claro que a gente não vai se negar, mas se esses trechos forem empedrados, isso não vai ser preciso. Mais de vinte anos a gente passa por isso, mesmo quando não vendia leite. Não

me lembrei quando se falou em dificuldade, mas acho que esse é o pior dos problemas, as estradas ruins. É claro que não são todas.

NOEMI — Bem, então parece que as dificuldades se concentram mais na acidez e falta de condições das estradas. Alguém falou que o leite ácido,

além do baixo preço, ainda sofre desconto de frete. Não. O freteiro não recebe sobre o leite ácido transportado. Isso como forma de êle também se esforçar e contribuir para solucionar esse problema. Inclusive em indústrias onde já se atingiu um estágio mais adiantado, o leite ácido é devolvido.

## O ENSINO RURAL COMO ESTÁ?

COTRIJORNAL — Já se falou nesse debate sobre o ensino, mas vinculado à questão do êxodo rural. Agora, gostaríamos de saber a opinião das senhoras, como mães, sobre o ensino no meio rural. Se estão acompanhando a educação escolar de seus filhos e como estão vendo.

AMÉLIA — Não dá para acompanhar. Eu acho que o ensino de hoje está muito mais atrasado do que esses anos atrás. Uma criança que fazia o quinto ano, não tinha conta que êle não fizesse. Hoje não sabe nada. Eu não sei, mas acho que o método moderno.

OLINDA — Eu também acho que para a agricultura esse método novo não ajuda. Eu tenho meu marido que fazem juntos os trabalhos da aula, e elas não tiram o que êle tira.

NORMA — O que eu acho pior é que tiraram o quinto ano da escola municipal. Daí êles ficam prontos com o quarto ano se não vão mais até a oitava série.

ODILSE — Agora, esse

ano já vai mudar. Eu tenho uma filha de sete anos e ela vai ter só uma noção de matemática moderna, porque já veio uma ordem para as professoras que elas não vão mais aplicar a matemática moderna.

WANDA — Eu lecionei muitos anos no interior. O que se ve hoje é que o filho do colono que está no quarto, quinto ano, em matemática êle não se defende. Nem mesmo para o uso dêle. Contas de quilos, saco, arroba, isso não sabem. Poucos aprendem quantos quilos pesa um saco de soja.

NOEMI — Dona Wanda, a senhora que viveu a experiência do ensino no meio rural, e vê hoje essas dificuldades, o que poderia sugerir para poder voltar ao que era, ou pelo menos melhorar?

WANDA — Bem, eu não cheguei a aprender essa matemática. Mas para mim, no nosso meio, ela não tem utilidade nenhuma. Porque na colônia nós precisamos que as pessoas aproveitem o que é ensinado.

Enfim, eu acho que as coitadas das professoras não têm culpa. É claro que não pudemos esperar tudo da escola. De casa também tem que sair alguma coisa para educação dos filhos.

NOEMI — E quanto à isso, as senhoras acham que está havendo entrosamento entre a família e a escola?

ODILSE — Eu acho que deveria haver reunião mensal do círculo de pais e mestres, e no nosso colégio não está acontecendo (Floresta). Agora que o nosso colégio passou a Escola de Área e não temos mais. Não sei se culpa da diretora ou da diretoria. Mas no colégio deveria ser como nós aqui, não é? Todas discutindo junto.

AMÉLIA — E também tem lugar onde as reuniões não saem porque o pessoal convoca, convoca e ninguém aparece.

ODILSE — Por isso acho que tanto deve partir dos pais quanto da diretoria o interesse em ter entrosamento. Lá no nosso colégio se lembram de fazer uma reunião quando falta dinheiro. Agora então, sim, marcaram uma reunião.



Meta Krampe



Wanda Maroski



Gertrudes Commandeur

## ASSOCIADO DEVE PARTICIPAR MAIS

COTRIJORNAL — As senhoras todas têm experiência de reuniões de núcleos. Por isso perguntamos: Como vêm a participação do associado nas tomadas de decisões da COTRIJUÍ? E qual sua participação como esposa nessas decisões?

ELIRIA — Tem muito associado que diz, "eu não vou na Assembléia, porque se eu estou lá ou não estou, tanto faz. Êles vão aprovar se eu estou ou não". Então acho que nem que o associado não queira aprovar certas coisas que sai na cooperativa, isso já vi muitas vezes.

META — Só numa assembléia não fui. Nas outras fui todas. Eu nunca pude compreender tudo. Falar, nem pensar. Mas em cada uma eu ouvi alguma coisa que me interessou, al-

guma coisa boa que eu ainda não sabia.

AMÉLIA — Quantas vezes quando meu marido volta da assembléia, a gente discute o que se passou. Se ninguém vai, como é que alguém vai explicar?

OLINDA — E tem aqueles que participam mas não entendem as coisas, depois invertido o sentido. Acharia melhor que fossem representantes, que entendem e discutem melhor as coisas. Antes e depois das assembléias êles então discutiriam nos núcleos.

NOEMI — E nós, como esposas, qual é o grau de nossa participação. Tanto para ajudar o marido a entender, como nós mesmos com a nossa parte.

GERTRUDES — Acho

também, porque se os dois estão juntos, depois conversando tudo fica mais claro.

COTRIJORNAL — Por fim, gostaríamos de saber qual a opinião sobre a evolução da mulher no meio rural. Isso em termos gerais, seja na participação da atividade familiar, na cooperativa ou fora dela.

GERTRUDES — Pelo que a gente lê hoje, se nota que a mulher tem maior participação, mesmo na colônia. Na nossa geração não se teve a oportunidade que se tem hoje.

OLINDA — Isso mesmo. Por não participar, eu tinha medo, hoje nem a gramática sei. Por isso acho justo participar e hoje faço questão de sair de casa quando é para aprender coisas novas.



# A FORÇA MORAL DO JORNALISMO

(Quarto artigo de uma série)

Raul QUEVEDO

Fontenelle, secretário perpétuo da Academia de Ciências da França, costumava dizer que se tivesse todas as verdades encerradas na concha da mão, não teria coragem de abrir os dedos. Que pretendia dizer com isso o velho sábio, que através da longa existência vivida uniu os séculos XVII e XVIII de meio a meio?

Não é difícil rebuscar-lhe o raciocínio em busca da mensagem oculta na chave de sua célebre frase. Sabemos que habita no cérebro do homem uma infinidade de "verdades".

Miguel de Cervantes, na crítica à verdade, dizia através de Sancho Pança, que se recebesse um maravedi (\*) por cada cutilada da lança de seu senhor Dom Quixote por cada verdade deste que não conseguia entender, estaria tão rico que podia dispensar a ilha da qual seria governador. Há pessoas tão conscientes do poder de sua própria razão, que são capazes de enumerar dezenas de verdades para um mesmo fato.

Ao final da Guerra Hispano-Cubana de 1895 o enviado especial a Cuba de importante jornal norte-americano escreveu a seu diretor pedindo permissão para retornar aos Estados Unidos, pois conforme frisava, nada mais tinha a fazer ali. A guerra estava terminada com a vitória das forças locais.

Ocorre que essa verdade não interessava ao diretor, que por muito tempo vinha defendendo a necessidade da entrada dos Estados Unidos na guerra.

Pela volta do correio o repórter recebeu a seguinte mensagem: "Não lhe envie a Cuba para opinar. Mande-me fotos que prolongarei a guerra". O repórter não teve outro recurso senão recopiar fotos antigas de combates do começo da guerra, enviando para o seu editor, que naturalmente voltou a dar-lhes destaque, com outros títulos.

Essa "verdade" criada pelo jornal justificou a entrada dos "mariners" na ilha. O resultado foi que os cubanos, após vencerem os espanhóis numa guerra de cinco anos, caíram escravos de uma potência maior. Cuba apenas mudou de donos.

Aliás, a pluralidade da verdade está implícita até nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Lembro que li em uma passagem da Bíblia o seguinte diálogo entre Jesus e um fariseu com ares de sábio, que pretendia desmoralizá-lo em público:

— Mestre, tu que tudo sabes, dize-me quem sou.

Ao que o Nazareno respondeu:

— É muito simples, filho. Sois o que pensais.

Se o conceito de verdade é tão elástico, que dizer do conceito de razão? Como julgar com isenção absoluta a nossos semelhantes quando nosso cérebro está abarrotado com suas próprias razões? A esse respeito, voltamos a citar Jesus.

Certa vez um discípulo, preocupado com seu próprio comportamento perante os companheiros, perguntou-lhe:

— Mestre, dizei-me como posso ter a certeza de estar procedendo bem com meus amigos?

— Vivei dentro da lei da reciprocidade, respondeu-lhe Jesus.

— Que é reciprocidade? Voltou a perguntar o discípulo.

— Não faças a teu semelhante aquilo que não desejas que te façam.

No terreno das comunicações humanas, esses conceitos estão presentes quase que no conjunto das atividades do comunicador. Quem comunica, pensa expressar verdades.

Talvez o diretor do jornal nem ao menos tivesse consciência do mal que fazia ao povo cubano. Solidário com os interesses do capital, ele desejava prestar serviços aos belicistas norte-americanos. Não é demais voltar a repetir aqui, que o jornal de linha comercial pura, nem sempre se preocupa com a defesa de princípios éticos e morais. A missão do jornal é comunicar — dizem os teóricos da chamada imprensa livre.

Assim, não vem ao caso questionar a quem mais interessa essa comunicação. O diretor em causa, simplesmente optou pelos interesses de "Wall Street". Seu sucesso financeiro foi gigantesco, a custa de flagrante retrocesso no campo dos direitos humanos e do relacionamento internacional.

É claro, não se chegue ao exagero de responsabilizar apenas o dito jornal pelo desfe-

cho da guerra. Não houvesse nos Estados Unidos, à época, uma "tendência para o intervencionismo", o jornal não alcançaria sucesso em sua pregação belicista, obtendo apoio popular.

Torna-se evidente aqui, onde queremos chegar. É ideal que as comunidades locais ou regionais, capacitem-se a possuir seus próprios veículos de comunicação: seus jornais, suas estações de rádio e emissoras de televisão.

Seriam elementos de comunicação identificados com o seu meio. Suas raízes estariam alicerçadas na comunidade, fosse nas pequenas cidades ou em plenas localidades rurais. Sua linguagem soaria com tom local, naturalmente que sem prejuízo de enfoques gerais visando uma cultura integral, pois sem dúvida o homem precisa alimentar o universo de idéias que existe em permanente revolução no seu próprio cérebro.

O ideal é que tal força de comunicação dê-se através do cooperativismo, único grupamento social hoje em condições de agir em tal sentido. Além disso, já há experiências nesse campo editorial, seja pela existência do COOJORNAL, de propriedade da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, sejam pelos diversos jornais das cooperativas tritícolas, editados para circulação dirigida aos respectivos quadros sociais.

O cooperativismo, como elemento de comunicação social, está na essência do próprio sistema. Trata-se de uma comunidade de pessoas que defendem os mesmos princípios éticos, solidarizando-se na mesma filosofia de ação conjuntural de trabalho. Em regra geral, não pode haver interesse conflitantes numa comunidade cooperativa. E não havendo interesses conflitantes, a ação sócio-cultural do jornal poderá ser orientada dentro de parâmetros de interesses gerais segundo os mais elevados propósitos éticos. Consideramos que esse conjunto de métodos de comunicação, que se pode qualificar como "força moral", deve ser a tônica do moderno jornalismo rural brasileiro.

(\*) MARAVEDI. Antiga moeda divisionária espanhola.

## FORA COM A "GAZETA"

Segundo João do SUL

Na edição anterior este jornal fez breve comentário a respeito do "dia dos áulicos", o dez de setembro, quando se homenageia a imprensa brasileira. A data lembra a "Gazeta do Rio de Janeiro", órgão de propriedade do dominador português, curiosamente, o jornal escolhido pelos "intelectuais" brasileiros para homenagear os jornalistas do País.

Ainda a respeito do importante assunto, o jornal "Unidade", órgão de propriedade do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, destacou pronunciamento feito por um vereador de Bauru, interior daquele Estado, onde o parlamentar pronunciou-se com veemência contra a homenagem à "Gazeta", pedindo que a homenagem seja transferida imediatamente ao "Correio Braziliense", de Hipólito José da Costa.

Transcrevemos o texto saído no jornal "Unidade", cujo teor é o seguinte: "Pela passagem do dia da imprensa, o vereador Sérgio Roberto de Moura Purini, de Bauru, encaminhou requerimento à Mesa pedindo providências para que a data comemorativa seja antecipada de 10 de setembro (data de fundação da Gazeta de Rio de Janeiro), para 1º de junho (data de fundação do Correio Braziliense). Em sua argumentação o vereador afirma:

O engano não é apenas cronológico, mas essencialmente conceitual. A Gazeta do Rio de Janeiro, impressa nos estabelecimentos gráficos oficiais (Imprensa Régia), era submetida à censura e sua publicação constituía um privilégio conseguido por oficiais da Secretaria dos Estrangeiros e da Guerra. Foi o primeiro fruto da imprensa áulica e bajuladora.

Já o Correio Braziliense, apesar de circular às claras, entrava no País clandestinamente. Seu redator, Hipólito José da Costa, um franco-maçom, que estudou nos Estados Unidos, e foi preso em Portugal, lutava contra o absolutismo, colonialismo e a espoliação.

Erigimos em monumento uma Gazeta oficial, concebida para divulgação dos despachos reais e desprezamos o jornalismo independente, culto e corajoso. Em suma ignoramos um jornal que criou o clima intelectual e político para a emancipação libertadora. Aparentemente, não distinguimos a imprensa da louvação emaranhada nos privilégios e favores do poder, da imprensa de vigilância, descompromissada e desenvolva".

Quanto a nós, que vimos defendendo essa tese desde julho de 1973, ao ratificar o pronunciamento do vereador Sérgio Purini, só podemos dizer: fora com "Gazeta".

## PROPOSTA CRIAÇÃO DE AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

Numa promoção ASSOCENE (Associação de Orientação das Cooperativas do Nordeste), realizou-se em Garanhuns, em setembro, o Primeiro Seminário Latino-Americano de Comunicação Cooperativa. Participaram especialistas do Paraguai, Guatemala, Argentina, Bolívia, Panamá, Costa Rica, Chile, Colômbia, Peru, Uruguai, Honduras, El Salvador, Equador, Espanha, além do Brasil.

Ao final do encontro foi assinado um documento que pode ser qualifi-

cado como a Carta de Garanhuns, no qual os especialistas expõem idéias e fazem recomendações para melhorar o setor de comunicação e educação nas regiões rurais de todos os países participantes, principalmente no que se refere a ação cooperativista.

Como uma das recomendações básicas do encontro, foi sugerida a criação de uma agência latino-americana de notícias, com a função principal de divulgar o movimento a nível jornalístico internacional.



## COMERCIALIZAÇÃO SOJA FUTURO

A COTRIJUI passa a prestar a partir desta safra de soja mais um serviço a seus associados. Trata-se da comercialização no futuro. Quer dizer: o associado pode comercializar o produto mesmo antes de plantar.

A seguir, os detalhes do novo sistema de comercialização.

### COMERCIALIZAÇÃO SOJA FUTURO

Nesta modalidade você poderá, através da COTRIJUI, comercializar sua própria safra, mesmo antes do plantio.

SOJA FUTURO, consiste em fixar um preço definitivo, para a próxima safra, optando por cotações dos meses de maio, junho e julho de 1979. O associado fixará, portanto, uma quantidade de soja em sacos de 60 quilos pelo preço anunciado diariamente pela COTRIJUI, sendo imutável este valor.

#### CONDIÇÕES:

##### 1 - REGIÃO PIONEIRA

Os associados poderão comercializar na modalidade de SOJA FUTURO:

a) Os que possuem Cartão de Aptidão, correspondente a entrega, na safra de 1978, poderão comercializar até o limite de 30% sobre a maior entrega de soja na COTRIJUI na safra de 1977 ou 1978.

b) Os que NÃO possuem o Cartão de Aptidão, poderão comercializar até o limite de 10%, sobre a entrega de soja na COTRIJUI, na safra de 1978.

##### 2 - REGIÃO DE DOM PEDRITO E MATO GROSSO DO SUL

Os associados destas áreas poderão comercializar na modalidade de SOJA FUTURO até o limite de 30%, sobre a entrega de soja, na COTRIJUI ocorrida na safra de 1978.

3 - Associados que ainda não comercializaram soja através da COTRIJUI não terão acesso a comercialização pela modalidade SOJA FUTURO.

4 - O prazo máximo para entrega de soja à COTRIJUI, comercializada na modalidade SOJA FUTURO será, impreterivelmente, até 31 de maio de 1979, seja qual for o mês de opção.

5 - COM QUINZE DIAS DE ANTECEDÊNCIA A COTRIJUI AVISARÁ SEU QUADRO SOCIAL A DATA DE ENCERRAMENTO DA COMERCIALIZAÇÃO DE SOJA FUTURO.

6 - A COTRIJUI divulgará, diariamente, os preços de soja para os meses de maio, junho e julho.

7 - Quem optar pela modalidade SOJA FUTURO, terá as datas de 31 de maio, 29 de junho e 31 de julho para o recebimento do numerário de acordo com o mês de opção.

8 - Caso o associado tenha comercializado parte da sua produção em SOJA FUTURO, quando da entrega da soja deverá colocar na NOTA FISCAL DE PRODUTOR (antiga guia modelo 15), POR EXTENSO, o seguinte:

#### DEPÓSITO FUTURO

9 - O associado assinará com a COTRIJUI um contrato específico, constando uma penalidade pelo não cumprimento contratual.

10 - As demais modalidades de comercialização, PREÇO MÉDIO e SOJA DEPÓSITO, continuarão em vigor como nos anos anteriores.

11 - QUALQUER DÚVIDA, DIRIJA-SE À UNIDADE MAIS PRÓXIMA.

## SEMINÁRIO DE FUNCIONÁRIOS NO MATO GROSSO DO SUL

Para maior conscientização de todo o quadro de servidores da COTRIJUI na região de Mato Grosso do Sul, a fim de se obter participação mais efetiva a nível de informações e decisões, realizou-se em Maracaju, dia 30 de setembro, o 1º Seminário Interno de Integração do Mato Grosso. Essa atividade se estendeu durante todo o dia, contando com a presença de 107 funcionários dos municípios de Maracaju, Sidrolândia, Rio Brillante e Campo Grande.

Nos moldes dos seminários de funcionários já desenvolvidos pela diretoria de Recursos Humanos em outras unidades, o de Maracaju também se constituiu de levantamento de problemas em grupos e debate em plenário. No programa constou ainda projeções de eslaides sobre o cooperativismo; projeção sobre a COTRIJUI com explanação a respeito de sua expansão e crescimento e exposição do dr. João Craidy, coordenador da área de saúde, sobre um possível convênio da cooperativa com o INPS, para atendimento aos funcionários.

As palavras ditas pelo diretor vice-presidente da COTRIJUI, Arnaldo Drews - de que durante o encontro não haveria nem chefes nem subordinados - proporcionou a todos o melhor ambiente para responder as questões propostas e discuti-las. Durante o encontro, funcionários da COTRIJUI no Mato Grosso aproveitaram para fundar suas associações - AFUCOTRIS. Na foto abaixo, um aspecto do seminário.



## PRODUTORES DE SEMENTE E TÉCNICOS ANALISAM PROBLEMAS

O Departamento Técnico da COTRIJUI promoveu concorrida reunião com associados produtores de semente de trigo e de soja, pertencentes às unidades operacionais de Santo Augusto e Chiapetta. O objetivo foi ampliar a discussão dos programas que a cooperativa desenvolve com o quadro social para melhorar o padrão da semente e melhorar as condições de recebimento.

Dentre os vários assuntos tratados pelos técnicos da cooperativa e os 68 produtores participantes, sobressairam o recebimento de semente a granel e a renovação de variedades. Na ocasião, o diretor técnico, engenheiro-agrônomo Nedy Rodrigues Borges, dei-

xou claro que esse novo método de armazenagem de semente a granel, torna

maior ainda a responsabilidade do produtor. A sacaria, afirmou, limita e iden-

tifica os problemas de cada lote ou até mesmo de cada saco de semente, enquanto

que isso não ocorre na forma a granel. Por essa razão, como necessidade de investimentos na formação da estrutura de recebimento pelo novo método, é que o Departamento Técnico acredita ser cedo ainda para que se possa dispensar a sacaria quando o produto se destinar a semente. Foi dado ênfase, igualmente, ao estabelecimento de um plano de renovação das variedades, buscando eliminar as misturas sempre crescentes no processo de multiplicação. Os técnicos da cooperativa e produtores, no debate do assunto semente, deixaram claro a necessidade de que da qualidade desse insumo depende a segurança e uniformidade das lavouras.



Uma vista parcial da reunião



## VAMOS VOLTAR A TRAÇÃO ANIMAL?

O excessivo fracionamento das propriedades por sucessão, que nos levou ao minifúndio, acrescido do elevado custo dos combustíveis além de outros fatores como alto preço dos equipamentos mecânicos, deve nos levar a pensar seriamente na volta à tração animal. Por que não? Nossos antepassados produziam bem e racionalmente apenas aproveitando-se da boa parêlha de cavalos ou da junta de bois. Aliás, na edição anterior (nº 56), apresentamos o exemplo do seu Siegfried Kraemer, de Barreiro, interior de Ijuí, que cultiva seus 20 hectares exclusivamente na base da tração animal.

E para provar que a tração animal hoje não é só para povo sub-desenvolvido, vamos destacar nesta reportagem a grande potência que é os Estados Unidos, retornando ao uso das parêlhas de cavalo. Conforme destaca a revista "Agricultura de las Americas" em sua edição de fevereiro deste ano, há uma tendência muito grande nos Estados Unidos para a volta ao antigo e prático sistema.

O motivo básico apresentado pela revista é a base dos combustíveis e o elevado custo dos equipamentos. Richard Phillips, engenheiro agrícola da Universidade de Missouri disse que "não há dúvida que tal medida reduziria a quantidade de combustíveis que se usa na produção de alimentos, reduzindo também o desemprego no país". Ressaltou que quando se trata de produzir alimentos para 230 milhões de pessoas, é claro que esse sistema não serve. Mas serve, no entanto, para aquelas regiões onde impera a pequena propriedade.

Em relação ao Brasil, é certo que devemos fazer uma auto-crítica. Quantos agricultores de pouca terra desfizeram-se de seus animais para aderir a uma agricultura mecanizada, cara e, por isso mesmo, sem condições de garantir uma rentabilidade satisfatória?

Nos Estados Unidos, país rico, é o governo que tem maior interesse em despertar os agricultores para o retorno ao cavalo, a fim de economizar combustíveis. No Brasil, onde a agricultura é trabalhada em sua maior parte a nível de minifúndio, deve ser o próprio agricultor o interessado, pois há casos de produtores que somente obterão lucros se praticarem uma agricultura de maior economia de custos. Sem dúvida, o pequeno proprietário rural deve voltar a usar a tração animal.

Faça agora as comparações, analisando os custos de hora-máquina em nossa região, segundo um levantamento feito pelo Departamento Técnico da COTRIJUI.



O americano tranqüilo, puxado pela bonita parêlha.

## CONTABILIDADE AGRÍCOLA JÁ MOSTRA RESULTADOS

A totalidade das propriedades agrícolas da região teve prejuízo com o trigo. Quanto a soja, 12,5% das propriedades tiveram prejuízos; 31,12% alcançaram resultados positivos de 1.000 cruzeiros por hectare cultivado; 39% tiveram lucros que oscilaram entre 1.000 e 2.000 cruzeiros o hectare; outros 28,57% lucraram entre 2.000 e 5.000 cruzeiros. Aliás, o valor de 5.000 cruzeiros por hectare foi o lucro máximo alcançado.

Esses dados estatísticos são de uma "Síntese descritiva e analítica dos resultados econômicos das propriedades agrícolas de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana", feita por técnicos da COTRIJUI e professores do Centro de Ciências Agrárias da FIDENE.

Recentemente a equi-

pe do projeto de administração rural, do convênio da COTRIJUI com o Centro de Ciências Agrárias da FIDENE, promoveu reunião com os produtores que vem aplicando já há um ano o formulário de contabilização de suas atividades. Durante o encontro, do qual participaram o diretor presidente da COTRIJUI, o diretor do CECA e outros técnicos, foi apresentado relatório das atividades desenvolvidas junto aos participantes do projeto nos três municípios de abrangência, Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba.

Uma revelação que mostra o interesse sempre crescente dos associados pela programação contábil de suas atividades econômicas, é que o projeto foi iniciado com 56 produto-

res, e atualmente mais de 300 aplicam o formulário de acompanhamento. A esses é dada toda assistência, com orientação através de visitas ou em reuniões com participação dos orientadores.

Através da Renda Operacional Bruta, uma das técnicas para analisar os resultados econômicos, se chegou à conclusão que 46 por cento das propriedades levantadas no primeiro ano do projeto (média de 79 ha), apresentaram rendimento mensal inferior à um salário mínimo.

Também se concluiu que os gastos operacionais por hectare são mais altos para o trigo do que para a soja. Dos três municípios, Ijuí foi o que apresentou os menores gastos operacionais.

## CUSTO ESTIMADO EM HORA-MÁQUINA

O Departamento Técnico da COTRIJUI, através do seu Setor de Planejamento de Projetos, vem realizando estudos de Custos de Produção, com objetivo de orientar o quadro social e fornecer subsídios aos órgãos competentes na fixação de preços para os produtos agrícolas.

Com esse objetivo, apresentamos no quadro abaixo os custos horários das diversas operações mecânicas da lavoura de soja. É importante

salientar que o presente estudo é válido para tratores com potência de 55 a 61 HP, com implementos adequados a esta potência.

Apresentamos ainda um preço sugestão a ser cobrado pelos proprietários de máquinas que prestam serviços à terceiros. Preço este baseado no custo horário de cada operação, mais um percentual de lucratividade. O estudo foi feito pelo tecnólogo Orlando Kinalski, do Departamento Técnico.

ARAÇÃO		APLICAÇÃO DE INSETICIDA	
Trator . . . . .	Cr\$ 76,36	Trator . . . . .	Cr\$ 76,36
Arado . . . . .	Cr\$ 20,58	Atomizador . . . . .	Cr\$ 11,09
Mão-de-Obra . . . . .	Cr\$ 10,00	Mão-de-Obra . . . . .	Cr\$ 10,00
Custo Horário . . . . .	Cr\$ 106,94	Custo Horário . . . . .	Cr\$ 97,45
SUBSOLAGEM		CAPINA MECÂNICA	
Trator . . . . .	Cr\$ 76,36	Trator . . . . .	Cr\$ 76,36
Subsolador . . . . .	Cr\$ 18,83	Capinadeira . . . . .	Cr\$ 16,79
Mão-de-Obra . . . . .	Cr\$ 10,00	Mão-de-Obra - (2 pessoas) . . . . .	Cr\$ 15,00
Custo Horário . . . . .	Cr\$ 105,19	Custo Horário . . . . .	Cr\$ 108,15
GRADAGEM		SUGESTÃO DE PREÇOS PARA AS DIVERSAS OPERAÇÕES POR HORA	
Trator . . . . .	Cr\$ 76,36	Aração . . . . .	Cr\$ 140,00
Grade . . . . .	Cr\$ 26,88	Subsolagem . . . . .	Cr\$ 140,00
Mão-de-Obra . . . . .	Cr\$ 10,00	Gradagem . . . . .	Cr\$ 145,00
Custo Horário . . . . .	Cr\$ 113,24	Aplicação de Herbicida . . . . .	Cr\$ 150,00
APLICAÇÃO DE HERBICIDA		Semeadura . . . . .	Cr\$ 200,00
Trator . . . . .	Cr\$ 76,36	Aplicação de Inseticida . . . . .	Cr\$ 125,00
Pulverizador de Barra . . . . .	Cr\$ 26,19	Terraceamento . . . . .	Cr\$ 150,00
Mão-de-Obra - (2 pessoas) . . . . .	Cr\$ 15,00	Capina Mecânica . . . . .	Cr\$ 140,00
Custo Horário . . . . .	Cr\$ 117,55		
SEMEADURA		TEMPO MÉDIO DAS OPERAÇÕES MECÂNICAS POR HECTARE	
Trator . . . . .	Cr\$ 76,36	OPERAÇÕES	HORAS/ha
Semeadeira . . . . .	Cr\$ 64,47	Aração . . . . .	02,40
Mão-de-Obra - (2 pessoas) . . . . .	Cr\$ 15,00	Subsolagem . . . . .	01,00
Custo Horário . . . . .	Cr\$ 155,83	Gradagem . . . . .	00,50
TERRACEAMENTO		Aplicação Herbicida . . . . .	00,40
Trator . . . . .	Cr\$ 76,36	Semeadura . . . . .	00,45
Arado Terraceador . . . . .	Cr\$ 31,65	Aplicação de Inseticida . . . . .	00,40
Mão-de-Obra . . . . .	Cr\$ 10,00	Capina Mecânica . . . . .	00,45
Custo Horário . . . . .	Cr\$ 118,01		



## PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI-UNIMED

A COTRIJUI comunica aos seus associados que reabrirá as inscrições, para os que desejarem inscrever-se no Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED, no período de 15/11 a 15/12/78. Os associados que comercializaram sua produção do ano de 1977 na Cooperativa terão facilitado o pagamento da anuidade através de débito em conta corrente.

O plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

- consulta médica,
- exames de laboratório,
- realização de exames de Raio X,
- exames especializados (Eletrocardiograma, eletroencefalograma, etc.)
- atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros,
- pequenas intervenções cirúrgicas realizadas nos consultórios médicos ou ambulatórios hospitalares.
- hospitalizações, em quarto semi-privativo ou privativo, para casos de:
  - a - tratamento clínico,
  - b) cirurgia e
  - c) obstetrícia (assistência materno-infantil),
- medicamentos hospitalares
- outros exames subsidiários disponíveis na área de ação da UNIMED IJUÍ.
- assistência médica e hospitalar em Santa Maria, quando não houver recursos técnicos disponíveis para a assistência prevista no plano.

## VENENO INFERNAL

Durante o XXII Congresso Internacional do Câncer realizado em Buenos Aires no princípio de outubro, onde participaram as maiores sumidades médicas mundiais, os cientistas chegaram a conclusões verdadeiramente aterradoras sobre o cigarro. Mais de 95% dos cientistas do mundo não têm nenhuma dúvida que o "fumo encerra um perigo mortal para a humanidade".

Como porta-voz do grupo, os cientistas Nigel Gray, da Austrália e Richard Doll, da Inglaterra, afirmaram num estudo apresentado no Congresso que a "única alternativa dos fumantes é deixar de fumar para evitar a possibilidade de contrair a moléstia".

Numa tese intitulada "O cigarro e o câncer", ambos os médicos dizem que uma das alternativas para os fumantes mais empedernidos é optar pelo cachimbo, já que se trata de um hábito em que aspirar o aroma conta mais do que mandar fumaça aos pulmões. A maioria dos fumantes - disseram - ter-

minam com um câncer na laringe, nos lábios ou na língua.

Por sua vez, o médico italiano Umberto Veronesi, presidente da União Internacional do Combate ao Câncer (UICC), disse numa dissertação, que o câncer afeta, em maior ou menor medida, 10 milhões de pessoas em todo o mundo.

Quebrando um velho tabu francês, o ministro dos Correios e Telecomunicações da França, Norbert Segard, de 56 anos, confessou ter sofrido de câncer no pulmão, do qual se recuperou através de uma cirurgia. Segard falou de sua saúde durante entrevista a uma emissora de rádio.

Pai de seis filhos, inclusive três adotivos, Segard afirmou que não tinha intenção de falar sobre sua saúde. Mas de repente lembrou de outros colegas recentemente falecidos, também fumantes. Ele citou que os tecidos de seus pulmões traziam as "teríveis marcas do fumo", o que qualificou de um "veneno verdadeiramente infernal".

## APROVEITE MELHOR SEU DENTISTA

E. Carlan.

O serviço de atendimento dentário da Cooperativa visa atender o associado e seus dependentes. Esta prestação de serviços implica no uso de materiais e equipamentos de alto custo, emprega profissionais especializados e auxiliares treinados e eficientes. Tudo isto implica, naturalmente, em altos custos operacionais. É natural, pois, que seja usado correta e eficientemente. Para que isto aconteça deve haver cooperação dos associados. A organização é a primeira condição para que alguma coisa funcione eficientemente. E organização, implica em uso racional do serviço. Ao associado compete, colaborar com a organização e também para que o custo operacional não seja exagerado. Quem paga, em última instância, estes custos é o associado. É lógico que ele se preocupe não só com o bom funcionamento como também com a eficiência e barateamento do atendimento. Como conseguir estes intentos? Utilizando racionalmente o serviço. Para isto relacionamos alguns pontos.

1º) Todo equipamento

instalado para o atendimento, deve estar em constante funcionamento. Quer dizer que tanto o equipamento como o elemento humano encarregado do serviço, devem estar nos horários programados e dentro do possível, em atividade produtiva. Logo, todo associado que tiver reservado horário para atendimento deve "sempre" comparecer no dia e hora marcados, visando justamente a ocupação produtiva daquele horário. Caso contrário todo o serviço permanecerá com horas ociosas o que determinará elevação do custo operacional.

2º) Iniciado o tratamento o associado não deve interromper o mesmo, caso contrário se prolongará desnecessariamente, além do tratamento interrompido determinar, na maioria dos casos, repetição de seções de atendimento já executados. Ou o que é mais grave ainda, perda de dentes.

3º) Deve-se procurar o serviço, para iniciar o tratamento, antes que apareçam dores nos dentes ou nas gengivas, pois quando isto acontece é porque os dentes já se acham muito destruídos por cárie o

que implicará em tratamento demorado, colocação de dentes artificiais ou perda de muitos dentes, o que, em qualquer dos casos, implica em maiores despesas.

4º) Deve-se fazer exames periódicos, na maioria dos casos de seis em seis meses. Em casos especiais e em crianças os exames devem ser mais assíduos. Assim procedendo estaremos contribuindo para que cáries ou outras lesões sejam identificadas na fase inicial para cujo tratamento o tempo e os custos serão menores.

5º) Quando se notar qualquer dor ou alteração nos dentes, gengivas ou boca, mesmo que ainda não haja decorrido o tempo de seis meses após a última consulta, deve-se procurar o serviço.

6º) Deve-se procurar seguir as recomendações do dentista no que se refere a higiene, alimentação, hábitos, visitas periódicas ou sequência de visitas e consultas, pois cada indivíduo e mesmo cada dente, pode-se dizer, necessita de cuidados especiais e apropriados.

## CIGARRO, MAIS NOCIVO QUE MACONHA

Enquanto a propaganda do cigarro aparece cada vez mais colorida nas revistas e na televisão, vejamos o que dizem os médicos a respeito da terrível droga. Há pouco em Porto Alegre, participando de um encontro médico, o chefe do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da

Universidade de Manitoba, Canadá, professor William Thurlbeck, afirmou que a fumaça produzida pela queima do cigarro tem muito mais toxina do que a queima da maconha.

Disse o cientista que a medicina ainda não estu-

dou a fundo os efeitos da maconha sobre o organismo humano. Ou pelo menos, não tanto como os efeitos do cigarro comum. Mas pelo que foi pesquisado, disse William Thurlbeck, podemos concluir que o cigarro tem um teor de toxinas muito superior.

**NÃO PODEMOS FAZER O MUNDO MAIOR. MAS PODEMOS FAZÊ-LO MELHOR!**





## S. O. S. NATUREZA

Ludwig Reichard Filho

Em um recente número da revista Scala lemos a seguinte introdução a uma reportagem intitulada "O Salão Verde":

"Das florestas virgens germânicas não resta grande coisa: do território da República Federal da Alemanha somente 29 por cento estão cobertos por florestas, na maior partes asbestos e pinheiros. Nelas vivem cerca de 1.300.000 cervos, 1000.000 quatis e 90.000 veados e sua exploração econômica gera uma produção bruta anual de quase três bilhões de marcos". (cerca de 30 bilhões de cruzeiros).

Observe-se que o autor fala em "somente" 29 por cento, ou seja, ainda considera pouca esta percentagem de cobertura florestal.

Para nós gaúchos esta quantidade de florestas parece extraordinariamente elevada se a compararmos com o Estado do Rio Grande do Sul onde as florestas cobrem menos de 2 por cento de seu território.

Esta diferença de 2 para 29 por cento se torna ainda mais espantosa se considerarmos os seguintes aspectos:

— Que o território da Alemanha e o Rio Grande do Sul são, mais ou menos, do mesmo tamanho.

— Que o nosso Estado tem cerca de 7.000.000 de habitantes e a Alemanha cerca de 70.000.000 ou seja, dez vezes mais.

— Que enormes áreas daquele país são cobertas por cidades e complexos industriais.

— Que as ferrovias, rodovias, auto-estradas e aeroportos ocupam áreas muito superiores às nossas.

— Que uma parte do país é constituída por montanhas rochosas e parcialmente cobertas de gelo durante todo o ano.

— Que a Alemanha tem uma produção agro-pecuária de causar inveja a muitos países de muito maior área territorial.

E, apesar de tudo isso, ainda sobra lugar para tal volume de florestas.

Como e por que isto é possível?

Acreditamos que um dos principais motivos é a veneração quase religiosa que o povo alemão tem pela árvore.

Outro fator importante é que na Alemanha qualquer transgressão à lei florestal é rigorosamente punida, ao contrário do que acontece aqui.

A isso podemos acrescentar a alta produtividade de sua agricultura, mediante o uso de práticas agrícolas avançadas e racionais.

Enquanto lá os solos são constantemente melhorados através da incorporação de matéria orgânica proveniente das restevas, da adubação verde e das estrumeiras de seus estábulos, a maioria dos nossos agricultores para poupar trabalho, queima as restevas e permite que o estrume de seus currais escorra para o riacho mais próximo.

Por isso, enquanto o agricultor alemão consegue colheitas de 4 a 7 toneladas de trigo por hectare numa terra que já é cultivada há dois mil anos, o nosso agricultor mal consegue uma tonelada, ou pouco mais, em terras que começaram a ser desbravadas há poucos anos.

Se o nosso agricultor fosse instruído e estimulado no sentido de aumentar a produtividade, produzindo o dobro ou o triplo do que produz atualmente numa determinada área, é óbvio que sobraria espaço para o plantio de florestas que lhe trariam todos os benefícios advindos de um clima mais equilibrado, de uma menor erosão, de abundantes mananciais d'água e de uma diminuição das pragas que hoje causam estragos nas lavouras.

A esses benefícios podemos somar a da renda financeira que a exploração racional dessas florestas lhe poderá render dentro de alguns anos.

Quanto mais cedo — ou menos tarde — as nossas autoridades e os nossos agricultores se conscientizarem disso e tomarem medidas concretas para alcançar este objetivo, tanto melhor para o nosso país. Publicado originalmente no "Jornal da Manhã", de Ijuí.

## HISTÓRIA COMUM

João Roberto VASCONCELLOS

Era uma vez um povo que vivia a beira de um grande rio. Podia-se dizer que esse povo era feliz, pelo menos até uma determinada época.

Essa sociedade dividia-se basicamente em três famílias: Os Cooper, que somavam milhares e só trabalhavam, os Commers, que só cuidavam dos negócios e os Gower, uma minoria absoluta, que só mandavam.

As coisas mais ou menos se ajustavam e só dava alguma rusga quando os Commers faziam queixa dos Cooper para os Gower, talvez com ciúmes da sua organização e dizendo que eles estavam se agigantando cada vez mais.

Todo o historiador, na qualidade de repórter do tempo, tem o dever de comentar os fatos com isenção de paixões ou tendências. Daí o testemunho verdadeiro de que os Cooper realmente eram organizados e, sempre que possível, buscavam sua independência nos vários setores da produção, que era o seu grande objetivo.

Certa ocasião, os Cooper resolveram construir uma capela bem na beira do grande rio, para onde canalizariam todos os seus sonhos e esperanças. Uma comissão dos Cooper foi pedir autorização e dinheiro para os Gower comprovando a necessidade da capela, que serviria a todos, indistintamente. Essa capela estava calculada para dar atendimento perfeito por 50 anos.

— Infelizmente não será possível atender esse pedido mirabolante e utópico.

— Mas...

— Não tem nada de mas. Se querem capela, façam vocês.

E não deu outra coisa. No peito, na raça, no orgulho e principalmente na cooperação de todos, os Cooper arregaçaram as mangas e partiram para a realização do seu sonho. Cada um apertou a cinta um pouquinho e em pouco tempo a coisa estava pronta. Pronta e linda.

Aí convidaram os Gower, que discursaram enal-

tecendo o arrojo e o desprendimento dos Cooper.

A surpresa foi uns três ou quatro anos depois, quando os Gower resolveram acabar com a festa dos Cooper.

— Vai lá e faz uma Catedral bem ao lado da capela deles.

— Mas (havia alguém coerente), nós podemos usar a deles.

— Não! Eu quero uma Catedral bem grande. Não faz mal que fique ociosa. É que esses caras tiveram o peito de fazer uma capela e amanhã ou depois eles já estão até recolhendo Papa.

Os Cooper reclamaram, viraram a mesa, botaram a boca no trombone e não conseguiram nada, só porque havia se convencido que os Cooper só trabalhavam e os Gower só mandariam, além de entrarem na divisão dos lucros.

— De que lado da capela nós devemos construir a nossa Catedral?

— O lado não interessa, contanto que faça sombra pra eles.



**COTRIEXPORT**  
Corretora de Seguros Ltda.

**CONSULTORIA  
TÉCNICA**

**ASSESSORIA  
ADMINISTRAÇÃO  
CORRETORA**

Em Ijuí, Rua das Chácaras,  
1513 — Fones: 2160, 2066  
e 2866.

Em Porto Alegre, Rua Cel.  
Vicente, 561 —  
Fone: 25-83-88.

## A GAMA CONSTRÓI ARMAZÉNS

NA HORA DE CONSTRUIR O IMPORTANTE  
ARMAZÉM QUE ESTOCA O RESULTADO  
DA SAFRA, UM NOME —

CONSTRUTORA GAMA QUE PROJETA  
ARMAZÉNS FINANCIADOS PELO  
PRONAZÉM. PAGAMENTO INICIAL A  
PARTIR DE 2 ANOS, COM 10 ANOS PARA  
PAGAR E COM 10% AO ANO DE JUROS.

CONSTRUTORA GAMA — RUA 19 DE  
OUTUBRO 138 — FONE 2456

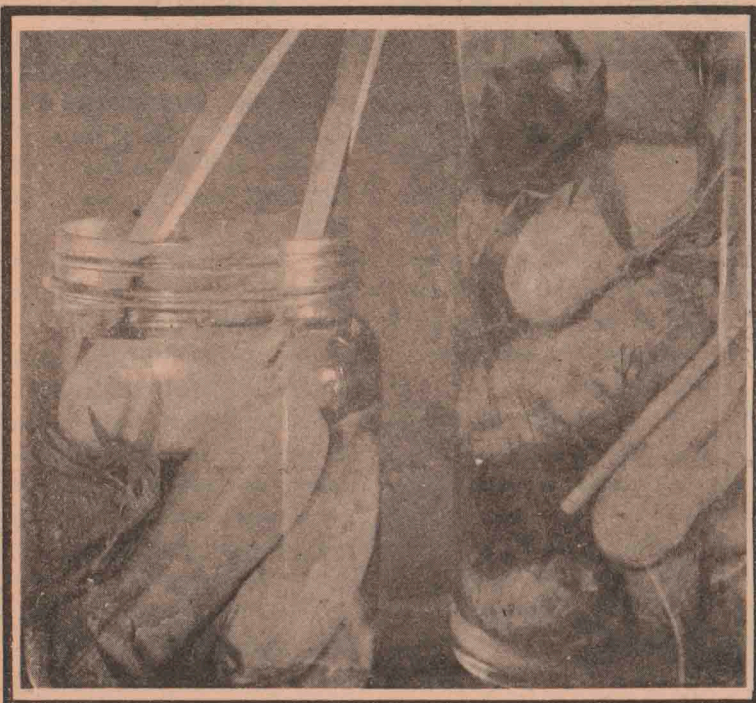
A ENGENHARIA A SEU SERVIÇO.

**GAMA**  
CONSTRUTORA LTDA.

Gimic



# CONSERVA: ALIMENTO PARA O ANO INTEIRO



A conserva surgiu no século passado, quando foi descoberta a ação que a alta temperatura exerce sobre o alimento, eliminando as bactérias e microorganismos que podem provocar a sua deterioração.

O alimento em conserva mantém sabor, textura e forma por muito tempo, podendo ser utilizado o processo com frutas, legumes, verduras e carnes de diversos tipos, em escala industrial ou doméstica.

A diferença está nos métodos utilizados, sabor e tempo de duração (a industrial dura mais que a doméstica). É válido lembrar também que as geleias e compotas são formas diferentes de conservas, por possuírem maior concentração de açúcar.

Também é válido observar quanto ao valor nutritivo. A cor e o sabor só começam a se alterar após 6 meses, isto na conserva caseira. A conservação doméstica representa um meio de aproveitar por mais tempo frutos e legumes.

Para qualquer conserva é importante que se observe o pré-cozimento, a esterilização dos vidros, fechamento dos vidros, e para o completo fechamento a esterilização pelo banho-maria. A fase de esterilização é muito importante, pois da boa esterilização dos recipientes é que vai depender o tempo de duração da conserva.

Ao comprarmos uma conserva devemos observar a sua aparência: não deve apresentar depressões ou

pontos de ferrugem (isso significa que a conserva foi mal armazenada ou fabricada há muito tempo). Se o alimento estiver deteriorado, a lata apresenta a tampa estufada. O conteúdo de uma conserva não deve ser consumido quando ao abrir a lata houver ruído de escapamento de ar: é início de fermentação.

## CONSERVA DE PEPINO

Escolha pepinos novos e pequenos próprios para conserva. É importante que não estejam murchos, para não fermentarem. Lave bem os pepinos. Coloque-os nos vidros, (já bem limpos e esterilizados) para um vidro com a capacidade de 1 litro adicione 1 colher (de sopa) de sal, pimenta, a metade de vinagre branco e complete com água fervida fria, tampe o vidro. Leve ao banho-maria, a contar do início da fervura 20 minutos para os vidros estreitos e 25 min. para os vidros mais largos.

## CONSERVA DE BETERRABAS

Escolha beterrabas novas, descasque-as e corte-as em rodela. Cubra-as com água, junte-lhes uma colher de vinagre, tempere-as com sal e leve ao fogo. Ao levantar fervura, escorra bem a água e coloque-as nos vidros bem limpos e esterilizados. Cubra-as com vinagre e tempere com sal e pimenta a gosto. Tampe os vidros e leve ao Banho-Maria por 20 minutos a contar do início da ebulição.

# SUGESTÕES PARA VOCÊ APROVEITAR OBJETOS VELHOS

**UTILIZE AS VASSOURAS VELHAS** — As vassouras velhas podem ser utilizadas por muito mais tempo, se você cortar os pêlos ou a piaçava bem rente à base e depois envolvê-las com trapos ou retalhos de lã ou feltro. Ficarão ótimas para lustrar assoalhos ou tirar o pó em lugares altos.

**NOVA UTILIDADE PARA AS CADEIRAS DE PALHA ESTRAGADAS** — Se a cadeira de palha furou, retire toda a palha e substitua o assento ou encosto por uma tábua de compensado. Faça uma almofada de algodão ou outro tecido que gostar, com enchimento de bolinhas de isopor ou espuma em metros ou ainda flocos de espuma.

**CORTINAS DE PLÁSTICO** — Você tem cortinas plásticas ou esparadrapo. Para que o trabalho fique perfeito e completo, corte uma tira e coloque sobre o rasgão, em linha horizontal, cobrindo-o todo. Depois pegue outra tira um pouco maior e coloque em linha vertical para ficar um conserto mais forte.

**PROTEÇÃO PARA A GELADEIRA** — Para conservar melhor a sua geladeira e tirar o mau cheiro, descongele-a e despeje uma garrafa de vinagre (de vinho) quente, deixe evaporar e enxágue com água, também quente.

Outra maneira eficaz é enchugar a geladeira, depois de descongelada e limpa com uma solução composta de 1 e 1/2 litro de água com 1 Colher (de sopa) de Bicarbonato de Sódio. Usa-se estes mesmos processos também no congelador. Se deixarmos uma xícara de leite no congelador por alguns dias também eliminará todo o odor existente.

**TORNE SEU TRABALHO DOMÉSTICO MAIS AGRADÁVEL** — Para tirar o cheiro de verniz ou tinta de um armário de guarda louça, coloque lá dentro uma cebola cortada e deixe durante uma noite. O armário não ficará com cheiro de cebola.

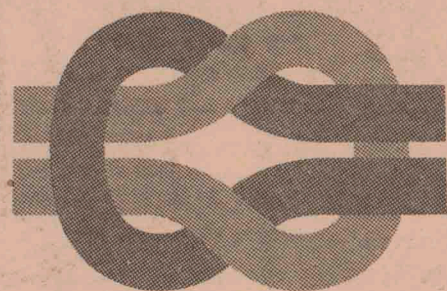
— Para tirar o cheiro da tábua de cortar carne ou verduras, basta esfregar a superfície com uma fatia de limão.

— Retire cheiro de peixe ou cebola de uma panela, enxaguando-a com vinagre enquanto a panela ainda estiver quente.

— Para que a massa de pastel fique mais fácil de abrir, use leite em vez de água, manteiga em vez de banha e uma gema no lugar de um ovo inteiro.

— Se você tem problema de umidade em sua casa, experimente colocar nos cantos vasilhas com sal. Ele absorverá toda a umidade.

**Seja um dos nossos.**



**COTRIJUI**

— A FORÇA DA UNIÃO.



NOVILHOS PRECOSES:

# RACIONALIZAÇÃO E TÉCNICA NO CONCURSO DE D. PEDRITO

Quem esteve presente ao local de remates anexo ao Parque Rural de Dom Pedrito, de propriedade do Sindicato dos Produtores Rurais daquele município, teve oportunidade de observar um desfile de animais que sem dúvida obteriam as melhores classificações em concursos do gênero, em qualquer parte do mundo.

Na manhã de 27 de outubro realizou-se a primeira fase do II Concurso de Novilhos Precoces, com o julgamento dos animais em pé. Segundo os técnicos que acompanharam todas as fases do concurso, os animais apresentados neste concurso foram melhores do que os que concorreram no ano passado.

O Grande Campeão do II Concurso foi o sr. Avelino Scarton, através de um novilho cruza Charolesa, que alcançou um peso de abate de 567 quilos, pesando a carcaça quente, 347 quilos. O rendimento do animal alcançou 61,1%. Importante ressaltar que já no ano passado (I Concurso), o lote Grande Campeão também foi de propriedade deste criador pestanense, também cruza Charolesa.

O Reservado de Grande Campeão, com peso de abate de 532 quilos, com 315 de carcaça e rendimento de 59,2%, era de propriedade do dr. Régis

Lopes Salles, de Júlio de Castilhos.

Concorreram as provas 105 novilhos dos municípios de São Francisco de Assis, Júlio de Castilhos, Giruá e Augusto Pestana, sendo os animais de propriedade dos criadores Cevi Italo Gioda, Regis Lopes Salles, Vladimir Correa de Mello, Arnaldo Sonda, Polidoro Monteiro, Avelino Scarton (o grande campeão) e Eduardo Groff. Sem participar a prêmio, foi apresentado um lote de 10 novilhos cruza Charolesa, criados no Centro de Treinamento da cooperativa, localizado no município de Augusto Pestana.



O lote grande campeão, de Avelino Scarton



O lote reservado de campeão, de Régis Lopes Salles

CARACTERÍSTICAS DO LOTE CAMPEÃO

Exemplar n <sup>o</sup>	Raça ou Cruza	Idade	Peso de abate	Peso carcaça quente
04	Cr. Charolês	2D	508	310
02	Cr. Charolês	2D	561	342
03	Cr. Charolês	2D	567	347
07	Cr. Charolês	2D	508	304
05	Cr. Charolês	D.L.	492	294

CARACTERÍSTICAS DO LOTE RESERVADO DE CAMPEÃO

Exemplar n <sup>o</sup>	Raça ou Cruza	Idade	Peso do abate	Peso carcaça quente
73	Cr. Charolês	2D	522	304
75	Cr. Charolês	2D	532	315
71	Cr. Charolês	2D	505	296
65	Cr. Charolês	2D	495	286
80	Cr. Charolês	2D	500	289

OS JURADOS

Atuaram como jurados do 2º Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, tanto na fase em pé quanto após abatidos, o médico-veterinário José Luis Nelson Costaguta e os engenheiros-agrônomo Mauro Dan-

te Lopes e Becklerc da Silva.

Em nossa próxima edição, a circular em dezembro, daremos detalhes completos do Concurso. Leia na página três desta edição o editorial QUANDO FALTA CURIOSIDADE.



## SOLUÇÃO AFRICANA ESTÁ NO MUTUALISMO POPULAR

Carlos Lana, estudioso do sistema cooperativista a nível internacional, cursa presentemente o "Centro de Recherches Cooperatives - College Cooperatif", em Paris. Antes de fixar-se na França, Lana viveu três anos na África, onde teve oportunidade de observar os sistema cooperativista no continente negro.

Tendo-se familiarizado com o COTRIJORNAL, na França, por intermédio de amigos, conforme correspondência que endereçou ao editor (seção de cartas, edição de setembro), remeteu-nos o artigo que publicamos a seguir. Trata-se de um estudo sobre o sistema cooperativo na África desde remotos períodos coloniais até o presente, que consideramos uma válida contribuição para aqueles que pesquisam a respeito do importante assunto.

O autor analisa as difíceis etapas vividas pelos agricultores em torno da defesa do fruto de seu suor, em face de um comércio rapineiro e viciado por privilégios e a garantia da impunidade imposta pelo branco num continente negro.

No futuro, vamos publicar outros trabalhos do nosso novo amigo Carlos Lana, artigos escritos especialmente para o COTRIJORNAL.

Uma das características das sociedades africanas tradicionais é a existência do espírito da ajuda mútua no quadro de organizações sociais acentuadamente marcadas por relações comunitárias. Trata-se de uma ordem rígida, baseada em hábitos e costumes consagrados pela tradição, sem nenhuma espécie de organização formal. No setor agrícola, constata-se que os camponeses, no geral, colocam as suas forças em comum para o cultivo dos campos, e a sua produção no momento da colheita, é distribuída a cada família, pelo chefe da aldeia. Embora na África atual os valores tradicionais estão em rápido processo de decomposição, os camponeses continuam impregnados por um coletivismo primário e comunitário no plano da apropriação e uso da terra, na prestação de serviços e da ajuda mútua. Na África Negra o individualismo agrário dá apenas os seus primeiros passos.

Apesar da existência deste comportamento coletivo, que a priori pode ser considerado favorável ao cooperativismo, até o momento tudo o que existe como realização cooperativa não é obra da própria iniciativa dos habitantes rurais.

O estudo da história das cooperativas demonstrou que elas foram primeiramente introduzidas pelos colonizadores metropolitanos para facilitar a comercialização, e nos dias de hoje devem a sua existência à disposição da maioria dos dirigentes africanos em organizar e desenvolver o mundo rural. Em suma, trata-se de um sistema cooperativo induzido de "cima para baixo". Com efeito, ele é considerado como um elemento intermediário que possibilita ao aparelho do Estado por a disposição das populações rurais toda uma gama de serviços: créditos agrícolas, equipamentos, infra-estruturas sociais, etc.

O ideal cooperativista na África é um empreendimento extremamente difícil. Apesar

de alimentar muitas esperanças, é ao mesmo tempo fonte de muitas decepções e dúvidas, dada a ausência de adesões, despreparo dos camponeses, falta de quadros capazes, incapacidade de gestão eficaz, e inclusive, paradoxalmente, pela existência de uma pesada máquina burocrática estatal composta por funcionários cuja finalidade precisa é de "impulsionar e dinamizar" o movimento cooperativo.

### PERÍODO COLONIAL

As idéias do associacionismo moderno e de cooperação em solo africano, foram introduzidas pelos administradores coloniais no curso da primeira metade do século XX. Elas surgiram como um meio de contrabalançar o fardo que recaía nos ombros das populações nativas no curso da intensificação das culturas consideradas "industriais" (café, algodão, cacau, amendoim) destinadas exclusivamente aos mercados externos metropolitanos. Esta produção agrícola de exportação, deu origem a grandes casas comerciais, cujas siglas são ainda bem conhecidas em toda África (C. F. A. O. - S.O.C.D.A. etc). Elas são a coluna central onde repousam as relações comerciais entre as colônias e metrópoles. Tais firmas nada mais são que imensos depósitos que se limitam a recolher, reagrupar os produtos agrícolas e expedí-los aos mercados consumidores europeus; elas agem em profundidade no território africano graças a uma imensa rede de comerciantes ambulantes conhecidos pelo nome de "agentes de brousse" (agentes do mato), que praticavam junto dos camponeses a "traite", isto é, a compra da produção, regra geral pela troca com mercadorias manufaturadas. As firmas entregavam no início de cada campanha agrícola aos seus agentes ambulantes os meios financeiros para fazer face às primeiras compras ou mercadorias que eles devem

trocar com os pequenos agricultores. Este foi o mecanismo mais clássico e puro do colonialismo econômico e que levou mais tarde aos críticos deste sistema designá-lo como "économie de traite".

Os abusos e desmandos cometidos por estes comerciantes ambulantes a serviço das grandes firmas, foram de toda ordem, sendo comum o do emprego de balanças falsificadas ou alteradas.

Afim de remediar as frequentes manifestações de descontentamento e mesmo as rebeliões dos pequenos agricultores, a administração colonial viu-se na contingência de criar as primeiras estruturas de caráter associacionista inspiradas nos modelos já existentes na Europa.

Em 1902, nas regiões de denominação francesa, os responsáveis coloniais promoveram as Sociedades Indígenas de Providência, cuja finalidade era de assistir os nativos com ajudas de caráter temporário em caso de doenças e acidentes. Além da simples assistência caritativa incluíam-se pequenos empréstimos anuais para que os nativos pudessem manter suas culturas, aumentar os seus rebanhos ou melhorar os seus implementos agrícolas. A adesão dos camponeses à estas sociedades era obrigatória. O seu ativo era composto por cotização anual, paga em produtos.

O enquadramento do campesinato na Sociedade de Providência não significou que os nativos pudessem ter acesso à direção das mesmas. Elas estavam, na época, sob o estrito controle dos administradores coloniais e os objetivos delas se limitavam apenas a prestar assistência social. Somente em 1933, como consequência da grave crise econômica de 29, é que foram autorizadas a organizar a venda dos produtos de seus aderentes, dando assim aos produtores uma alternativa para escapar da situação de dependência absoluta dos comer-

ciantes ligados às empresas exportadoras.

As Sociedades de Providência foram particularmente dinâmicas nas zonas que se prestavam à agricultura de qualquer um dos produtos de exportação. Desta maneira o Senegal, com regiões propícias à cultura do amendoim, conheceu uma ampla extensão das ditas sociedades, e paralelamente, a conversão da agricultura tradicional de subsistência em monocultura de amendoim. A sua ação principal consistia em munir os camponeses com instrumentos agrícolas, sementes, novas técnicas de cultivo, crédito, etc.

Para além desta Sociedade de Providência foram raríssimos os exemplos de associações que se aproximassem do tipo cooperativista até o fim da 2a. guerra mundial. É de se notar o surgimento apenas em 1930 nos Camerões, de uma espécie de cooperativa de comercialização de produtos agrícolas por iniciativa de colonos europeus que se dedicavam a cultura da banana. Note-se também como curiosidade o fato da Libéria, em 1936, dotar-se de uma legislação cooperativa, porém com resultados nulos, na prática.

Somente a partir do fim da guerra e por causa da nova realidade resultante da conflagração mundial, é que as potências coloniais começam a se ocupar com mais atenção das condições em que se encontravam as populações de suas colônias. Foi assim que apareceram os primeiros projetos de realizações cooperativistas.

Coube aos ingleses as iniciativas neste domínio. Em 1944 as primeiras realizações cooperativistas se deram em Uganda, Kênia e Ghana. Em 1947, na Tanzânia, os ingleses iniciaram um vasto plano de desenvolvimento conhecido pelo nome de decênio de Sukuma. Tratava-se de uma ação programada, apoiada com recursos financeiros, com o objetivo preciso de incrementar em toda a região as culturas de algodão e café, associada a pecuária. No projeto, previu-se o enquadramento maciço dos pequenos agricultores em associações de tipo cooperativa. O resultado desta ação pode ser quantificado pelos seguintes dados: a produção de algodão, que em 1950 era de 50.000 fardos, passou a 250.000 em 1964.

Nas colônias sob o domínio da França as primeiras cooperativas somente apareceram a partir de 1947, quando este país adotava uma nova legislação cooperativa. Esta mesma

legislação foi transportada da metrópole às colônias africanas sem o menor cuidado de adaptação ou de ajustamentos, que a brutal diferença entre essas duas realidades exigia. Foi a partir deste momento, que graças a ação de administradores considerados mais liberais do que a própria política oficial, que se implantaram os núcleos pioneiros de cooperativas. Em 1947/48 o Senegal contava com 4 cooperativas e no curso de 1951/52 o seu número já era de 214.

No Benin (antigo Dohomé), existiam 11 cooperativas de comercialização e 10 dentre elas formaram uma União de Cooperativas. Na Costa do Marfim havia duas cooperativas comercializando a banana enquanto três se ocupavam da venda do café e cacau. Na Guiné, surgiram também algumas cooperativas que se dedicavam à cultura da banana, porém na maioria, eram formadas exclusivamente por colonos.

Nas colônias belgas - Rwanda, Burundi e Congo Belga (atual Zaire), as cooperativas datam de 1948, quando apareceu uma lei organizando nas colônias as formas de cooperativas em dois tipos de estruturas. Uma, reservada aos colonos belgas ou a brancos de outra procedência, e a segunda, de cooperativas ditas indígenas.

O surto de cooperativas no pós-guerra não foi de longo fôlego. Nas colônias inglesas elas se mantiveram estagnadas enquanto nas colônias francesas e belgas elas conheceram um rápido declínio nos primeiros anos da década de 50, por razões facilmente explicáveis: impossibilidade de concorrer com as grandes casas comerciais colonialistas, carência de dirigentes competentes, e mesmo em muitos casos, a presença ostensiva de comerciantes no conselho de administração, etc.

Os efeitos negativos da crise em que se encontrava o recente movimento cooperativo junto às populações não tardaram a se manifestar. Na ausência de um instrumento de comercialização alternativo aos africanos, eles voltaram a depender exclusivamente das casas comerciais e consequentemente de toda espécie de desmandos que caracterizavam as suas atividades.

As autoridades transformaram as antigas Sociedades de Providência em Sociedades Mutuais de Produção Rural (S.M.P.R.), abrindo, pela primeira vez, uma pequena participação às populações nativas



à gestão deste novo organismo. A direção era composta por elementos indicados e fazendo parte da administração colonial e eleitos locais.

As dificuldades que enfrentavam as inexperientes cooperativas, os desmandos das firmas de exportação e dos seus comerciantes do mato, a difícil situação em que se encontravam os pequenos agricultores, fizeram crescer o sentimento anti-colonialista junto as populações nativas. Neste quadro, os intelectuais africanos pregavam abertamente a questão da independência e se dedicavam a constituição das organizações e dos partidos indispensáveis para a ruptura dos elos que os prendiam as metrópoles.

Nas colônias francesas os colonialistas conscientes da gravidade da situação desencadearam esforço de reanimação do movimento cooperativista. Com efeito, pelo decreto de 2 de fevereiro de 1955 previa-se a criação, em cada território colonial, de um serviço administrativo encarregado de difundir os princípios e regras do cooperativismo, ajudar a elaboração de estatutos modelos, dar conselhos e opiniões e sobretudo garantir o bom funcionamento e a gestão das sociedades cooperativas.

No apagar das luzes do regime colonial, em 1957, os franceses, numa última tentativa, transformaram as Sociedades Mutuais de Produção em Sociedades Mutuais de Desenvolvimento Rural. Porém, os sinais de uma nova era estavam prestes a soar e o decreto não teve tempo para materializar as suas boas intenções. Em 1958 deu-se abruptamente a independência da Guiné. A inevitável escalada independentista seguiu-se por toda a África, com exceção apenas dos territórios portugueses, apesar das violentas insurreições dos anos 1961 (principalmente em Angola). Nos anos 60, no continente africano, surgiram 14 países independentes.

A substituição da palavra produção pela de desenvolvimento nas sociedades mutuais, justo nas vésperas de se desencadear o movimento independentista, é carregada de significação: tratou-se de uma tentativa do sistema colonial, então colocado severamente no banco dos réus, de recuperar as críticas feitas pelos movimentos de libertação africanos sobre a miséria, o atraso econômico, a exploração, etc., em que se encontrava todo o continente debaixo da colonização e ao mesmo tempo buscar uma resposta a estes problemas no quadro

das antigas instituições existentes, mantendo-se o "status quo".

A constituição das nações africanas acabou sendo uma realidade, porém o seu desenvolvimento, este elemento tão caro na boca dos que ontem combatiam pela independência e que hoje governam, ainda está longe de dar os seus passos seguros, no tumultuado continente.

De 1958 a 1975 (quando se deu fim à dominação portuguesa), as jovens nações no seio de grandes problemas internos, de instabilidades políticas, de imensas pressões internacionais de diversas ordens, tatearam modelos e experiências de desenvolvimento, porém, infelizmente sem resultados. Ainda hoje elas lutam para atingir, em quase todos os setores de produção, os índices existentes na época colonial.

## A INDEPENDÊNCIA

Assumindo a condição de nação independente, os dirigentes dos novos países vêm-se diante da questão da emancipação econômica e do desenvolvimento. Como atacar e superar o atraso secular e os quase quinhentos anos de colonização?

As respostas a esta questão foram as mais variadas e consequentemente variados os projetos da nova sociedade a construir. Quase todos declararam-se imbuidos de intensões socialistas. Um período rico em definições e de debates dos mais variados tipos de socialismo quanto a forma e conteúdo (socialismo africano, socialismo científico, socialismo humano, etc). Sem se ater as fundamentações ideológicas de todo este amálgama de concepções, é de ressaltar a consideração que quase todos deram as fórmulas comunitárias da sociedade africana tradicional, ainda vivas e dinâmicas. Por esta razão, a idéia de que as cooperativas poderiam ser um fator que se ajustasse, sem causar maiores males, no comunitarismo tradicional e ao mesmo tempo fosse um elemento de inovação e de modernização, não tardou a ganhar força e entusiasmar todos aqueles que sinceramente buscavam encontrar um instrumento eficaz de luta contra o subdesenvolvimento. O senegalês MAMDOU DIA foi um dos teóricos que mais se destacou nos debates de então, pois já no início dos anos 50 havia publicado a sua "Contribuição ao estudo do Movimento Cooperativista na África".

Não tardou para que a

maioria dos Estados adotassem estatutos jurídicos para a cooperação. Em todos os projetos elaborados as cooperativas entram como um elemento orgânico de desenvolvimento que possibilita, de uma parte, a promoção das comunidades rurais, e de outra, o crescimento da produção agrícola e artesanal.

A Guiné foi o primeiro país a lançar-se em grande escala e com pleno entusiasmo numa vasta campanha de enquadramento de camponeses em cooperativas de produção agrícola. No seu plantio trienal de desenvolvimento do período 1960/63, estava previsto a criação de 500 cooperativas. Os dados de 1964 fixavam em 553 cooperativas reunindo 61.471 membros. Atualmente, pouca coisa existe ou sobreviveu deste esforço inicial.

Experiências bem mais modestas, menos ambiciosas e voluntaristas foram realizadas no Mali, no Togo e Benin. Neste último, graças a ajuda da "União Suíça de Cooperativas de Consumo" foi possível a existência de algumas "unidades cooperativas pilotos", que tinham como objetivo a propagação de métodos modernos de culturas.

Todavia, os magros resultados obtidos por estas experiências não tardaram a revelar a verdadeira natureza dos problemas que bloqueiam a expansão do cooperativismo: analfabetismo das populações, falta de quadros preparados, incapacidade de gestão, predominância de uma mentalidade tradicional, tribal, etc. As idéias e sonhos da construção de um vasto sistema cooperativo, uma vez rompidas as algemas da dominação colonial, rapidamente perdeu terreno, mesmo entre os seus mais ardorosos animadores.

As dificuldades encontradas na prática e as experiências mal sucedidas levaram alguns países a caminharem com mais prudência no trabalho de dinamização de cooperativas. Assim, já em 1960, o Senegal, por diversas razões, algumas delas imperativas, levaram as autoridades a intervir crescentemente na gestão das empresas. Generalizou-se a convicção da imaturidade dos camponeses africanos de, por si sós, incapazes de organizarem empresas cooperativas, que por seu tamanho e volume de negócios, exigem um complexo sistema de administração. Daí tomou corpo a idéia de que seria necessário uma longa fase de aprendizagem dos camponeses afim de estarem aptos a assumir as res-

ponsabilidades decorrentes da gerência de uma empresa cooperativa. Entre os que acompanhavam de perto a evolução das experiências cooperativas, manifestam-se opiniões analíticas que divide os que pensam abertamente que a "África é um cemitério de cooperativas", e outros, que dizem "ser necessário percorrer um longo e penoso caminho".

Estas questões tiveram consequências práticas imediatas. São abandonados os projetos de grandes complexos cooperativos e o Estado se encarregou, cada vez mais, de preencher os vazios na atividade econômica onde a cooperação não conseguia responder com eficiência. De outra parte, surgiu a noção de pré-cooperativa, isto é, um agrupamento elementar de poucos cooperadores organizados para funções bem precisas e concretas: abastecimento de gêneros, compra e venda de produtos, trabalhos de infra-estrutura agrícola (drenagens de terrenos, desmatamento, etc.). Coube ao Senegal introduzi-las na prática, com o nome de Associações de Interesse Rural (A.I.R.). São organismos considerados embrião de cooperativas, assistidos por um serviço administrativo estatal especialmente concebido para este fim. Trata-se de uma forma de aprendizado e estágio que possibilita uma certa formação ao grupo de camponeses dispostos a participarem de uma associação de tipo cooperativo, antes de estarem sujeitos ao estatuto jurídico de cooperativa. Na atual República Popular de Angola existe uma categoria semelhante de animação cooperativa: uma extensa rede de pré-cooperativas que recebe o nome de "Associações de camponeses" e a expectativa é a de que elas se desenvolverão num futuro próximo e que os seus membros estarão capacitados a assumir formas de organização mais complexas.

## CONCLUSÃO

Os diferentes tipos de sociedades cooperativas na África não passam de instituições utilizadas pelos seus dirigentes nacionais e pelos responsáveis das instituições de planificação para forçar as populações ao desenvolvimento e integrá-las na nação. Neste sentido, elas são mais um mecanismo de ajustamento das populações e um modelo pré-estabelecido de desenvolvimento do que um instrumento de defesa criado pelos próprios camponeses, tal como elas se constituíram nos países desenvolvidos.

Mesmo assim, o seu índice de penetração junto as populações, continua pequeno. Nos países da África de leste, anglofones, (Kenia, Uganda, Tanzânia) foi onde a cooperação conseguiu deixar raízes mais sólidas. Na Tanzânia, onde há a maior taxa de cooperadores, o seu número representa 5 ou 6% da população enquanto que nos países desenvolvidos europeus, elas chegam a atingir os 30% da população.

Do ponto de vista de mudanças sociais e econômicas, até o momento, as cooperativas pouco ou nada fizeram de significativo. Ao invés de se orientarem a uma certa modernização e racionalização das explorações agrícolas africanas e a uma reorganização da produção, elas se limitaram a se acomodar ao mesmo quadro da "economia de traite", isto é, especializando-se exclusivamente nos 3 ou 4 produtos tradicionais de exportação, (algodão, café, etc.). Em suma, muitas das cooperativas de comercialização "bem sucedidas" economicamente, se deve ao fato de simplesmente substituírem as antigas casas comerciais de exportação da época colonial.

Uma transformação mais radical suportaria com efeito a eliminação dos costumes tribais de repartição periódica das terras, dos hábitos tradicionais de produção e de modernização da agricultura. As cooperativas poderão vir a ser o instrumento pela qual se farão estas transformações, melhor ainda, as pré-cooperativas talvez sejam o ponto de partida seguro de um lento processo de transformações modernizadoras, porém eficaz.

O grande drama do movimento cooperativo na África é que as estruturas cooperativas se acomodam com certa facilidade as estruturas tradicionais africanas, ao seu espírito comunitário. Esta vantagem inicial, paradoxalmente é a causa de sua ruína: elas perdem a sua função de inovação, de transformação, e tornam-se apenas um elemento nas mãos de uma clã ou de uma tribo. Assim, elas se vêem neutralizadas e portanto incapazes de destruir as formas de controle social tradicional. Prisioneiras da solidariedade tribal, elas estão condenadas ainda a uma longa hibernação antes de chegar o dia em que acordarão como forma de organização racional como bem o exige qualquer tipo de empresa, cooperativa ou não, seja qual for o regime econômico e político.



# EM DOM PEDRITO UM CURSO ENSINA PLANTIO DE ARROZ

Numa iniciativa do setor de comunicação e educação da COTRIJUI, unidade de Dom Pedrito, realizou-se naquela cidade em setembro último um curso sobre arroz, objetivando aprimorar os conhecimentos de técnicos e demais elementos que operam com o produtor a partir do preparo do solo para o cultivo, até atingir o mercado consumidor. Com duração de 100 horas, o curso promovido pela COTRIJUI teve a colaboração do SENAI - Serviço Nacional da Indústria e contou com o apoio do CLAVESUL, que inclusive cedeu seus monitores Sérgio Luiz Menezes e Maria Venkato Menezes para trabalharem no ciclo.

Além de funcionários da COTRIJUI participa-

ram do curso funcionários de firmas igualmente ligadas ao setor do arroz. O curso abrangeu aspectos ligados ao plantio e colheita, verificação de pragas, identificação de doenças na cultura, irrigação, transporte, amostragem, classificação, embalagem e comercialização. Foi enfatizado pelos ministrantes que a qualidade do arroz começa a ser assegurada a partir do preparo do solo para o plantio, sendo este um estágio importante quanto o é a secagem e o armazenamento do produto.

A COPÉDIA cedeu instalações para o desenvolvimento do curso.

Na foto aparece uma vista de uma parcial do curso na sede da COPÉDIA, com os participantes



## Em Brasília:

# I SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICA AGRÍCOLA

Através de encontros regionais sucessivos, cerca de 20 mil engenheiros agrônomos que representam, praticamente, a totalidade dos profissionais existentes no País, estão se manifestando pela modificação do modelo agrícola brasileiro. Reclamam, também, uma participação mais ativa no processo decisório que procura solucionar os grandes problemas sócio-econômicos da Nação. Eles defendem que a base de uma agricultura racional deve ser um mercado interno forte. Quanto à exportação, somente de excedentes, para que a produção agrícola não sofra as consequências de uma dependência nociva dos mercados internacionais.

Baseada nesse consenso, a Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil - FAEAB, com a colaboração da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Distrito Federal - AEADF, estão organizando para os dias 22 a 25 do corrente, em Brasília, o I Seminário Nacional de Política Agrícola - SENAPA.

Segundo Fernando Genschow, coordenador geral do encontro, o programa básico desse I SENAPA, será desdobrado através de quatro painéis e de uma sessão plenária, esta para elaboração do documento final.

Os painéis abrangerão:

I - Expansão das fronteiras agrícolas da Amazônia e do Centro-Oeste. Atuação dos órgãos regionais de desenvolvimento. A privatização da colonização.

II - Grande, média e pequena empresa. Relações de trabalho na agricultura. Reforma Agrária.

III - Tecnologias alternativas. Preservação e conservação de recursos naturais.

IV - Revisão da política agrícola e de seus instrumentos. O mercado interno.

Genschow também enfatiza que o SENAPA será um encontro de técnicos das áreas estatal, empresarial e sindical.

E faz questão de frisar que o Seminário Nacional de Política Agrícola está aberto à participação de todos, mesmo profissionais de outras áreas, que desejem contribuir para o fortalecimento da agricultura brasileira, de modo a oferecer diretrizes para um novo governo.

Sobre a posição e expectativa da FAEAB em relação ao temário que será desenvolvido durante o I Seminário Nacional de Política Agrícola, o presidente da Federação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil, Benedito de Miranda, teceu algumas considerações: Sobre a tecnificação da agricultura, alerta que este processo deve ser considerado em termos relativos. Se, por um lado, a mecanização pode gerar o desemprego, por outro, a cultura intensiva leva à degradação do solo. Disse esperar que o encontro se estabeleçam critérios de progressividade na aplicação de novas técnicas economizadoras de mão-de-obra e de exploração agrícola.

No que diz respeito à empresa rural, assevera que este conceito não deve ser desvirtuado para encobrir o latifúndio. E ressalta que o valor da produção agrícola tem

sido maior nas pequenas e médias propriedades. Afirma também que essas utilizam melhor a terra, empregam mais mão-de-obra, realizam maiores investimentos e também produzem o grosso de nossas colheitas.

Em relação à conservação do meio ambiente, defende o desenvolvimento de uma tecnologia mais racional, tanto na fiscalização do comércio de defensivos, como a destinação de maiores recursos para pesquisas em culturas biológicas e de controle integrado de pragas e doenças.

Quanto à revisão da política agrícola, defende a incorporação de espaços para a produção agropecuária, com uma boa distribuição de créditos e assistência técnica adequada. Prega também a criação de estações ecológicas, parques florestais e reservas biológicas, em áreas devidamente tituladas e protegidas, sob uma política humanista de correto desenvolvimento social e econômico.

As inscrições podem ser remetidas através de cheque nominal em favor do I Seminário Nacional de Política Agrícola, aos cuidados da secretaria do Encontro: SCS - Edifício Jockey Club, sala 109. 70300 - BRASÍLIA - DF. A taxa única individual custa 800 cruzeiros, para as inscrições efetuadas até o dia 31 de outubro e mil cruzeiros, após essa data.

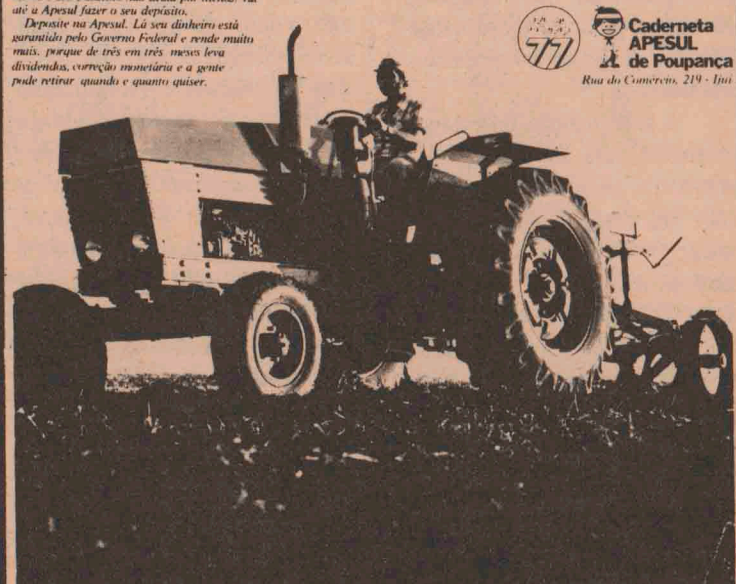
As teses serão recebidas com base nas seguintes condições: Autoria caracterizada; datilografadas em três vias, espaço dois; conterem ementa e conclusões.

*Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.*

*Olha só ele aí.*

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucra e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendo, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.

**Caderneta APESUL de Poupança**  
Rua do Comércio, 219 - Ipiranga



*Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.*



# BNCC INAUGUROU AGÊNCIA EM BAGÉ



Como parte da programação da 66a. Exposição-Feira de Bagé, foi inaugurada naquele município dia 14 de outubro uma agência do Banco Nacional de Crédito Cooperativo-BNCC, que se constitui na terceira em território gaúcho. O ato contou com a presença do Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli; Governador Sinval Guazzelli; Secretário da Agricultura, Getúlio Marcantônio; Marcos Pessoa Duarte, presidente do BNCC e Tertuliano Boffil, diretor do banco, além de representantes de cooperativas.

Ao usar da palavra no instante da inauguração, o presidente do BNCC, falando a respeito da concessão de crédito no

Rio Grande do Sul, disse que no ano de 1973 foram aplicados 37 milhões de cruzeiros e, em 30 de setembro desse ano, as aplicações do BNCC já atingiam o montante de 892 milhões de cruzeiros. Ao ampliar sua rede de agências, o BNCC procura agregar ao setor de crédito, uma assistência técnica específica de consultoria e auditoria, procurando sempre o fomento do cooperativismo. Brevemente será inaugurada mais uma agência do BNCC em nosso estado (Passo Fundo), somando quatro com as já existentes em Porto Alegre, Ijuí e Bagé. A mais nova agência tem na gerência o sr. Darci Sagave, e está localizada à Avenida 7 de Setembro, 855.

## LANÇADA PELA OCERGS A REVISTA "DIREÇÃO"

A Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul - OCERGS, já tem o seu veículo oficial. É a revista "Direção", que circulou em primeira edição em outubro.

Destacam-se como assuntos de maior expressão nessa primeira edição da revista, A importância da OCERGS como porta-voz das cooperativas, Como utilizar o FATES (Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social), Capital rotativo nas cooperativas, entre muitos outros de grande interesse.

A execução da revista da OCERGS está entregue a COOJORNAL - Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

### "ENGENHEIRO AGRÔNOMO" APARECEU EM NOVA FASE

Circulando em primeira edição na nova fase, a revista "Engenheiro-Agrônomo", órgão da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, retornou com roupagem nova, em mais um projeto editorial da COOJORNAL - Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

O destaque de capa da edição em circulação é o receituário agrônomo, sob o título O controle do uso dos defensivos.

A editoria da revista está sob a responsabilidade da colega Rosvita Saueressig, jornalista da COOJORNAL.

### SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ

Pelo presente Edital ficam convocados todos os associados deste Sindicato, quites e em pleno gozo dos seus direitos Sindicais, para a Assembléia Geral Ordinária e outra Extraordinária a realizarem-se no próximo dia 29 (vinte e nove) de novembro de 1978, às 8,00 (oito) horas e 9,00 (nove) horas respectivamente, local FIDENE, sita à Rua São Francisco, nº 501, na cidade de Ijuí (RS).

#### ORDEM DO DIA DA ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA:

1ª - leitura, discussão e votação da Previsão Orçamentária para o exercício de 1.979 e o respectivo parecer do Conselho Fiscal.

#### ORDEM DO DIA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA:

1º - leitura, discussão e votação das atas das duas últimas Assembléias Gerais;

2º - leitura, discussão e votação da Suplementação da Proposta Orçamentária do exercício de 1.978 e o respectivo parecer do Conselho Fiscal;

3º - discussão e votação do aumento das mensalidades à vigorar a partir de 1º de janeiro de 1.979 e o respectivo parecer do Conselho Fiscal;

4º - ratificação de admissão e demissão de funcionários;

5º - ratificação de ordenados e aumento de ordenados;

6º - assuntos gerais.

De acordo com o Estatuto a votação será procedido pelo sistema de voto secreto. Na eventualidade de não haver número legal de associados para a realização das Assembléias ora convocadas as mesmas serão realizadas uma hora após no mesmo dia e local, com qualquer número de associados presentes.

IJUÍ (RS), 04 de novembro de 1978.

CARLOS KARLINSKI  
Presidente

## Com Benlate®, o que é do homem o bicho não come.

*Benlate controla os fungos  
da sua lavoura de soja.*



**DU PONT** AGROQUÍMICOS  
MARCA REGISTRADA



SEMINÁRIOS:

# ESFORÇO CONJUGADO PARA RESOLVER PROBLEMAS E PROGRAMAR O FUTURO

A COTRIJUI discutiu com o quadro social os problemas que lhe dizem respeito, através de seminários de agricultores. Conclamados pela direção na última assembléia e por um sem número de reuniões preparatórias, os produtores concentraram suas opiniões e de parcelas representativas do quadro social, principalmente no que diz respeito à quatro assuntos: diversificação, estrutura do poder, expansão da cooperativa e capitalização. A idéia dos seminários surgiu pela necessidade de a própria cooperativa adotar medidas e posicionamentos frente à realidade atual, sem que se tivesse de esperar uma futura assembléia ou mesmo levar mais tempo através de discussões separadas, em pequenos grupos. Com a realização dos seminários em Augusto Pestana e Ijuí, cujas fotos e texto a seguir mostram alguns detalhes, o convênio COTRIJUI/FIDENE cobriu toda a região com esse trabalho.

## ELIMINAÇÃO DO INTERMEDIÁRIO

O Seminário de agricultores associados que operam com a unidade da COTRIJUI de Augusto Pestana ocorreu dia 12 de outubro, no salão paroquial da Igreja Matriz. Além do expressivo número de associados, com participação de mulheres, inclusive, o debate teve a contribuição do diretor vice-presidente Arnaldo Drews, técnicos e elementos ligados aos setores que integram o convênio da cooperativa com a FIDENE.

Além dos assuntos comuns à todos os seminários, se discutiu medidas que objetivem transferir melhor remuneração ao produtor, ainda que isso não implique em aumento de custo para quem consome. A esse respeito, Arnal-

do Drews explicou a instalação de uma casa de carnes em Porto Alegre, fruto de acordo operacional entre a COTRIJUI e a Cooperativa Castilhense de Carnes, eliminando por completo a figura do intermediário. Sobre expansão, foi firmada também em Augusto Pestana posição quase genérica dos demais seminários. Que o crescimento ocorra em serviços, na assistência à produção e produtividade, sem que isso signifique novas incorporações. Reforçando a necessidade de capitalizar sobre a soja, o vice-presidente disse que "antes o juro era de 13 a 15 por cento ao ano. Hoje o dinheiro que emprestamos para o Repasse chega a um custo de 28 por cento. Por isso os balanços mais positivos atualmente são dos bancos, para quem a mercadoria é o dinheiro".

## EXPANSÃO RACIONAL

O Seminário de Ijuí foi o último. Realizou-se dia 18 de outubro, contando com mais de 80 produtores associados. O debate foi estabelecido entre colocações feitas pelo diretor presidente da COTRIJUI, engenheiro agrônomo Ruben Ilgenfritz da Silva, sobre os quatro assuntos comuns — capitalização, expansão, diversificação e estrutura de poder, e outros levantados pelos associados.

A certa altura da explanação que fez, Ruben I. da Silva afirmou: "Ou pagamos o custo dos financiamentos para os bancos, ou deixamos parte daquilo que já é nosso na cooperativa e diminuímos a dependência". Ainda no encaminhamento da discussão do assunto capitalização, afirmou: "A situação patrimonial da cooperativa é excelente, enquanto sua situação financeira é miserável. Antes o custo financeiro de um armazém

era de 15 por cento ao ano, e hoje é de 24% a.a. O que não podemos fazer é capitalizar por decreto. Se me perguntarem a opinião pessoal, direi que é três por cento, porque a cooperativa precisa. Mas e o produtor, no todo, está estruturado? Vai suportar? Temos de discutir isso".

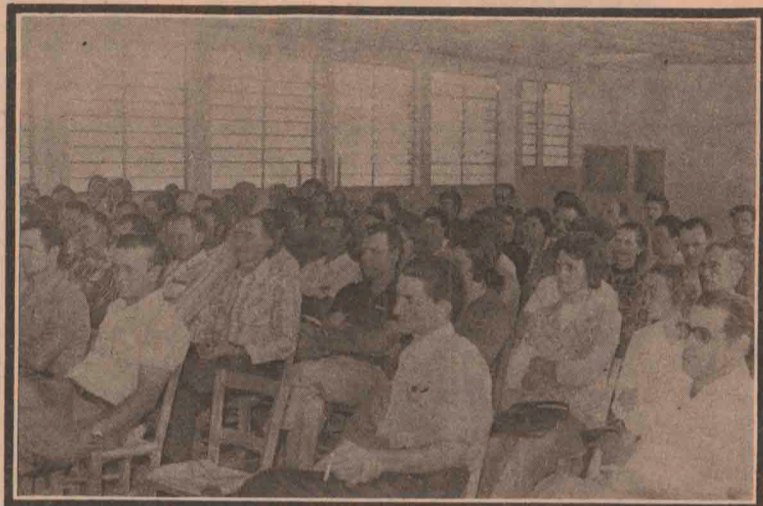
Quanto à expansão da COTRIJUI, houve um certo equilíbrio de opiniões, convergindo para o aprimoramento de serviços, quem sabe assegurando mercado mais sólido pela industrialização (suíno, hortigranjeiros). Por hora, cessar com eventuais incorporações. A idéia já existente de reunir os núcleos antes das assembléias, discutir o balanço e depois nomear representantes foi tida como viável.

Na parte da manhã, o diretor presidente se deteve em explicar a nova modalidade de comercialização — a chamada comercialização soja futuro. Sobre o assunto, essa edição do COTRIJORNAL fornece maiores detalhes na página de serviços.

Foi também em outubro, dia 14, que se realizou o seminário de produtores de Vila Jóia-Tupanciretã. Os assuntos foram discutidos com a orientação do diretor financeiro, economista Osvaldo Meotti.

## SEMINÁRIO CENTRAL NO MÊS DE DEZEMBRO

Concluída a discussão a nível de Região Pioneira, no próximo mês se reunirão em Ijuí representantes de todas as unidades para, num seminário central, buscar um consenso com objetivo de identificar quais serão realmente as medidas que se deverá tomar. Esse encontro, a princípio, está programado para a primeira quinzena de dezembro, devendo ainda pelos programas de rádio se determinar dia e local para sua realização.



Associados reuniram-se em Augusto Pestana ...



... e em Ijuí para debater assuntos.

# DESNATADEIRAS MANUAIS

Temos para venda desnatadeiras manuais, próprias para o desnate de leite em sua própria residência. Capacidade de 50 a 135 litros por hora. Usadas recondiçionadas com garantia de 60 dias. Tratar pelo fone 2430 ou escrever para caixa postal n<sup>o</sup> 123. IJUÍ (RS).



# ZONEAMENTO AGRÍCOLA DO RIO GRANDE DO SUL

Todos os 232 municípios gaúchos, contam com informações detalhadas das diversas classes de solo que o compõem e a indicação dos produtos preferenciais a serem cultivados pelas condições agroclimáticas. Essas informações constam do Programa de Zoneamento Agrícola do Estado, lançado no final de outubro em solenidade presidida pelo governador Sival Guazzelli, e que contou com a presença de grande número de secretários de Estado, prefeitos do interior e outras autoridades.

O secretário da Agricultura, Getúlio Marcantônio, explicou que o Zoneamento Agrícola do Rio Grande do Sul objetiva, fundamentalmente, "orientar a ação dos produtores, órgãos e entidades que atuam no setor primário no Estado, para a perfeita adequação de toda a exploração agropastoril às características edafoclimáticas de cada município".

"É um magnífico e poderoso instrumento cuidado-

samente elaborado por técnicos altamente qualificados para que todos os produtos riograndenses, a partir de agora, passem a atender as vocações de clima e solo de cada município acrescentou.

Marcantonio afirmou, ainda, que "sabem todos que a fronteira agrícola gaúcha se esgotou e que não obstante isso, é imperioso continuarmos a progredir. O grande desafio, pois, que hoje se formula no setor agropastoril do Estado é do crescimento pela produtividade. Pois aqui está senhor Governador, o Zoneamento Agrícola, poderoso instrumento técnico, que nos permite aceitar o desafio do crescimento no sentido vertical".

## PRODUTOS BÁSICOS

O Zoneamento Agrícola do Estado indica 22 produtos básicos, que são os seguintes: abacaxi, alfafa, arroz irrigado, banana, batatinha, cana de açúcar, cebola, alho, citros, feijão, macieira, mandioca, milho, fu-

mo, forrageiras, pessegueiro, soja, sorgo, trigo, videira americana e videira européia.

Nas indicações, há zonas preferenciais de soja, que oferecem as condições ideais para a cultura. Em seguida há as zonas toleradas, que são as que têm apenas uma restrição de ordem térmica ou de umidade. Após, zonas marginais, em que há, pelo menos, duas restrições, uma térmica e outra com referência à umidade. E, finalmente, a zona inapta, que não oferece condições para o desenvolvimento dessa cultura.

O volume do zoneamento agrícola deverá ser divulgado apenas a nível técnico. A informação geral, entretanto deverá ser feita através de cartazes distribuídos pelos municípios, nos lugares de mais fácil acesso aos agricultores. Eles indicarão as preferências para os produtos que devem ser plantados e conterão uma advertência para os produtos que tem restrições e que merecem maiores cuidados, isto é, quando a cultura é apenas tolerada.

## ESPECIALISTA EM COLZA

Já há alguns anos a COTRIJUI, vem conduzindo um experimento com a colza em seu Centro de Treinamento, sob a orientação do dr. Gehrard Röbbelen, da Alemanha. Para se certificar do andamento desse projeto que estuda a viabilidade da introdução da colza como cultura de inverno na região, o especialista esteve em Brasil, permanecendo dois dias em contato com a direção da COTRIJUI, seus técnicos e inclusive participando de reunião com representantes de órgãos de pesquisa e indústrias de óleo.

Pelos resultados de seu trabalho, Gehrard Röbbelen é dr. honoris causa, pela universidade mantenedora do Instituto de Melhoramentos de Plantas de Göttingen, do qual é diretor. Falou que o instituto dedica-se às ciências naturais (bioquímica, citogenética), concentrando esforço especial no desenvolvimento de métodos que determinem a melhor qualidade de produtos (culturas) destinados à alimentação, sendo um dos melhores exemplo a colza.

Como critério base, o instituto que dirige adota a metodologia de procedimento e não a criação de cultivares. E foi



Dr. Gehrard Röbbelen

nesse aspecto que o Instituto de Melhoramento de Plantas de Göttingen se entrosou com a COTRIJUI. O que os técnicos querem é saber da possibilidade do cultivo da colza em outras terras, como já ocorre no Canadá, França, Argentina. Segundo o dr. Röbbelen, a Argentina já produz colza há 30 anos, mas não progrediu em

termos de pesquisa. Por isso a colza produzida lá tem problemas (ácido erúico). No Brasil, pelo que observou do trabalho desenvolvido pela COTRIJUI entre a visita que fez em 1975 e a sua recente vinda, vê boas perspectivas para o desenvolvimento da cultura da colza, dado o interesse demonstrado não só pela cooperativa que patrocina os estudos, quanto por órgãos brasileiros de pesquisa e até indústrias. A colza, adiantou o técnico alemão, se cultivada dentro de uma metodologia razoável, certamente significará lucro para o agricultor.

Alertou para o perigo de, diante das boas perspectivas que a colza oferece, o agricultor abandonar outras culturas. Não aconselha ninguém a substituir toda a área cultivada com trigo pelo plantio da colza, mas sim parte, para aumentar a margem de segurança. Outro ponto para o qual o dr. Röbbelen chamou a atenção, é que a colza constitui-se numa planta tipicamente industrial, daí porque deverá haver um controle na sua produção até o ponto em que satisfaça as necessidades das indústrias.

## LEITURA SUGESTÃO PARA TER EM CASA

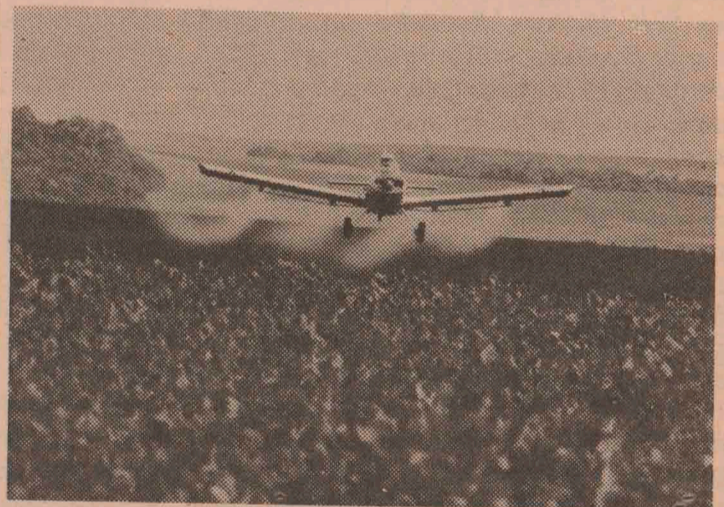
Dentre as revistas editadas mensalmente pela Casa Publicadora Brasileira, estão "Vida e Saúde" e "Nosso Amiguinho". A primeira é um periódico informativo-científico que traz artigos de médicos conceituados, principalmente na área da medicina preventiva. Igualmente instrue o leitor para situações de emergência. Quanto à Nosso Amiguinho, é publicação também mensal de cunho educativo. Seu conteúdo é distribuído entre conhecimentos gerais, ciência prática, passatempos e gravuras para montagem. Uma das poucas revistas do gênero.

Para maiores informações ou assinaturas dessas revistas, encaminhar correspondência para Serviço Educacional Lar e Saúde; Caixa Postal, 8, 98.700 - IJUÍ - RS.

**vida & saúde**

MINERAIS: NINHERIAS INDISPENSÁVEIS

## SEVIMOL® atrai e mata as pragas da soja.



SEVIMOL é a formulação líquida do inseticida Sevin com melação.

Graças ao melação, atrai as mariposas e lagartas da soja, que morrem imediatamente.

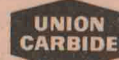
Mantém a soja livre de lagartas, vaquinhas e percevejos.

SEVIMOL é fácil de aplicar com qualquer equipamento.

É mais seguro, por sua baixa toxicidade.

Mais eficiente e mais econômico, graças ao seu prolongado efeito residual, Sevimol assegura ao agricultor melhores colheitas e maiores lucros.

SEVIMOL tem a garantia da Union Carbide.



Divisão de Produtos Agropecuários

UNION CARBIDE DO BRASIL LTDA.  
Avenida Paulista, 2073 - 24.º andar - CEP 01395  
Tel.: 289-6100 - C. Postal 30.362 - S. Paulo - SP

SEVIMOL® é marca registrada da UNION CARBIDE CORPORATION, USA, para o inseticida Carbaryl.



## O PAPEL DA INFORMAÇÃO RURAL

Jornalista José Resende PERES (Secretaria da Agricultura do Estado do Rio)

Num país em desenvolvimento, o jornalista agrícola, o homem da informação rural, deve ser um profissional respeitado, porque ele é uma peça importante na luta pela modernização da agricultura. É bom recorrer às imagens simples: não adianta mandar o veterinário ao criador que ainda prefere receber o benzedor. Daí a missão prioritária daquele profissional de informação no campo, com objetivo de preparar as mentes, para que elas aceitem a tecnologia que a extensão rural irá introduzir. Sem esta informação pode ocorrer também uma exploração direta do produtor: o comerciante ativo chega à fonte de produção e compra safras por preços "antigos", isto é, preços às vezes vigentes a 48 horas antes, mas que deveriam ser elevados sensivelmente, em resposta a geadas, cheias ou eventuais transações ao mercado mundial.

Muitos produtores brasileiros não assinam jornais ou sabem qual a estação de rádio e em que horário são transmitidas as cotações das bolsas de alimentos. Aliás, para a maioria, pouco interessaria mesmo assinar jornais brasileiros, que teimam em cotar os produtos na fórmula em que recebem do exterior, ou seja, tantos centavos de dólar por um "bushell" de milhões de 56 libras...

Também os elaboradores de projetos agrícolas, no interior, principalmente no serviço de extensão rural freqüentemente instalados em vilas distantes, têm problemas para saber como que os preços, farão seus trabalhos, seja no que respeita aos preços mínimos, seja na cotação de insumos. Falta informação, embora muitos estejam conscientes disso e lutem a muito tempo. Basta dizer que, desde Hipólito José da Costa, nosso primeiro jornalista agrícola também fundador do primeiro jornal brasileiro, nossa missão tem sido a de defender a agricultura, levar-lhe as conquistas da ciência e do avanço tecnológico. É preciso admitir, porém, que muitos dos homens da informação rural assimilaram um defeito que é também do produtor rural, o individualismo. Cada um limita-se no desânimo, na descrença; cada um transforma-se numa vara frágil, castigada pela fraqueza, seja na hora da liberdade de ação ou no ajuste salarial.

A Associação Brasileira de Informação Rural foi a primeira tentativa de unir, gerando uma fusão invencível. A ABRIR trata, cada vez mais, de organizar-se, para derrotar o que ainda existe; pessimismo tradicional de muitos, que sorriem ante os apelos dos que enxergam na união a filosofia da ação em comum, em proveito de todos.

O Governo do Estado do Rio de Janeiro, desde a Fusão, conquistou um avanço no setor de Informação Rural. O Governador Faria Lima, atendendo aos problemas do pequeno produtor, reclamou a urgência de um programa de rádio, que levasse as cotações aos produtores rurais, dando-lhes maior poder de resistência à ganância dos intermediários. Foi por isso — e tendo em vista a filosofia global da

administração no setor primário — que a informação rural obteve, de imediato, o nível departamental na estrutura da Secretaria de Agricultura do Estado.

Entre outras missões, o Departamento de Informação Rural ficou incumbido de divulgar os avanços da ciência e da tecnologia, além de ser organismo atuante na missão de alertar produtores rurais e técnicos sobre a cotação de produtos agrícolas e de fertilizantes, defensivos, sementes, máquinas, etc.

Já se pode ver agora — depois de tantos anos de lutas da Informação Rural — que na produção está o poder competitivo da agricultura brasileira, que, mais do que no passado, sustenta o desenvolvimento, conquistando as divisas na pauta de exportação.

A missão de concentrar esforços na área agrícola não é apenas federal, estadual ou municipal. Os três escalões estão irmanados numa batalha comum, como já foi exposto, reiteradamente pelo Ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli. Com o nosso objetivo, tenho exortado os Prefeitos Municipais a que sejam, em cada comunidade onde são líderes, os multiplicadores da filosofia segundo a qual devemos mentalizar o produtor rural para que aumente as áreas de plantio e usem mais insumos, a fim de produzir mais por hectare.

É muito bom fazer também uma exortação aos jornalistas brasileiros, peritos em assuntos agrícolas. Eles devem escrever sobre a necessidade inadiável de produzir mais, para compensar as elevações de preços do petróleo. Todos nós devemos conhecer o nosso papel, uma espécie de cavalaria que marcha à frente, conquistando os homens para que os extencionistas encontrem mentes preparadas para aceitar as imposições da ciência e da tecnologia. Que cada um, em seu Estado, em seu veículo, conclame o produtor rural para esta nova fase de união total de esforços em prol do aumento da produção agrícola brasileira.

Um Boletim AGRICULTURA E ABASTECIMENTO — MERCADO, implicitamente, concentra também a essência da Informação Rural: uma estrada de mão-dupla, que além de se dirigir ao produtor fala ao homem dos grandes centros, para que ele possa valorizar o trabalho que se cumpre na terra, uma batalha vital, num mundo que fechou a casa dos quatro bilhões de habitantes e está ameaçado, em seus quatro cantos, pelo espectro da fome, que somente está superado pela instalação plena do poder agrícola.

Além de orientar e motivar o produtor rural, a informação agrícola no Brasil orienta também os que decidem sobre os problemas da agricultura, pois, não raro, muitos cargos importantes são ocupados por amadores. Transcrito da revista "Agricultura & Abastecimento", órgão da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro.

## ENTREPOSTO HORTIGRANJEIRO

A comercialização de hortaliças e frutas à nível de atacado já é uma realidade na COTRIJUI. No dia 12 de outubro entrou em atividade, em escala experimental, o Entreposto Hortigranjeiro, localizado à Rua do Comércio, 1008, utilizando o primeiro armazém da cooperativa, o qual já de há muito estava superado para armazenagem de grãos e que com a reforma geral ficou adequado para recebimento e comercialização de produtos hortigranjeiros.

Esta unidade propicia condições à que a COTRIJUI possa desenvolver mais uma linha de produção em seu programa geral de diversificação de culturas na região.

A curto prazo a produção da região será constituída basicamente de hortaliças, por seu ciclo menor e sua conseqüente, rápida colheita. Todavia, a fruticultura conta com a mesma preocupação, no sentido de se obter boa produção na região, sabendo-se porém que seus re-

sultados levarão mais tempo para serem significativos.

É de se observar a cautela no incentivo à atividade hortigranjeira, devido principalmente a seu grande potencial de produtividade, curto ciclo vegetativo e grande perecibilidade dos produtos, aliando-se à isto a necessidade de obter produto de ótima apresentação e qualidade, pois somente assim a remuneração pelo trabalho do produtor é satisfatória.

Considerando todos estes fatores a produção deve ser muito bem programada e assistida tecnicamente para dar a estabilidade necessária ao desenvolvimento do processo produtivo e é isto que está se procurando alcançar com o Programa de Hortigranjeiros — COTRIJUI, ressaltando ser dirigida com prioridade à pequenas propriedades rurais, e que disponham mão-de-obra familiar, aliando assim os aspectos sociais e econômicos desta atividade agrícola.

### PRODUÇÃO DE ALHO

Associados que estiverem interessados em produzir alho no próximo inverno, devem entrar em contato com o Departamento Técnico de sua Unidade.

A Shell Química lança produto extremamente eficaz contra as pragas da soja e do trigo.

Alacran 40  
A mais poderosa formulação contra as pragas



#### Novo solvente facilita misturas

Alacran 40 é formulado especialmente para as culturas da soja e do trigo, com ingredientes cuidadosamente desenvolvidos para produzir a mais versátil das formulações em termos de compatibilidade com outros defensivos. Alacran 40 extermina lagartas e percevejos da soja e pulgões do trigo, eliminando as pragas por contato, ingestão e também por ação sistêmica.



Em frasco de 1 litro e em balde de 20 litros

Para maiores informações consulte seu agrônomo, o de sua cooperativa ou diretamente a Shell Química.



Shell Química

Técnica e pesquisa a serviço de um mundo melhor



# PREPARO DE COMPOSTO PARA ADUBO ORGÂNICO

A matéria a seguir, que reputamos de elevado valor, principalmente agora que se procura estimular a volta à policultura, em especial os horti-fruti-granjeiros, foi compilada da FAO. "Soils Bulletin 4) — China: recycling of organic wastes in agriculture, 1978. É uma tradução e adaptação do agrônomo Osmar Goeden Reis, da EMBRATER, que nos remeteu de Brasília. A leitura atenta do texto mostrará como nós desperdiçamos materiais orgânicos de excelente qualidade fertilizadora e de como é fácil e prático passarmos a aproveitá-los.

Diversas técnicas são utilizadas pelos agricultores chineses para preparar o esterco ou composto, dependendo da quantidade e da qualidade do material disponível. Essas técnicas, desenvolvidas, através dos anos a partir de práticas tradicionais e da experiência, atualmente estão sistematizadas com base científica.

Adubos fermentados, similares ao tradicional esterco de curral e ao composto, são obtidos de misturas de restos orgânicos da agricultura, como palha, talos, folhas, capins, plantas aquáticas, dejetos e urina de animais, restos domésticos, lixo das cidades, esgotos, etc. Esses materiais, quando depositados com a umidade adequada, sofrem uma decomposição intensiva, resultando um adubo úmido, de coloração marrom escura.

A decomposição ocorre devido a ação de uma larga variedade de micro-organismos, desde que haja quantidade suficiente de material carbonado para servir como fonte de energia, além de uma proporção correspondente de materiais nitrogenados para produzir a massa do adubo composto. Com essa condição básica e com a umidade adequada, as misturas de resíduos se tornam um "habitat" apropriado para a vida e a multiplicação de numerosos micro-organismos, possibilitando a atividade de decomposição dos materiais complexos em simples. Finalmente, ao morrer, eles se tornam por si mesmos parte do adubo composto.

Esse adubo orgânico contém materiais transformados, alguns produtos intermediários da decomposição dos materiais originais, compostos sintetizados por micro-organismos e as substâncias celulares de micróbios vivos e mortos.

1. Preparo do composto no campo.

Os materiais utilizados para preparar o composto no campo, junto às lavouras, são os resíduos de culturas (palhas de arroz, milho, etc), plantas

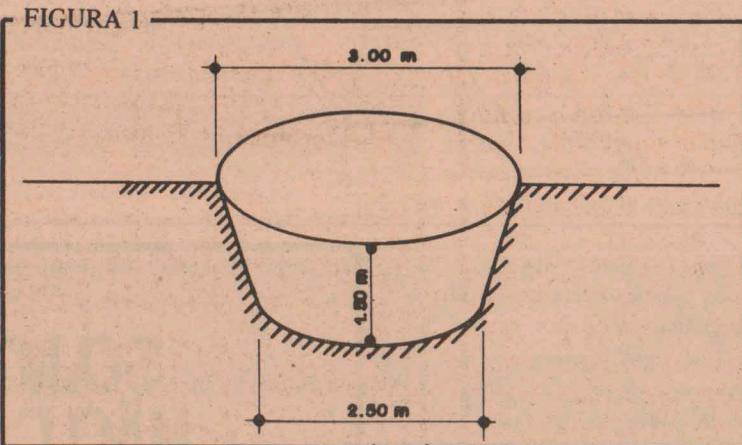
próprias para adubação verde, plantas aquáticas, esterco de porco e de outros animais, lodo de rios e açudes. Esse material é colocado em camadas alternadas em um buraco circular ou retangular, junto à lavoura. O buraco é enchido com camadas de 15 cm. de espessura. A camada de cima é feita de lama, e a superfície é mantida coberta com uma lâmina de 3

a 4 cm de água, para possibilitar condições anaeróbicas.

O ambiente anaeróbio ajuda a reduzir ao mínimo as perdas de nitrogênio. A Figura 1 mostra a dimensão dos buracos e a posição das camadas de diferentes resíduos.

As quantidades dos diversos materiais colocados no buraco são aproximadamente os seguintes:

TONELADAS	
Lodo	7,50
Palha de arroz	0,15
Esterco de porco e de outros animais	1,00
Plantas de adubação verde ou aquáticas	0,75
Superfosfato	0,020



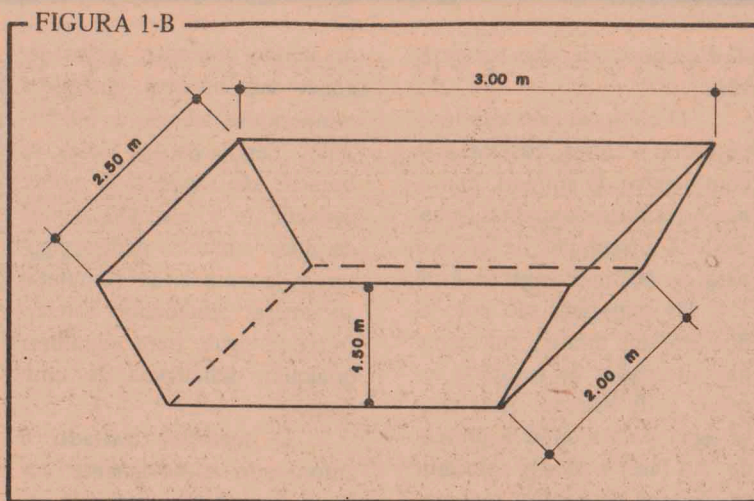
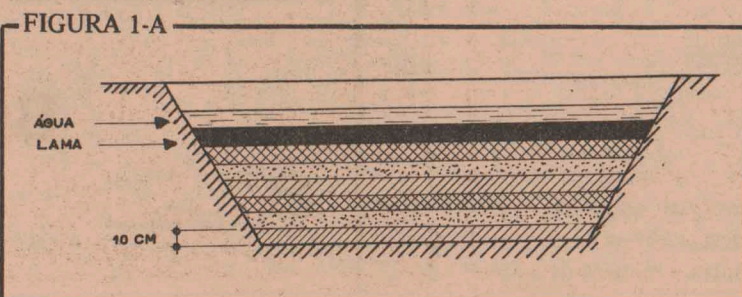
O conteúdo do buraco é revolvido três vezes, sendo a primeira um mês após o enchimento. Durante o revolvimento mistura-se o superfosfato e água, para manter boa umidade. O segundo revolvimento é feito depois de mais um mês e o terceiro depois de mais duas semanas. O composto estará pronto para o uso no período total de três meses.

Cada buraco produz cerca de 8 toneladas de adubo orgânico, suficiente para a área de 0,1ha de cultura. A composição do adubo é aproximadamente a seguinte:

C:N	15-20:1
Matéria orgânica (%)	7.8-10.3
Nitrogênio (%)	0,30
P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> (%)	0,20
(P) (%)	(0,09)

### CONTEÚDO DO BURACO

Lodo de rio ou lama	7.500 kg
Palha de arroz	150 kg
Esterco de curral (porco)	1.100 kg
Adubos verdes, plantas aquáticas	750 kg
Superfosfato	20 kg



### COMPOSIÇÃO DO COMPOSTO

N - 0,3%	Carbono Orgânico 4,5 - 6,0%
P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> - 0,2%	C/N 15 - 20:1
K <sub>2</sub> O - 0,3%	OM 7.8 - 10.3%

1. Adubos verdes (leguminosas, plantas aquáticas)
  2. Mistura de lodo e palha
  3. Esterco de curral (esterco de porco).
- K<sub>2</sub>O (%) 0,30  
K (%) (0,25)

### 2. Uso do estrume líquido

Os resíduos e líquidos das pocilgas são recolhidos em buracos cimentados, com cerca de 3m. de diâmetro e 1,5m. de profundidade. Capins e plantas aquáticas são adicionados e conservados aí por 10 a 15 dias para fermentação. O estrume líquido é aplicado em cobertura na lavoura.

produção em massa) é misturado com esterco de porco em proporções iguais, e empilhado sob uma cobertura até ser usado.

b) Mistura-se cinza, na proporção de 40% com esterco de porco. Este material é então mesclado com igual quantidade de lodo e conservado coberto até ser usado.

### 3. Uso do estrume seco.

a) Lodo seco e moído (moído mecanicamente para

Esse tipo de adubo geralmente é preparado à sombra, nas regiões quentes.

**Treflan**  
o mata-mato nunca falhou

De uma coisa você pode estar certo. Graças ao Sistema Treflan, este agricultor não está sonhando com mato.

**Treflan**  
mata-mato nunca falhou

Todo agricultor sabe que um herbicida não pode ser eficiente apenas na palavra. Ele tem que ter Assistência Técnica o ano todo, antes e depois da compra. Tem que ter experiência comprovada. Tem que ser um produto que nunca falhou. Tem que ter o Controle de Qualidade Elanco. E para ter tudo isso, só o Sistema Treflan.

Não existe nada igual. Quem proteje sua lavoura com o Sistema Treflan, além de dormir tranquilo, ainda fica com os lucros. Fale com o homem Elanco, seu Distribuidor ou o Engenheiro Agrônomo de sua Cooperativa.

**ELANCO**

Fabricante de: Treflan, Coban, Hygromix, Perflan, Surfian, Tylan e Trifluralina.

Treflan é indicado para as culturas de algodão, alho, amendoim, berinjela, brássicas (brócoli, couve-flor, couve-manteiga e repolho), café em formação, cebola de transplante, cenoura, citrus, feijão-vagem, girassol, mamona, mandioca, pimentão, quiabo, soja e tomate.



# FERTILIZANTE

4. Composto de alta temperatura.

O composto de alta temperatura é feito basicamente com dejetos de animais, humanos e resíduos de plantas (picados). A proporção de esterco para os resíduos vegetais é de 1:4. Os materiais são colocados em um monte, em camadas alternadas de resíduos vegetais e de esterco. Adiciona-se água para manter a umidade. Ao fazer o monte colocam-se pedaços de bambú que servirão para formar os "chaminés" de ventilação. Depois que o monte está pronto, é herméticamente coberto por uma camada de lama de 3 cm. de espessura. Os bambús permanecem no lugar por um dia, sen-

do então retirados, permanecendo seus buracos. Quando a temperatura chega a 60° - 70°C, depois de 4 a 5 dias, os buracos são tapados. O monte usualmente é revirado depois de duas semanas, para assegurar a decomposição completa; ao revirar adiciona-se esterco fresco e água, para equilibrar qualquer deficiência de umidade.

O material revirado é amontoado e novamente coberto hermeticamente pela camada de lama de 3 cm. O composto está pronto em 2 meses. Este tipo de composto é considerado de alta qualidade e livre de microorganismos prejudiciais.

A Figura 2 ilustra as di-

mensões dos montes e a colocação dos bambús para facilitar a aeração. Em vez de bambús também podem ser utilizados pequenos feixes de talos de milho (Figura 3). As proporções dos diversos materiais usados para preparar o composto podem variar, de acordo com o que estiver disponível. Por exemplo:

- 1 -
- 40% de palhas e talos
- 30% restos agrícolas e lixo
- 30% estêrco
- 2 -
- 30% palhas e restos agrícolas
- 30-40% esterco
- 30% lodo de rio
- 20 kg de superfosfato por ton. de composto.

5. Terra composta (terra fértil)

A terra composta é uma variação do esterco de curral, com uma proporção de 2 a 3 vezes de terra seca em relação ao estrume. Em vez de palha como cama dos animais, nos estábulos, espalha-se terra seca. A terra que é espalhada de tempos em tempos, absorve os líquidos e assegura que o estábulo permaneça seco e confortável para os animais. Depois de vários meses, os excrementos e a terra são bem misturados, produzindo um adubo de alta qualidade.

### Métodos e quantidades

O composto geralmente é aplicado durante a preparação da terra, antes do plantio. O adubo é arado ou gradeado no solo, logo depois de ter sido es-

palhado sobre a terra. Uma aplicação adicional é feita na ocasião do plantio, quando é utilizado por cima dos fertilizantes minerais, em sulcos, provavelmente incorporando algumas variedades de bactérias fixadoras de nitrogênio.

O estrume líquido (contendo mais de 88% de umidade) é aplicado em cobertura, e se a quantidade for grande, é distribuído no sistema de irrigação. Para alcançar maior eficácia do estrume líquido, variam as épocas de aplicação para os vários tipos de solo. Em solos medianamente pesados, é aplicado durante o verão e o outono. Em regiões secas é aplicado no inverno.

FIGURA 2

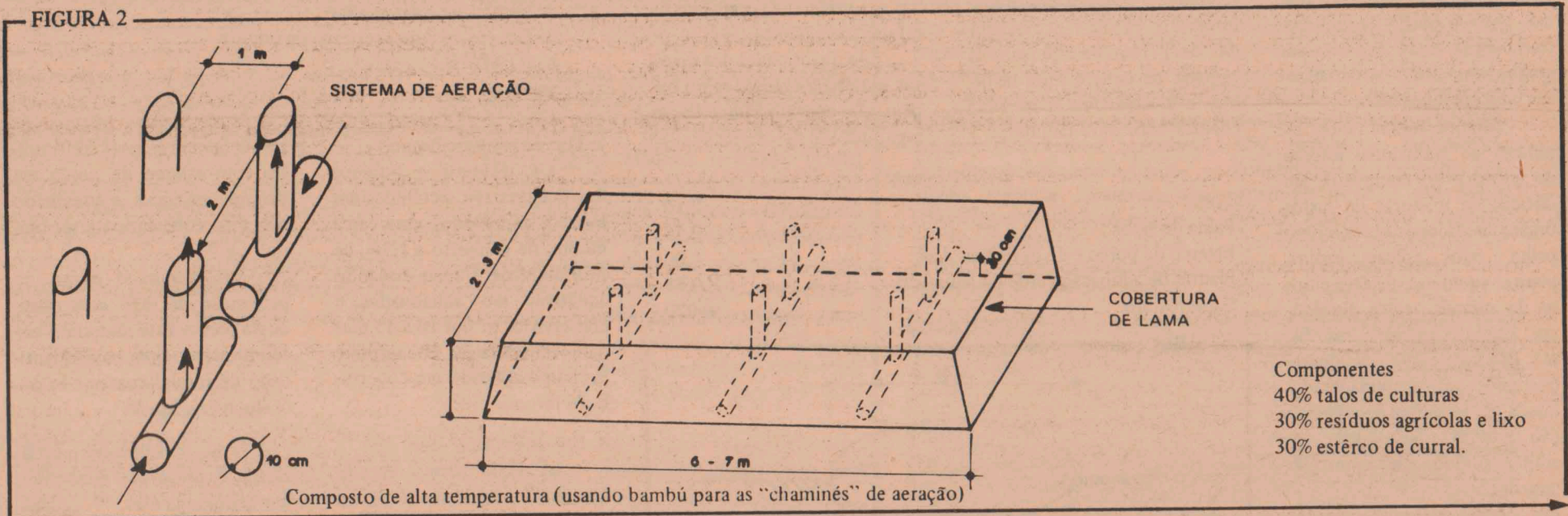
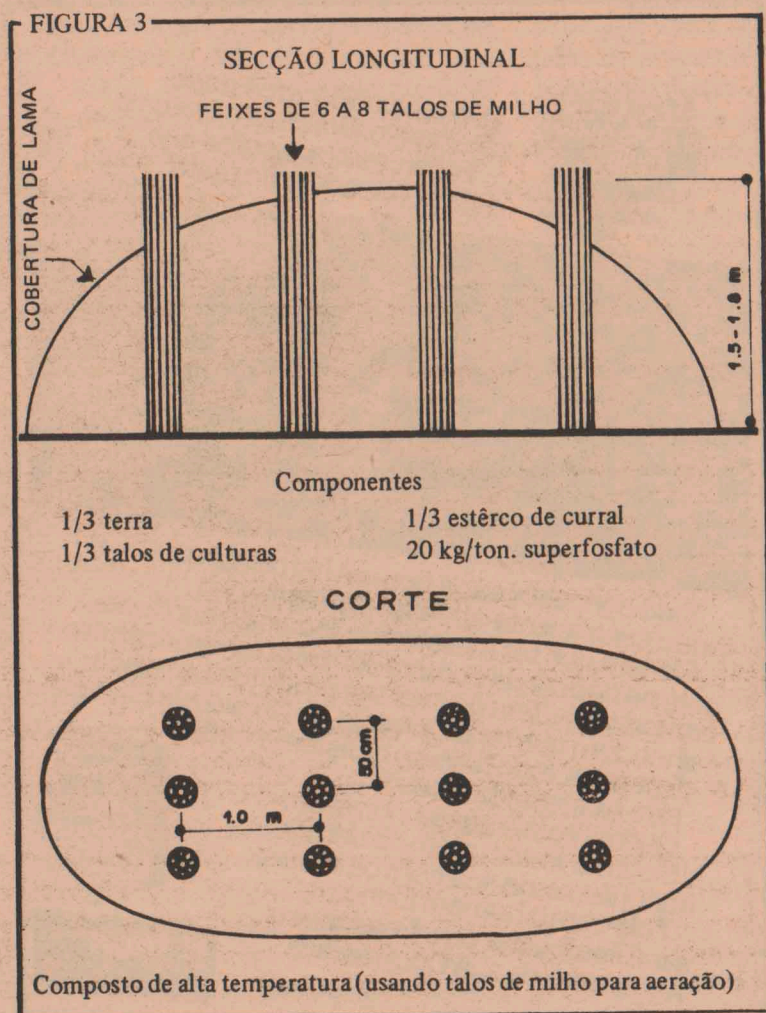


FIGURA 3



Há uma relação entre o tipo de adubação usada e o tipo de solo. Por exemplo, cin-

zas são usadas em solos arenosos, esterco de ovelha e de gado em solos negros, esterco de

porco em solos marrons.

As quantidades de adubo orgânico aplicado variam de acordo com a cultura, o solo, a estação e o tipo de adubo. Isto é determinado por critérios como: (a) a quantidade de nutrientes principalmente nitrogênio, que pode efetivamente ser utilizada pela cultura; (b) a quantidade que não ocasione a redução da germinação das sementes; (c) a quantidade que possa ser fisicamente incorporada ou depositada na terra.

Adubos contendo menos de 50% de umidade são aplicados em quantidades de até 200-300 t/ha. Estrume líquido é aplicado até 20-30 t/ha, cada vez.

As seguintes quantidades são usadas nas diversas culturas:

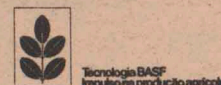
	t/ha
Arroz	60 - 70
Trigo	75 - 100
Milho	75 - 90
Soja	35 - 40
Algodão	70 - 75
Cana Açúcar	75 - 135

Para atingir os níveis ótimos de adubação orgânica, é necessário manter um balanço entre o número de animais criados e a área cultivada. Também

## SOJICULTOR: NÃO COLOQUE QUALQUER HERBICIDA EM SUA LAVOURA.

Consulte antes um agrônomo,  
sua cooperativa ou o técnico da Basf.

Essas pessoas têm muito em comum: conhecem a fórmula certa de atacar as invasoras de folha larga. Por isso, eles recomendam BASAGRAN—o herbicida pós-emergente. Ele ataca as invasoras de folha larga, matando direto pelo contato, sem afetar a cultura e sem deixar resíduos no solo. E você pode usar BASAGRAN em qualquer tipo de solo, até mesmo em solos arenosos e solos com alto teor de matéria orgânica. BASAGRAN é certeza de uma colheita integral. Com muitos lucros.



### Basagran

O herbicida  
que respeita a soja e a terra.

BASF



## PREPARO DE COMPOSTO PARA ADUBO ORGÂNICO

há necessidade de instalações para a estocagem dos adubos, que evitem perdas de nutrientes pela volatilização.

### Alguns resultados do uso do composto

#### 1. Efeito do composto nas culturas

Experimentos de campo indicaram que a aplicação de 500 kg de composto proporciona um aumento de 25 a 50 kg de arroz em grão. Os incrementos na produção de trigo, sorgo, soja, milho, batatinha e beterraba são apresentados na Tabela 1 a seguir.

A aplicação do composto também melhorou a qualidade dos produtos. Experimentos de campo demonstraram que as macieiras tratadas com composto produziram frutas contendo 12,63% de açúcar e 0,32% de ácido, com um aumento de 1,88% e 0,10% respectivamente, em relação às frutas de árvores não adubadas com composto.

Além disso, as árvores tratadas demonstraram maior resistência às condições adversas.

EFEITOS DO COMPOSTO NO AUMENTO DA PRODUÇÃO			
Cultura	QUANTIDADE DE COMPOSTO APLICADO (t/ha)	PRODUÇÃO (Kg/ha)	AUMENTO (Kg/ha)
Milho	0	4.408	
	30.4	5.700	1.292
Batata	0	7.737	
	38.0	14.630	6.893
Beterraba	0	26.741	
	15.2	33.600	6.856
Trigo	0	2.336	
	38.0	3.230	904
Sorgo	0	1.664	
	38.0	3.078	1.414
Soja	0	1.877	
	30.4	2.310	433

#### 2. Efeito do composto nos solos

A aplicação do composto melhora as condições físico-químicas e biológicas do solo, além de prover as plantas com nutrientes. O húmus no composto é um material coloidal com carga elétrica negativa, sendo coagulado com cations e

partículas do solo, formando grânulos. Os solos com mais grânulos são menos pegajosos, tem melhor permeabilidade, maior capacidade de retenção da água, e são capazes de regular o pH do solo, propiciando um bom ambiente para o desenvolvimento das culturas.

TRATAMENTO	PROFUNDIDADE (cm)		
	0-10	10-25	25-50
Porosidade sem composto (%)	51.6	49.4	43.7
com composto (%)	52.3	56.4	46.0
Permeabilidade sem composto ao ar (%)	16.1	8.8	
com composto (%)	18.2	7.5	

OBS: 38 t/ha de composto

EFEITO DO COMPOSTO NA CAPACIDADE DO SOLO DE ABSORVER ÁGUA		
Número de dias passados	Quantidade de água absorvida no solo sem composto (%)	Quantidade de água absorvida no solo com 228 t/ha de composto (%)
1	24.2	25.5
2	25.4	27.5
3	26.2	28.6
4	26.3	29.0
5	26.3	29.5

NÚMERO DE DIAS PASSADOS	SOLO LEVE		SOLO ARENOSO	
	Com Composto (%)	Sem Composto (%)	Com Composto (%)	Sem Composto (%)
1	5.71	7.14	4.17	10.0
2	12.14	17.14	17.43	21.4
3	18.57	31.43	14.27	27.1
4	23.57	40.70	17.85	32.8
5	41.43	55.71	23.57	37.1

A aplicação do composto afeta a atividade enzimática, a decomposição das fibras e a geração de dióxido de carbono no solo. Conforme a aplicação do composto vai crescendo, a urease e a proteinase tornam-se mais ativas. Isto reflete não somente a existência de uma maior quantidade de materiais nitrogenados contidos no solo, mas também o grau de minera-

lização de componentes nitrogenados e o aumento do suprimento de nitrogênio para a cultura.

A decomposição da matéria orgânica no solo tem estreita relação com dehydrogenase e hidrogênio-peridase que acelera a liberação do CO<sub>2</sub> e a decomposição dos materiais fibrosos. O composto também reduz a erosão do solo.

# Os técnicos da Gesa conseguem soluções milagrosas para você.

Mas não se impressione. Isto é apenas a obrigação deles.

A Grafica Editora Santo Antônio está comemorando 15 anos de trabalho. São quinze anos de atendimento em Caixa Alta Maiúsculo. Completo. Perfeito.

E sabe quais são as vantagens com isto tudo aí?

PRIMEIRO: o atendimento é personalizado. Nossos técnicos vão à sua empresa, pensam com você e sempre encontram uma solução viável para todo mundo, porque nós fazemos qualidade com preços sedimentados.

SEGUNDO: a GESA possui um dos mais modernos parques gráficos do estado e uma equipe de técnicos especializados, aptos a trabalharem com qualidade e, principalmente, entregar sua encomenda dentro do prazo solicitado.

TERCEIRO: a GESA possui os mais mo-



dermos equipamentos de fotografia, fotocomposição, fotomecânica, Impressão e Acabamento do estado.

Isto porque nós sabemos que artes gráficas é um ramo onde se tem que pensar no futuro para poder atender o presente.

QUARTO: a GESA possui todos os Departamentos necessários para oferecer, na verdadeira acepção da palavra, atendimento integral. Criação e Arte, Fotografia, Fotocomposição, Fotomecânica, Impressão e Acabamento.

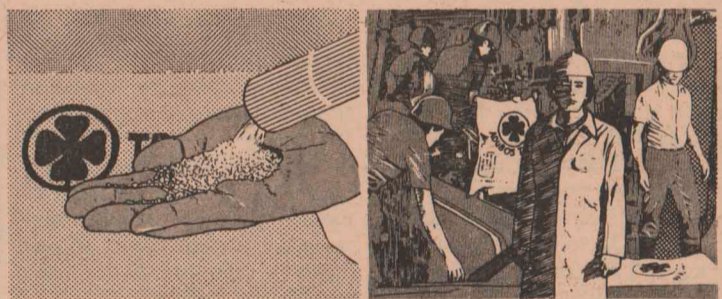
Existem muitos outros motivos, mas estes você só vai conhecer quando apresentar um problema para nossos técnicos em artes gráficas. Que será solucionado, evidentemente, porque é com soluções profissionais que a GESA está comemorando 15 anos em Caixa Alta.



GESA S. A. - GRÁFICA EDITORA SANTO ANTÔNIO

AV. ALTO JARDIM, 880 - FAVELA SOL N 3021 PAVEN - CAIXA POSTAL 101 - 91410 - GRUPO PIA - 90  
FONE: (51) 241.0111 - 241.0112 - 241.0113 - 241.0114 - 241.0115 - 241.0116 - 241.0117 - 241.0118 - 241.0119 - 241.0120

## Adubos Trevo, há quase meio século à serviço da agricultura brasileira.



Adubos Trevo tem fábricas em Rio Grande, Porto Alegre, Paranaíba e Cubatão, produzindo fertilizantes com a garantia de uma fórmula sempre correta. Porque tem fábricas junto aos maiores portos exportadores do país e centros de distribuição



junto às principais áreas agrícolas, a Trevo garante uma vantagem extra aos nossos agricultores: os mesmos caminhões que levam as safras, podem voltar trazendo o fertilizante. Isso representa menos fretes e mais economia de custos.

**ADUBOS TREVO**  
Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Escritório Central: Av. Júlio de Castilhos, 435  
Fone: 25-5455 - Porto Alegre - RS



# IMPLICAÇÕES DA NOVA LEI SOBRE OS FERTILIZANTES

Eng. Agr. Egon J. MEURER

A 9 de julho de 1975 entrou em vigor a nova legislação sobre o Comércio e Fiscalização de Fertilizantes, Corretivos e Inoculantes, publicada no Diário Oficial da União em 19.04.1975.

A nova legislação atualizou a antiga lei que vigorava desde janeiro de 1961 e introduziu algumas modificações substanciais. As principais alterações são referentes a maneira de expressar a garantia dos produtos, multas, métodos de análises dos fertilizantes em laboratório, amostragem de fertilizantes para análise, entre outras.

Neste artigo discutiremos especificamente o item que tem causado mais dúvidas entre técnicas e produtores: o das garantias dos fertilizantes.

## DOS PRODUTOS E SUAS GARANTIAS

Com o título acima o capítulo IV da nova lei estabelece a forma de expressar a garantia dos adubos e diz o seguinte:

"ART. 22 - A garantia de cada nutriente extraído (analisados) de acordo com os métodos (de análises em laboratórios indicados no artigo 39) e constantes do certificado de registro, será expressa em percentagens sobre o produto tal co-

mo é vendido como segue:  
a - em nitrogênio (N) o teor total e, facultativamente protético, amídico, amoniacal e nítrico.  
b - em pentóxido de fósforo ( $P_2O_5$ ):  
1 - o teor solúvel em água;  
2 - o teor solúvel em solução de ácido cítrico a 2% relação 1/100;  
3 - o teor total somente para

os fosfatos naturais, fosfatos de fusão, escórias de desforação e farinha de ossos, quando comercializados isoladamente; c - em óxido de potássio ( $K_2O$ ) o teor solúvel".

A modificação substancial que houve em relação a lei antiga foi a forma de expressar a solubilidade do fósforo. Na legislação anterior a solubilidade do fósforo ( $P_2O_5$ ) era expressa em água + citrato de amônio. Pela nova lei deve ser expressa em água e em ácido cítrico a 2%. Esta modificação na maneira de indicar a solubilidade do fósforo (e conseqüentemente na mudança do método de análise do fósforo em laboratório usando como reativo o ácido cítrico em lugar da água + citrato de amônio) aparentemente reduziu o teor de fósforo dos adubos fosforados. Na tabela 1 estão os teores em  $P_2O_5$  dos adubos fosforados conforme o método de análise. TABELA 1 - Teores de fósforo ( $P_2O_5$ ) solúvel em água + citrato de amônio e em ácido cítrico dos principais adubos fosforados.

## AS MODIFICAÇÕES NAS GARANTIAS ALTERARAM AS FÓRMULAS COMERCIAIS

As modificações nas formas de expressar e de analisar os fertilizantes no laboratório, alterando os teores de nitrogênio (N) e do fósforo ( $P_2O_5$ ) influenciaram diretamente as garantias das fórmulas comerciais, como pode ser observado na tabela 3 com a fórmula 9-36/36-12 (antiga).

Vê-se pelos dados da tabela 3 que a fórmula 9 - 36/36 - 12 apesar de permanecer com a mesma composição pela nova legislação deverá ser escrita (e vendida) como 8-33-12. Trata-se portanto do mesmo produto, com os mesmos efeitos na adubação das culturas e na pro-

## dução, mas apresentado no mercado de diferente maneira. O DESTAQUE AO FÓSFORO SOLÚVEL EM ÁGUA

A nova legislação determina também que juntamente com o teor do  $P_2O_5$  solúvel em ácido cítrico seja expresso em destaque (separado do índice N - P - K) o teor de  $P_2O_5$  solúvel em água dos fertilizantes.

Com os teores para fósforo solúvel em água fixados pela nova legislação (Tabela 1) pode-se calcular a porcentagem de  $P_2O_5$  solúvel em água no fertilizante.

TABELA 3 - Modificação das garantias da antiga fórmula 9-36/36-12 em função da atual legislação sobre fertilizantes.

FERTILIZANTE	LEI ANTIGA	LEI NOVA	
	$P_2O_5$ solúvel	$P_2O_5$ solúvel	$P_2O_5$ solúvel
FOSFATADO	água + citrato de amônio	em ácido cítrico a 2%	em água
SUPERFOSFATO SIMPLES	20%	18%	16%
SUPERFOSFATO TRIPLO	46%	42%	38%
DIAMÔNIO FOSFATO	46%	43%	39%
FOSFATO NATURAL	0%	12%	0%

Pela antiga legislação dizia-se por exemplo, que o superfosfato triplo continha 46% de  $P_2O_5$  solúvel em água + citrato de amônio. Pela nova legislação a solubilidade do mesmo superfosfato triplo deve ser indicada: 42% de  $P_2O_5$  solúvel em ácido cítrico a 2% e 38% solúvel em água. Na realidade trata-se do mesmo produto. O seu teor de fósforo é o mesmo; mudou a maneira de expressar a sua solubilidade.

Estas mudanças nas formas de expressar (e de analisar em

laboratório) o fósforo tem confundido o agricultor. Muitos interpretam que o superfosfato triplo que é vendido atualmente é mais "fraco" que o vendido antes, embora se trate do mesmo produto, isto é o mesmo superfosfato triplo, só com maneira diferente de indicar o seu teor de fósforo.

As mudanças nos métodos de análises dos fertilizantes, modificaram não somente o teor de fósforo mas afetou também o do nitrogênio naqueles fertilizantes que apresentam

nitrogênio e fósforo no mesmo grânulo como é o caso do Diamônio fosfato e do Monoamônio fosfato. Nestes o teor de nitrogênio aparece também mais baixo nas análises de laboratório.

Na tabela 2 estão os teores de N e  $P_2O_5$  do DAP (diamônio fosfato) e MPA (monoamônio fosfato) conforme a lei anterior e a atual.

TABELA 2 - Teores de N e  $P_2O_5$  do DAP e MAP conforme a legislação anterior e a atual.

FERTILIZANTE	LEI ANTIGA	LEI ATUAL
D A P (Diamônio-fosfato)	18% Nitrogênio total 46 $P_2O_5$ solúvel em água + citrato de amônio	16% de Nitrogênio total 43% $P_2O_5$ solúvel em ácido a 2% 39% $P_2O_5$ solúvel em água
M A P (Monoamônio-)	11% Nitrogênio total 52% $P_2O_5$ solúvel em água + citrato de amônio	9% Nitrogênio total 48% $P_2O_5$ solúvel em ácido cítrico a 2% 45% $P_2O_5$ solúvel em água

## FORRAGEIRAS

Associados interessados em estabelecer pastagens de primavera-verão, podem se dirigir às instalações da cooperativa e solicitar orientação do Departamento Técnico.

## Plantador de Soja!

Verifique aqui, os seus conhecimentos sobre o mais moderno herbicida para soja:

	CERTO	ERRADO
1. DUAL é um herbicida de pré-emergência (cobertura), dispensando a incorporação. O agricultor ganha tempo e dinheiro na hora de plantar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. DUAL é um herbicida altamente seletivo para soja. Não provoca fitotoxicidade (queimaduras) mesmo em dosagens elevadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. DUAL MIX representa a mistura no tanque do pulverizador de DUAL com outro herbicida para folha larga.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. DUAL não requer chuva após sua aplicação em solo úmido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. DUAL controla ervas daninhas de folhas estreitas e largas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. DUAL é o herbicida ideal para ser usado em plantio direto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. A umidade de plantio da soja é suficiente para o bom funcionamento de DUAL.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. DUAL é um dos poucos herbicidas que podem ser aplicados em conjunto com as operações de plantio e adubação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. DUAL é particularmente eficaz no controle da Brachiaria, (marmelada, papuá), Digitária (capim colchão ou milhã) e outras gramíneas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. A aplicação de DUAL conta com a assistência técnica Ciba-Geigy.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Dual** O herbicida para soja.

Tão moderno que dispensa incorporação

RESPOSTAS: QUANDO FOR ENVIADO O FORMULÁRIO COMPLETO, O SEU NOME E ENDEREÇO SERÃO INCLuíDOS EM UM LIVRO DE RESPOSTAS QUE SERÁ ENVIADO PARA TODOS OS PARTICIPANTES.

CIBA-GEIGY DIVISÃO S.A.  
C. P. 111, JARDIM BOTÂNICO, SÃO PAULO, SP  
Distribuidor exclusivo para o Brasil:  
SABISA S.A.  
Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_  
Rua: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_



TABELA 3

LEI ANTIGA	LEI ATUAL
FÓRMULA: 9-36/36-12 COMPOSIÇÃO: DAP .....500 kg SUPER TRIPLO .....300 kg CLORETO DE POTÁSSIO .....200 kg 1.000 kg	FÓRMULA: 8-33-12 COMPOSIÇÃO: DAP .....500 kg SUPER TRIPLO .....300 kg CLORETO DE POTÁSSIO .....200 kg 1.000 kg
TEOR DE NITROGÊNIO $\frac{500 \text{ kg DAP} \times 18\% \text{ N}}{1.000} = 9\% \text{ N}$	TEOR DE NITROGÊNIO $\frac{500 \text{ kg DAP} \times 16\% \text{ N}}{1.000} = 8\%$
TEOR DE FÓSFORO $\frac{500 \text{ kg DAP} \times 46\% \text{ P}_2\text{O}_5}{1.000} = 23\%$  $\frac{300 \text{ kg S. Triplo} \times 46\% \text{ P}_2\text{O}_5}{1.000} = 13,8\%$ $\frac{36,8\% \text{ P}_2\text{O}_5}{36,8\% \text{ P}_2\text{O}_5}$	TEOR DE FÓSFORO $\frac{500 \text{ kg DAP} \times \text{P}_2\text{O}_5}{1.000} = 21,5\%$  $\frac{300 \text{ kg S. Triplo} \times 42\% \text{ P}_2\text{O}_5}{1.000} = 12,3\%$ $\frac{33,8\% \text{ P}_2\text{O}_5}{33,8\% \text{ P}_2\text{O}_5}$
TEOR DE POTÁSSIO $\frac{200 \text{ kg KCL} \times 60\% \text{ K}_2\text{O}}{1.000} = 12\% \text{ K}_2\text{O}$	TEOR DE POTÁSSIO $\frac{200 \text{ kg KCL} \times 60\% \text{ K}_2\text{O}}{1.000} = 12\% \text{ K}_2\text{O}$

Voltamos a antiga fórmula 9-36/36-12. Pela nova lei ela ficou 8-33-12 (tabela 3), sendo os 33% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> (fósforo) solúvel no ácido cítrico.

A composição da fórmula 8-33-12 (ex- 9-36/36-12 como já vimos é:  
500 kg DAP  
300 kg SUPER FOSFATO

TRIPLO  
200 kg CLORETO DE POTÁSSIO.  
para calcular o P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água temos:

$$\frac{500 \text{ kg DAP} \times 39\% \text{ P}_2\text{O}_5 \text{ sol. água}}{1.000} = 19,50\% \text{ P}_2\text{O}_5 \text{ solúvel em água}$$

$$\frac{300 \text{ kg S. TRIPLO} \times 38\% \text{ P}_2\text{O}_5 \text{ sol. água}}{1.000} = 11,40\% \text{ P}_2\text{O}_5 \text{ solúvel em água}$$

o que nos dá um total de 30,90% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água (19,50 + 11,40 = 30,90). Então a fórmula 8-33-12 apresenta:  
8% de N (nitrogênio)  
33% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> (fósforo) solúvel em ácido cítrico  
30,90% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> (fósforo) so-

lúvel em água.  
12% de K<sub>2</sub>O (potássio).  
e de acordo com a legislação na embalagem deve ser marcado (ou nas etiquetas apenas aos sacos) o índice N-P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>-K<sub>2</sub>O da fórmula com o teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água em destaque da seguinte forma:

N total	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel em ácido cítrico a 2%	K <sub>2</sub> O solúvel
8%	33%	12%
P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel em água: 30%		

### A FISCALIZAÇÃO E AS GARANTIAS DOS ADUBOS

Quando o produto é deficiente em suas garantias (escritas na sacaria do adubo) a lei pune. Há entretanto uma tolerância prevista na legislação. Esta é de 10% sobre os teores de N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e K<sub>2</sub>O garantidos na sacaria, sem entretanto exceder a 2 unidades.

EXEMPLO:  
N - P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> - K<sub>2</sub>O  
8 - 33 - 12  
Tolerância 10%  
 $0,8 - 3,3 - 1,2$

A tolerância de 10% para o P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> (3,3%) excede as 2 unidades. Então a tolerância mínima para o fósforo fica em 31%, desde que não pode exceder as 2 unidades citadas.

Mas a fórmula 8-33-12, descontados os 10% de tolerância por elemento não poderia ficar como:

$7,2 - 31 - 10,8$   
porque a lei não permite que a soma total de N - P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> - K<sub>2</sub>O seja inferior a 95% da soma das ganâncias do N - P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e K<sub>2</sub>O registrados:  
(a)  $8,33,12 = 8+33+12 = 53$   
(b) 95% de 53 = 50,35

No caso do exemplo anterior, descontados as tolerâncias para os teores registrados teríamos:  
 $7,2 - 31 - 10,8 = 7,2 + 28 + 10,8 = 49,0$   
Ou seja: 92,45% da soma dos teores garantidos (53). Neste caso o produto está deficiente.

Assim, a lei permite uma variação para menos de até 10%, por elemento (N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> ou K<sub>2</sub>O) fixando em 2 unidades o limite para a variação; estabelece porém que a soma final dos elementos (descontados as variações) não pode ser inferior a 95% do teor total registrado.

EXEMPLOS:  
8-33-12 = 53 (95% = 50,35)  
7,2-33-11 = 51,2 permitido  
8-31-12 = 51 permitido  
7,5-32-11 = 50,5 permitido  
8-31-12 = 51 permitido  
8-33-10,2 = 51,2 permitido  
7,2-31-10,8 = 49,0 não permitido (produto deficiente).

As tolerâncias para variações e os seus limites valem também para o fósforo solúvel em água (que deve ser indicado em destaque na sacaria do adubo).

Vimos que a fórmula 8-33-12 apresenta 30,90% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água. Então o teor mínimo permitido por lei seria o de 28,90% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água, já que a variação de 10% (3,09%) excede o limite de 2 unidades.

### AS FIRMAS DE FERTILIZANTES ESTÃO REGISTRANDO UM VALOR INFERIOR PARA P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> SOLÚVEL EM ÁGUA

Como já vimos além dos teores de Nitrogênio total (N). Fósforo solúvel em ácido (P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>) e Potássio solúvel (K<sub>2</sub>O) que devem constar na sacaria do adubo, a legislação também exige a marcação em destaque do fósforo (P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>) solúvel em água. Da mesma forma que a fiscalização multa se os teores de nitrogênio, fósforo (solúvel em ácido cítrico) e potássio estão abaixo das garantias especificadas na embalagem, também pune se o teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água apresentar deficiências.

Como a determinação do

fósforo solúvel em água em análises de laboratório está apresentando problemas com o novo método para sua determinação que a lei fixou, as firmas de fertilizantes estão garantindo um teor menor do que o real para o P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em

água. Os dados apresentados na tabela 4 ilustram este fato. TABELA 4 - Comparação entre os teores de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água na fórmula registrada e os encontrados na análise de laboratório.

TABELA 4

FÓRMULA REGISTRADA				ANÁLISE DE LABORATÓRIO			
N total	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel em ácido cítrico	K <sub>2</sub> O solúvel	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel em água	N total	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel em ácido	K <sub>2</sub> O solúvel	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel n'água
3	30	6	27	3	30	6	24
3	30	15	27	3	30	15,0	23
4	36	8	32	4	36	8	28
6	33	12	29	6	33	12	27
7	28	12	24	7	28	12	22
9	33	12	29	9	33	12	26

No método atualmente utilizado para determinar P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água (conforme determina a legislação) devido a uma interferência química dos reagentes utilizados, a análise do P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água acusa um valor em laboratório mais baixo que o real.

Na tabela 4 vemos por exemplo que na fórmula 3-30-15 o teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água é de 90% (27% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água) do teor do P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em ácido cítrico (30% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>).

Entretanto na análise aparece 23% para P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água, isto é 76% do teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em ácido cítrico (30% P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>). Em muitos casos,

conforme a composição da fórmula, o teor do fósforo em água determinado no laboratório chega a ser inferior a 70% do solúvel em ácido cítrico.

Em vista disso as firmas de fertilizantes passaram a registrar suas fórmulas com o teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água bem inferior ao do que realmente o adubo contém.

Algumas firmas estão garantindo 80% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água na fórmula; outras 75% e até 70%.

Assim no mercado o produtor irá encontrar a mesma fórmula com diferentes garantias para o P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água. Por exemplo:

Fórmula	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> solúvel em água
Firma A 9-33-12	29%
Firma B 9-33-12	28%
Firma C 9-33-12	26%
Firma D 9-33-12	24%
Firma E 9-33-12	23%

OBSERVAÇÕES: As fórmulas em cuja composição entra o fosfato natural não se enquadra neste caso, pois como este fertilizante não é solúvel em água (somente em ácido cítrico) o teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água

da fórmula é bastante baixo, como pode ser visto nos exemplos da tabela 5.

TABELA 5 - Teores de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água em formulação em cuja composição aparece ou não fosfato natural.

TABELA 5

FÓRMULAS	(1) SEM FOSFATO NATURAL	(2) COM FOSFATO NATURAL
	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> SOLÚVEL EM ÁGUA	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> SOLÚVEL EM ÁGUA
0-20-10	14 a 16%	11%
4-21-10	14 a 16%	11%
5-10-10	7 a 8%	2%
5-21-10	14 a 16%	11%
6-21-8	14 a 16%	11%
7-24-10	16 a 19%	14%

(1) fórmulas em cuja composição entram diamônio fosfato (DAP), superfosfato simples, triplo e cloreto de potássio.

(2) fórmulas em cuja

composição entram além de DAP, superfosfatos simples e triplos, quantidades variáveis de fosfato natural, que resulta em menor teor de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> solúvel em água na fórmula.



**COTRIJORNAL**

PROCURE O SEU EXEMPLAR MENSALMENTE NAS UNIDADES, NÚCLEOS, SINDICATOS.



# ASSOCIATIVISMO EM IJUI JÁ COMPLETOU 80 ANOS

Dos municípios gaúchos formados no final do século XIX, Ijuí foi dos que recebeu a maior variedade de imigrantes, por nacionalidade. Austriacos, alemães, italianos, poloneses, russos, a maioria deles já residentes há algum tempo no Brasil e portanto aclimatados ao nosso clima, usos e costumes. Portanto, não foi difícil aos colonizadores congregarem-se associativamente, independentemente de suas nacionalidades.

A Sociedade 12 de Outubro, nascida da iniciativa de famílias austríacas, mas que em seguida passou a ser prestigiada por famílias das demais nacionalidades radicadas em Ijuí, prova que na nova pátria que os abrigava os europeus não guardavam ressentimentos entre si, trazidos das pátrias de origem. Os italianos esqueceram ou deixaram de lado seu ódio à Áustria, que os dominara durante grande parte daquele mesmo século. Os poloneses, por sua vez, devem ter deixado de alimentar ressentimentos aos alemães, que não lhes permitiam acesso ao mar, enquanto aqueles reivindicavam o chamado corredor de Dantzig. Realmente, tudo isso foi esquecido.

Agora eles estavam preocupados em trabalhar, produzir e dar segurança e estabilidade para seus filhos, além de diversão e lazer. Outro fator que preocupava os imigrantes era a

preservação dos traços culturais, artísticos e sociais em relação aos usos e costumes das respectivas pátrias mães. Dai a importância da sociedade criada.

## CALDEAMENTO DE RAÇAS

Desbravadas as clareiras na selva para construir as moradas e fazer as lavouras, os austriacos lançaram mãos à obra associativa. Lembra hoje o octogenário Francisco José (batizado em homenagem ao famoso imperador Francisco José I, que guerreou com a Hungria, Itália, Prússia), que naqueles tempos difíceis da Colônia de Ijuí, se trabalhava muito. Então se trabalhava, era preciso também ter algum divertimento.

Mas não há dúvida que mais do que o divertimento em si, os europeus estimulavam a vida em comunidade com o fim de preservar costumes. E em princípio, timidamente, mas depois com franca adesão, a Sociedade cresceu, apesar das diversas línguas que falavam os seus membros.

Nascida a 12 de outubro de 1898, acaba de completar 80 anos de existência ininterrupta. Ainda hoje é possível notar em alguns descendentes dos fundadores da "12 de Outubro", o sotaque característico de sua raça de origem, seja austríaco, alemão, polonês, ou italiano. Pudera, a sociedade se



Uma festa da colônia austríaca, na década de 30.

caracteriza, ou se caracterizou no passado, por um verdadeiro caldeamento de raças. Por exemplo, o atual presidente da sociedade, Romano Pucnick, é descendente de poloneses. Outros membros da diretoria descendem de italianos, alemães e austriacos, como era no passado.

## FESTEJADOS OS 80 ANOS

Num churrasco que reuniu a imprensa de Ijuí na sede da sociedade, durante os preparativos para a grande festa dos 80 anos, Romano falou ao COTRIJORNAL que seria muito

triste se, pelo descuido dos imigrantes, hoje não se pudesse contar um pouco da história dos povos que vieram para cá. Enalteceu o espírito empreendedor de seus antepassados, que junto à preocupação no sustento das famílias, tinham sempre em mente a formação cultural. Prova disso é que desde a primeira diretoria eleita, quando se escolheu um presidente, um escrivão (secretário), um caixeiro (tesoureiro), foi escolhido também um bibliotecário. Uma prova do acerto dessa iniciativa, está em que hoje não

só de Ijuí, mas estudiosos de outros centros, na busca de subsídios para suas pesquisas da história da colonização, têm na colônia da Linha 6 Leste, um acreditado ponto de referência.

A foto que ilustra, essa reportagem data de 1933. O grupo exibe dizeres comemorativos aos 40 anos de imigração. Passados 45 anos desde que a foto foi batida, a comunidade austríaca da Linha 6 cresceu e a dimensão de seu crescimento e progresso, testemunhamos em outubro, nos festejos dos 80 anos.

## FIDENE DESAFIA PROFESSORES NA BUSCA DE VALORES LOCAIS

Um convênio entre a COTRIJUI e a FIDENE, para atuação específica junto à professores de alguns municípios da área de abrangência da cooperativa, foi motivo de uma reunião em Ijuí, há poucos dias. Presentes os coordenadores do trabalho, a direção da FIDENE, elementos do setor de comunicação e educação,

bem como representantes das secretarias municipais de educação, se discutiu durante algumas horas o trabalho que vem sendo desenvolvido.

Inicialmente o vice-presidente da FIDENE, professor Mário Osório Marques, fez uma exposição sobre os objetivos da instituição ao partici-

par desse projeto educacional. Para ele, há necessidade de tomar posição diante do sufoco da cultura local, popular, que está sendo invadida pela dita cultura universal. "Como reagir diante daquilo que chamamos de cultura local? Podemos comparar com as de outras regiões e povos. E julgar inadequada a nossa realidade e

adequada a quem vem de fora? Isso é modernismo. O desafio é buscar que nossos valores cresçam, se desenvolvam e reajam contra as infiltrações de fora". Mário Marques também falou que ao optar por essa linha, a FIDENE busca diferenciar desenvolvimento de modernismo, este último servindo para identificar a educação moderna, sustentada por idéias pré-concebidas. "A educação que data da ocupação dessa região tinha raízes culturais locais, populares. Hoje, na escola, se estuda teorias, conquistas pedagógicas, geradas de contextos estranhos à nossa realidade".

Falando a seguir, Ruy Polidoro Pinto, da COTRIJUI, lembrou aspectos anteriores ao convênio, dizendo que se sentia a necessidade de maior discussão com o professor da área rural, no desempenho mais eficaz de seu papel. O convênio, disse, teve origem no fato de a CO-

TRIJUI contar em seu quadro funcional, com professores rurais de experiência, que ajudaram a reclamar maior atenção aos aspectos culturais populares. Citou o surgimento da Associação dos Professores Rurais em 1962, do COTRIJORNAL e COTRISOL em 1973, como suporte ao trabalho educacional desenvolvido no interior.

Por fim, a professora Dolair Callai historiou o trabalho desenvolvido com os professores. Em síntese, disse que em 1977 se realizou um trabalho teórico, mais a nível de levantamento de problemas. No decorrer de 1978, os cursos foram orientados para o conhecimento da cultura da região, para refletir os usos e costumes. Chegou a afirmar que "esses subsídios têm a perspectiva de um dia virem a substituir os livros didáticos", que como se sabe são compilados muitas vezes fora da realidade regional a que se destinam.







NOVEMBRO DE 1978

## DUAS REPÚBLICAS

O dia 15 de novembro é feriado nacional, porque se comemora a Proclamação da República, que foi feita em 1889, com o objetivo de que os brasileiros passassem a escolher seus presidentes e não mais obedecessem as ordens imperiais vigentes. Com a Proclamação, um grupo de cidadãos entregaram ao imperador Dom Pedro II uma ordem para que ele e sua corte se retirassem do Brasil. A partir deste fato, surge no nosso País uma forma de governo baseada em eleições para a escolha do presidente. O primeiro presidente da República foi o marechal Deodoro da Fonseca, mas que assumiu o governo por ser um dos líderes. Ele assumiu no dia seguinte da Proclamação, ficando dois anos governando e depois renunciando ao cargo de Presidente. O novo presidente que assumiu foi o marechal Floriano Peixoto, que foi o primeiro presidente eleito.

Mas o hábito de eleições já existia bem antes da própria Proclamação da República, quando em 1610 a 1768, existia no Rio Grande do Sul e nos países vizinhos, a República dos Guaranis, índios que viviam sem governo central, elegiam Conselhos com a função de governar a população indígena. Nesta República, a ocupação de cargos sempre era baseada em eleições. Não havia dinheiro e as terras e os produtos pertenciam a todos.





# A PÁGINA É SUA

Agora que o Cotrisol "mudou de roupa", ele coloca esta página à disposição de vocês, nossos leitores, para exporem aqui suas opiniões. Vocês podem colaborar com redações, desenhos, perguntas sobre algo que vocês queiram saber, inclusive sobre os assuntos abordados no próprio cotrisol. Esta parte do jornal terá uma secção para publicar as cartas que vocês escreverem e outra para expor trabalhos, desenhos e até mesmo estórias criadas por vocês mesmos. Depois do trabalho de vocês feito, é só mandar à Escola de 1º Grau Francisco de Assis — Fidene, Ijuí.

## PINTAR E JOGAR

Através desse jogo, vamos aprender ou lembrar alguns fatos que marcaram a História do Brasil. O jogo é fácil e conhecido de vocês, como "devagar se vai ao longe". É só pegar o dadinho e jogar. Conforme o número ou pontos conseguidos, você avança ou volta para trás, até conseguir chegar no fim do caminho.

**saída**

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 **chegada**

**Descoberta do Brasil:** avance quatro casas

**Vinda da Família Real para o Brasil:** regrida cinco casas

**Proclamação da República**  
**A abolição da Escravatura:** avance sete casas

**Invasão Francesa:** regrida 10 casas

**Entradas e Bandeiras:** fique uma rodada sem jogar

**Independência do Brasil:** avance três casas

**Inconfidência Mineira:** avance seis casas

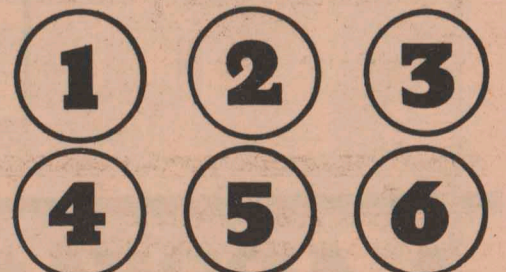
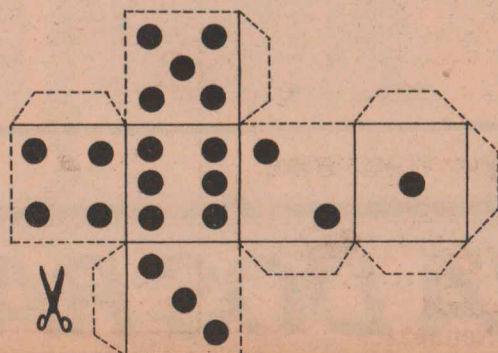
**Revolução Farroupilha:** avance 10 casas

**Campanha da Maioridade:** regrida oito casas

### FAÇA O SEU DADO

-----cortar  
- - - - -dobrar

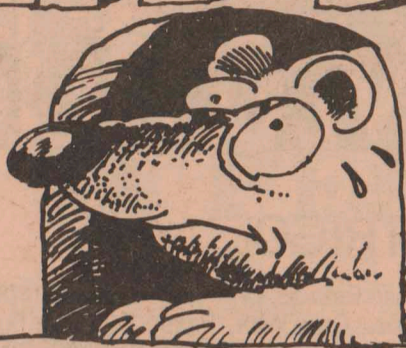
Depois de cortar e dobrar, você passa cola nas abinhas e vá colando da seguinte maneira: o quatro no cinco, o dois no três e por fim o um nos restantes. Espere secar e você terá seu próprio dado para jogar o jogo "devagar se vai ao longe". Se quiser reforçar o dado, depois de recortá-lo cola-o numa cartolina ou papelão.



Pinta as pedrinhas uma de cada cor e depois recorta-as para você marcar seus pontos no joguinho.



# ASSEMBLEIA DOS RATOS



Um gato, de nome Faro-Fino, deu em fazer tal destroço na rataria duma casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a pique de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembléia para o estudo da questão.

Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

— Acho, disse um deles, que o melhor meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim mal se aproxime a fera, o guizo a denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa idéia. O orador foi abraçado e gabado como o maior talento da geração. Posto a votos, foi o projeto aprovado em delírio. Só votou contra, um rato casmurro e muito positivo, o qual pedindo a palavra disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem amarra o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se, por não saber dar nó. Outro porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembléia dissolveu-se no meio de geral consternação.

## PARA VOCÊS RESPONDEREM:

1

Por que os ratos fizeram uma reunião?

.....

2

Para se defenderem do gato, o que pretendiam fazer?

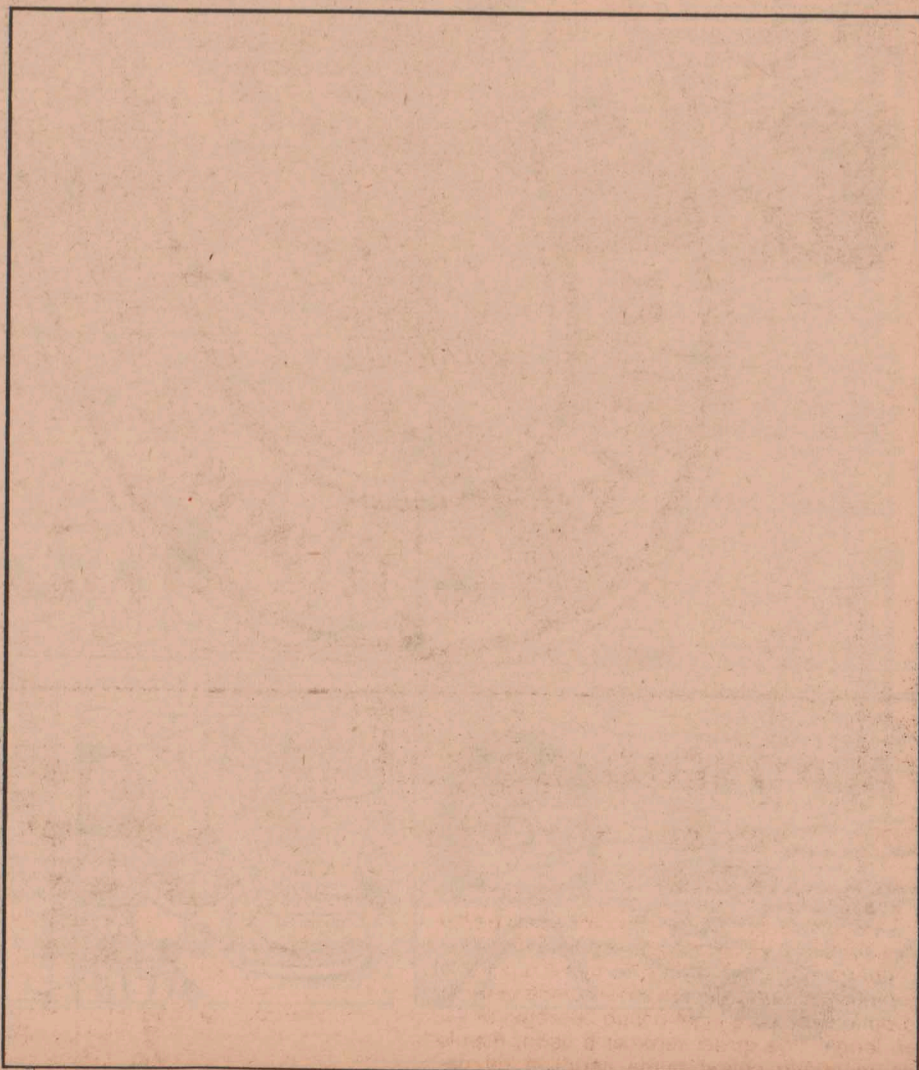
.....

3

Por que não deu resultado a assembléia?

.....

Neste espaço em branco, você desenha aquilo que lhe ocorrer depois de ter lido o texto acima.



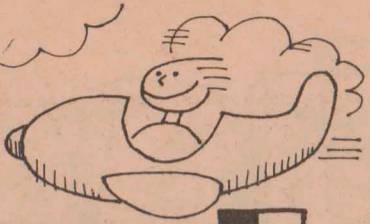
Monteiro Lobato, escritor brasileiro, nasceu na cidade de Taubaté, em São Paulo e publicou vários livros infantis.

- Viagem ao Céu
- História do Mundo para Crianças
- Memórias de Emília
- O Poço do Visconde
- A Reforma da Natureza
- A Chave do Tamanho

De Monteiro Lobato leia também:



# Gira Mundo



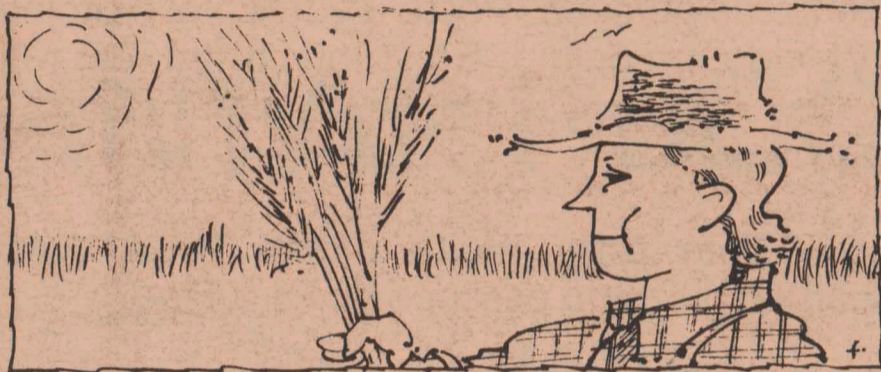
## PAPA

Vocês devem ter notado que a palavra Vaticano de repente ficou muito próxima de nós. É que em agosto morreu o papa Paulo VI. O Papa é o chefe supremo de todas as igrejas católicas. Foi preciso escolher um novo Papa. Foi eleito o papa João Paulo I, que após um mês, praticamente, de papado, morreu também. João Paulo I ficou conhecido como o Papa alegre, como o Papa amigo dos pobres, porque ele era a favor da distribuição das riquezas, para que não houvessem tantos pobres.

Agora, o novo Papa é João Paulo II, que é polonês. Do Brasil, viajou para Roma, para participar das eleições papais, o cardeal Dom Ivo Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros. Dom Ivo Lorscheider também chegou a ser lembrado para ser o novo Papa.

## TRIGO

A produção de trigo no nosso Estado, principalmente na região de São Borja, Santo Ângelo, Santa Rosa, Cruz Alta, Passo Fundo e Ijuí teve sua colheita encerrada este mês. O aspecto do trigo foi considerado muito bom. As perspectivas de negócios também parecem que vão ser muito boas. Por isto deverá permitir aos produtores um bom dinheiro. A produção deste ano será uma das melhores dos últimos sete anos, estando prevista a colheita total de 1 milhão e 400 mil toneladas. EM Ijuí a área de plantio cresceu, comparando-a com a do ano passado. Espera-se que sejam colhidas 176 mil toneladas.



## PRESIDENTE

Aqui no Brasil, também estamos vivendo um clima de eleições. Em novembro haverá eleições para escolha de senadores e para deputados federal e estadual. Igualmente deveríamos ter eleições para Presidente da República, pois no próximo mês de março, o general Ernesto Geisel deixa a Presidência. Quem vai ser o nosso próximo Presidente será o general João Baptista Figueiredo que foi eleito pelo Colégio Eleitoral, formado por representantes da Arena e do MDB, nossos partidos atuais.

Os atuais governadores dos estados brasileiros vão ser substituídos a partir de março do ano que vem. Os novos governadores que irão assumir foram escolhidos pelo presidente Geisel. Para o nosso Estado foi escolhido o vice-governador, atual, Amaral de Souza. Amaral de Souza será o próximo governador do Rio Grande do Sul.

